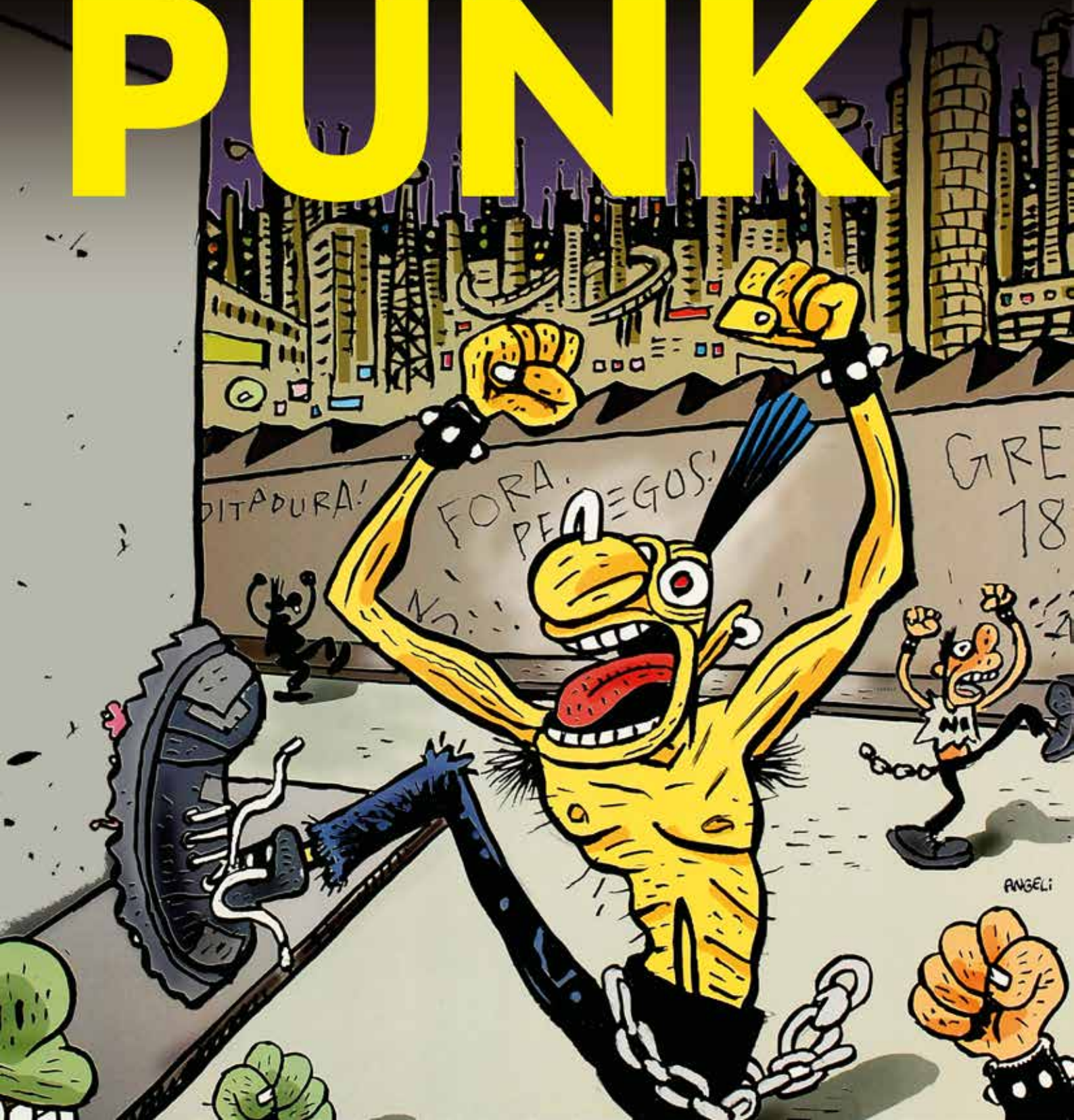


PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ

# ÓPERA PUNK



 **creative  
commons**





P R E F E I T U R A   D E  
**SANTO ANDRÉ**

REALIZAÇÃO - PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ

PAULO SERRA - PREFEITO MUNICIPAL

LUIZ ZACARIAS - VICE-PREFEITO

SIMONE ZÁRATE - SECRETÁRIA DE CULTURA

AZÉ DINIZ - SECRETÁRIA ADJUNTA DE CULTURA

MARCO MORETTO NETO - DIRETOR DE PLANEJAMENTO E PROJETOS ESPECIAIS

## ÓPERA PUNK

EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?  
IZABEL BUENO / JAIRO COSTA (ORGS.)

OUTONO DE 2023

## CAPA 1

ANGELI

## CAPA 2

MARCELLO VITORINO

## EDITORES

JAIRO COSTA / IZABEL BUENO

## PRODUZIDA POR

EDITORIA ESTRANHOS ATRADORES - REVISTA MORTAL

## REVISÃO

IZABEL BUENO

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

VANIA CRISTINA

## DIAGRAMAÇÃO/PROJETO GRÁFICO

JAIRO COSTA

## FOTOGRAFIAS

JAIRO COSTA / ARQUIVO REVISTA MORTAL / EDITORA  
ESTRANHOS ATRADORES / PREFEITURA DE SANTO  
ANDRÉ

## CONTATO

[revistamortal@gmail.com](mailto:revistamortal@gmail.com)

[estranhosatradores@gmail.com](mailto:estranhosatradores@gmail.com)

[www.facebook.com/revistamortal](http://www.facebook.com/revistamortal)

[www.estranhosatradores.com](http://www.estranhosatradores.com)

©© 2023 - Izabel Bueno/Jairo Costa  
Prefeitura de Santo André.

Realização Prefeitura de Santo André

## PESQUISA E ORGANIZAÇÃO



REVISTA  
MORTAL



## REALIZAÇÃO



P R E F E I T U R A D E  
**SANTO ANDRÉ**

# ÓPERA PUNK

EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

IZABEL BUENO  
JAIRO COSTA (ORGS.)



Para todos os punks do subúrbio operário!

**AGRADECIMENTOS:**

Alcemir Emmanuel, Andris Bovo, Antônio Pádua, Azê Diniz, Barata,  
Cláudio Cox, Daniel Tossato, Du Motta, Dunga, Edu Silva,  
Eduardo Elias de Moraes, Felipe Dominguez, Fhoutine Marie,  
Flávio Cruz, Guilherme Faleiros, Inarai, Isabela Costa, Jean Costa,  
Juliana Flamínio, Júlio Bastos, Júnior, Marcello Vitorino,  
Marcelo Dorador, Marco Moretto, Marcopablo Vitorino,  
Mariana Góes Bento, Mateus Novaes, Museu de Santo André,  
Nelson Xavier, Rafael Lima, Rodrigo Pinto, Simone Zárate,  
Sueli Teixeira Chaves, Thiago Ruivo, Vânia Cristina, William Contini.

**IN MEMORIAN**

Antônio Bivar  
Celso Daniel  
Maria Letícia Costa Leme  
Redson

**ÓPERA PUNK** EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

Marcello Vitorino.





# SUMÁRIO

PREFÁCIO: Ópera Punk – Existe alguém + punk do que eu? – **11**

APRESENTAÇÃO: Punks do ABC – **15**

1, 2, 3, 4: Uma breve história do punk – **19**

MARCO DO MOVIMENTO: O começo do fim do mundo – **25**

MÚSICA E TEXTO DRAMÁTICO: A cultura punk invade a ópera – **31**

O PROCESSO: Ópera Punk: como tudo começou – **35**

O DOCUMENTÁRIO: A Ópera Punk por seus mentores – **47**

ENTREVISTA EDU SILVA: Ninguém é dono de papel nenhum aqui! – **57**

ENTREVISTA BARATA: Estão montando uma bomba no palco! – **75**

ENTREVISTA MARCOPABLO: Parecia um sonho, um sonho punk! – **85**

ENTREVISTA VANIA CRISTINA: Os punks queriam shows... Criamos uma ópera – **95**

ROTEIRO ORIGINAL: Ópera Punk – Existe alguém + punk do que eu? – **115**

ARQUIVO: Ópera Punk na mídia – **160**

FICHA TÉCNICA E FOLDER DA ÓPERA PUNK – **190**

BIBLIOGRAFIA – **195**

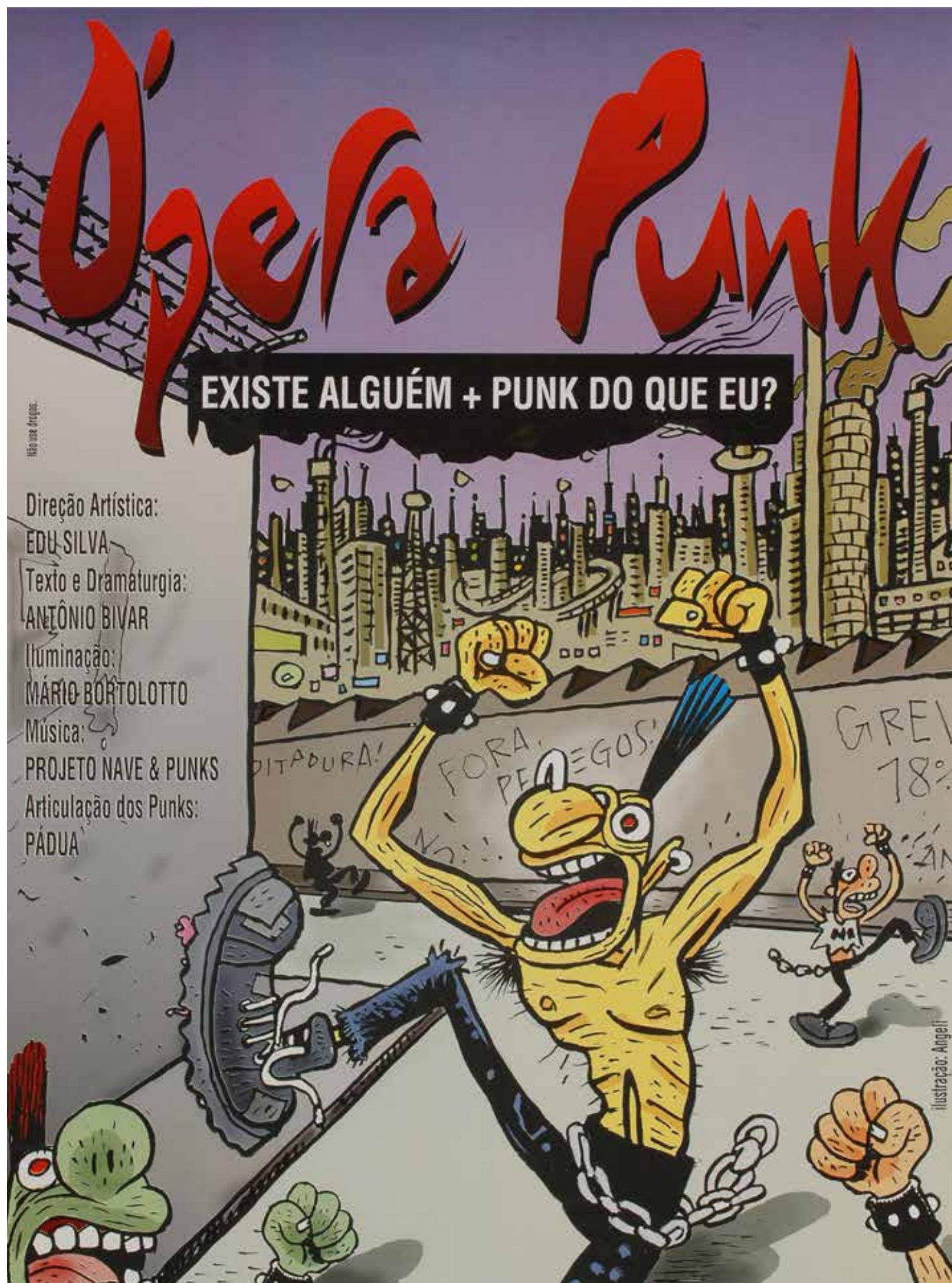


Ilustração: Angeli

Direção Artística:  
EDU SILVA  
Texto e Dramaturgia:  
ANTÔNIO BIVAR  
Iluminação:  
MÁRIO BORTOLOTTI  
Música:  
PROJETO NAVE & PUNKS  
Articulação dos Punks:  
PÁDUA

Ilustração: Angeli

# Ópera Punk

EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

# ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

“Uma ópera Punk?”

“Os Punks no Teatro Municipal de Santo André?”

“Os Punks montando um espetáculo junto com a Prefeitura?”

Estas e outras reações traduziam a estranheza e a desconfiança que a produção da “Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do que Eu?” provocava naqueles que se aproximavam da iniciativa. O evento era parte de um projeto maior da Prefeitura de Santo André chamado “Redescobrimo a Cidade”, que pretendia criar diálogos com grupos culturais e, em conjunto com a administração pública, desenvolver ações que pudessem traduzir de forma autêntica a imagem que gostariam de expressar. Assim, seria possível contrapor

clichês, estereótipos e preconceitos que eram geralmente associados a tais segmentos.

O esforço era voltado para implantar um conceito importante nas políticas de difusão do Departamento de Cultura: a ampliação do que é o fazer cultural para além das belas artes, entendendo Cultura muito mais como ações processuais do que eventuais. Foram iniciadas conversas com grupos, movimentos organizados e segmentos jovens como o Hip Hop, o estudantil, as rádios comunitárias, os fanzineiros, o rock, os punks. Desta série de diálogos nasceram vários projetos: o Parque da Juventude; a parceria com o Festival da UMES (Umesstock); as apresentações de artistas da MPB organizados pela Comissão de Música do então Conselho Municipal de Cultura; os shows com música regional na igreja de Camilópolis; o samba no Sacolão da Vila Luzita; as oficinas de Hip Hop no Saguão do Teatro Municipal e nos bairros; as Mostras Nacionais de Graffiti, além de tantas outras iniciativas potentes que dinamizavam a cidade, as periferias e colocavam a Cultura como uma pauta fundamental que

dá alicerce e alimento cotidiano. Um exercício de aceitação da diversidade e de que todos produzem Cultura nas suas diversas expressões.

Dentro deste contexto, em 1997, um grupo de integrantes do movimento Punk andreense procurou o Departamento de Cultura com a intenção de realizar atividades para marcar as comemorações dos 20 anos do movimento Punk no Brasil. A proposta era realizar um show. Mas a resposta do poder público foi surpreendente: "Show não! Vamos realizar algo que mostre toda a expressão do movimento Punk na cidade. Só vocês podem dizer como se deve fazer. Nós ajudamos."

Desafio aceito! Foram realizadas palestras, exposições, shows, mostras de fanzine, passeatas. O evento multifacetado aconteceu e foi um sucesso! Na sequência, o desdobramento era inevitável, porque buscávamos ações processuais. Só que, desta vez, a ideia era mais ambiciosa: no ano seguinte, os punks queriam ocupar espaços onde não costumavam estar presentes e mostrar sua expressão para a cidade, para aqueles que não eram Punks. E se esse desdobramento fosse a história do Movimento Punk? E se o desdobramento fosse um musical, uma ópera Punk? Escrita e encenada pelos próprios Punks, ocupando um dos espaços mais nobres da cidade para as artes: o Teatro Municipal de Santo André! Por que não? O produto final – a "Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do que Eu?" – estreou no

dia 18 de dezembro de 1998. Não poderia ser de outra forma: em uma inusitada sessão maldita à meia-noite no Municipal. Foi vista por centenas de pessoas, nesta e em outras apresentações, inclusive em outros municípios.

Mais detalhes e parte deste processo estão retratados nesta publicação através do olhar sensível de Jairo Costa e Izabel Bueno, observadores e participantes ativos da cena alternativa andreense. Eles contribuíram com pesquisa, organização, coleta de depoimentos e entrevistas de muitos personagens fundamentais para o desenvolvimento daquela iniciativa, agregando também suas visões pessoais.

Por motivos diversos, muita gente que participou ativamente da Ópera ficou fora deste primeiro registro, o que abre caminhos para futuras ações complementares. O que fica evidente em todas as falas aqui registradas é que a Ópera foi um marco. Para o público, pela potência e autenticidade do espetáculo que tiveram a oportunidade única de ver. Para os Punks e gestores públicos, por acreditarem nas possibilidades do diálogo e pela necessidade de se reinventar. Os Punks rompendo o preconceito de estarem próximos do Poder Público instituído. Os gestores encontrando caminhos diante da rigidez e da burocracia da estrutura pública para viabilizar as

ideias anárquicas e pouco convencionais que surgiram ao longo da produção.

É importante destacar que a intenção da Prefeitura de Santo André hoje, através da Secretaria de Cultura, ao viabilizar o registro desta experiência, traduz o papel que entendemos enquanto gestores. Que as políticas públicas contribuem (ou não) com a Cultura viva que existe nos territórios, que os projetos precisam ser dialógicos, construídos com a cidade, em sintonia com os territórios físicos e simbólicos, com os artistas, com os fazedores de cultura, com os usuários dos equipamentos, com as minorias, com as infâncias, com os periféricos, com os marginalizados, com todos os interessados.

Para isso, precisamos trabalhar diminuindo os estereótipos, sem medo das diferenças, com apreço pela diversidade. E, afinal, se trabalhamos com Cultura, precisamos ter coragem. Coragem, inclusive, de dar voz a quem tem tanto a dizer.

**Vania Cristina Ribeiro**

**Marco Moretto Neto**

Coordenadores da Ópera Punk (1997-98)

Secretaria de Cultura de Santo André



**APRESENTAÇÃO**

# **PUNKS DO ABC!**

*“Existe uma antiga rixa entre Punks do ABC e os da cidade de São Paulo. Rixa que regularmente acaba em brigas violentas. Misto de ciúme com bairrismo. Os do ABC são considerados os mais selvagens e primitivos punks (pelos mais cool, os da cidade), enquanto os da cidade são considerados boys (burguesinhos), pelos do ABC”.*

**ANTÔNIO BIVAR, 1983.**

**Por Jairo Costa e Izabel Bueno**

O Movimento Punk, surgido no final da década de 1970, encontrou no ABC Paulista um terreno fértil para se desenvolver e se replicar. A região operária, berço da industrialização brasileira, cheia de contradições entre o capital e o trabalho, viu o Punk se alastrar entre a juventude (em plena ditadura civil-militar), de forma rápida, infiltrando-se nas periferias de Santo André, São Bernardo, São Caetano, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Diadema e Mauá de tal modo que hoje, quase cinco décadas

depois, o movimento tornou-se parte da história do ABC, consolidando-se como um patrimônio cultural da região, e mantendo total identificação com o território e suas peculiaridades.

Mas a rebeldia que o Punk encarna e personifica não era novidade na região. Já nas primeiras décadas do século XX, a indignação, o ódio e a revolta contra o sistema

## ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

ecoavam dentro das fábricas Abcdistas, onde a ideologia anarquista, trazida por imigrantes espanhóis e italianos, predominava. Com uma massa de trabalhadores pobres e explorados a serviço de tecelagens, olarias e cantarias, a juventude de cem anos atrás já mostrava sua verve contestatória e combativa, como o episódio da greve de 1919 ocorrida na fábrica Ipiranguinha, em Santo André, pode comprovar.

No dia 5 de maio de 1919, reivindicando melhores condições de trabalho, um grupo grande de operários liderados por Constantino Castellani, composto majoritariamente

por mulheres e crianças, em uma ação direta, saiu em marcha pelo centro da cidade até a Oliveira Lima, que na época era uma rua de chão batido onde as primeiras fábricas do ABC se instalaram. Castellani, de apenas 19 anos, enquanto discursava, foi mortalmente atingido por uma bala de fuzil. O assassinato do anarquista é tido como o marco fundamental que organizou e politizou boa parte do chão de fábrica da região, dando início à uma longa militância política e sindical por parte do operariado da região.

A juventude, a rebeldia e o anarquismo militante de Castellani acabaram tornando o ativista morto pela força pública um mártir da luta social, um Protopunk, o primeiro punk do ABC. Seu exemplo e simbolismo acompanhou gerações de cidadãos em busca de justiça e liberdade. Depois de Castellani muitos outros seguiram lutando, seja contra o estado novo de Vargas, seja nos anos de chumbo da ditadura militar, seja nas grandes greves do ABC de 1979/1980 onde muitos punks compunham a linha de frente das passeatas e assembleias de trabalhadores.

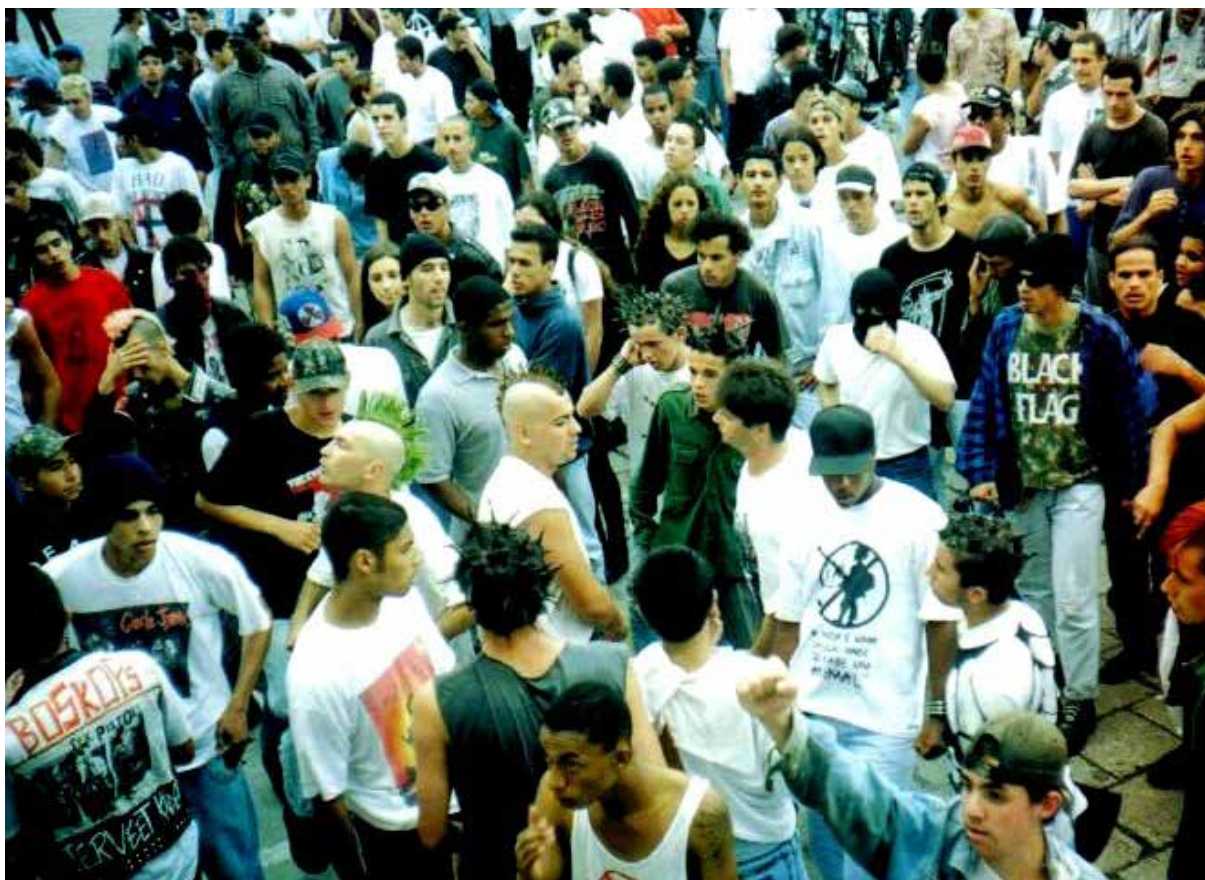
Este histórico século de lutas foi o berçário do movimento na região, que tem na “Ópera Punk, existe alguém + punk do que eu?” um dos seus momentos de pico. Produzida pela Prefeitura de Santo André, em parceria com um coletivo punk, em 1998, a ópera trouxe ao ABC nomes históricos ligados umbilicalmente ao movimento como

Arquivo Jairo Costa/Revista MORTAL/Editora ESTRANHOS ATRATORES.



**PROTOPUNK: CONSTANTINO CASTELLANI, O PRIMEIRO PUNK DO ABC.**





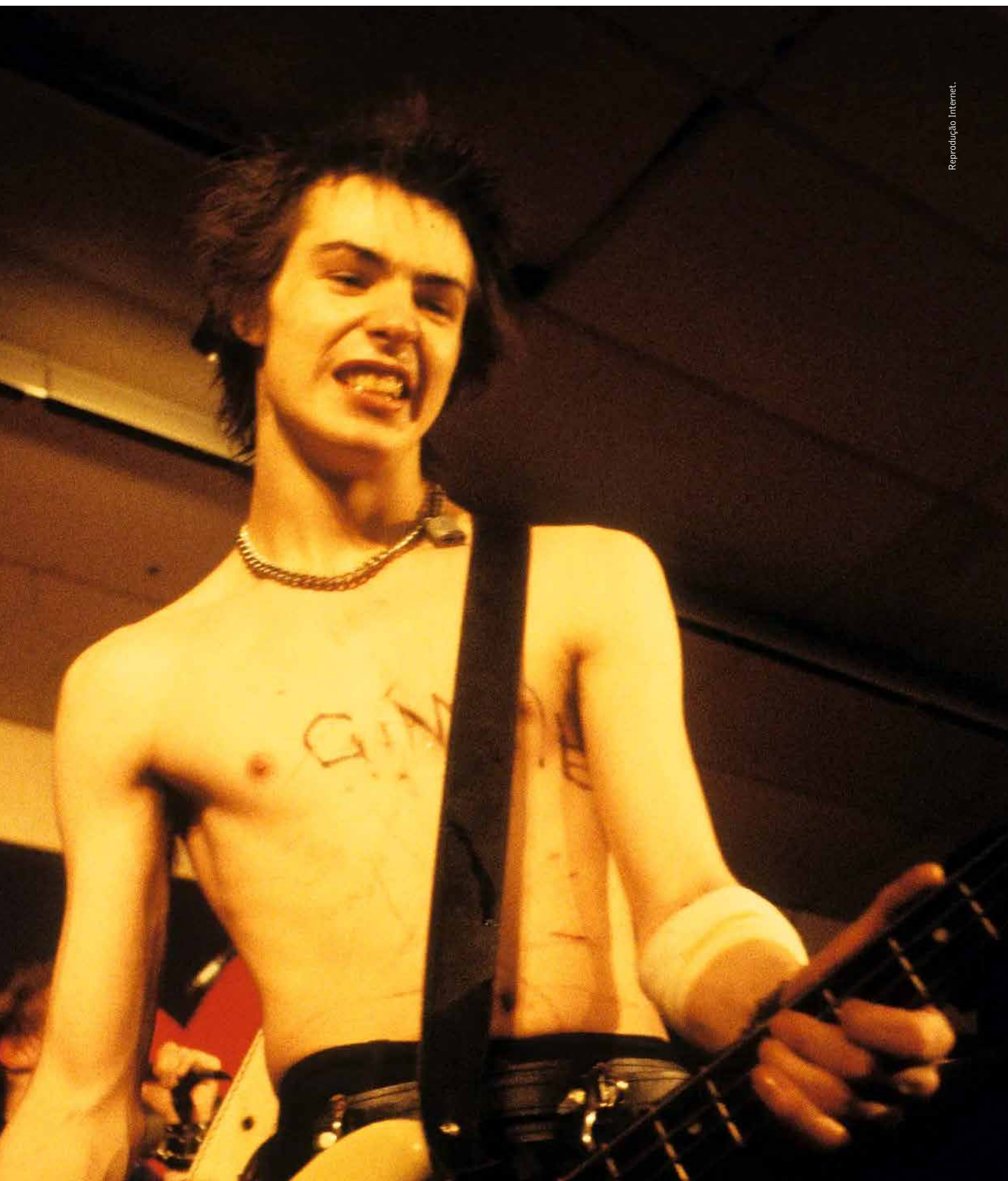
**COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DO MOVIMENTO PUNK NO PAÇO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ (1997).**

Antônio Bivar, Índio, Redson, Macarrão, Angeli, Pádua, Barata e Ariel para juntos comporem um espetáculo totalmente surpreendente e inédito: a primeira Ópera Punk montada no Brasil.

Passados 25 anos daquela grande vivência tribal e dramática que levou o Punk do ABC às manchetes dos principais cadernos de cultura do país como "O Globo", "Folha" e "Estadão", e após vários anos de pesquisa, reunimos neste livro-documento uma memorabilia daquela experiência marcante que levou a um palco erudito a fúria das

ruas do ABC para contar a história de uma geração de jovens anarquistas crucificados pelo sistema.

Este livro comemorativo, que só existe graças ao apoio da Prefeitura de Santo André, resgata através de entrevistas e documentos um momento da trajetória do Punk no Brasil e dá um passo adiante, finalmente criando espaço e dando voz e protagonismo aos Punks do ABC. Muito já se falou sobre a cena de São Paulo, capital, mas pouca coisa se encontra sobre o movimento em nossa região operária. Chegou a hora de contarmos a história dos sujos, furiosos, periféricos e esquecidos Punks do ABC e sua ópera antológica.



**UM, DOIS, TRÊS, QUATRO!**

# UMA BREVE HISTÓRIA DO **PUNK**

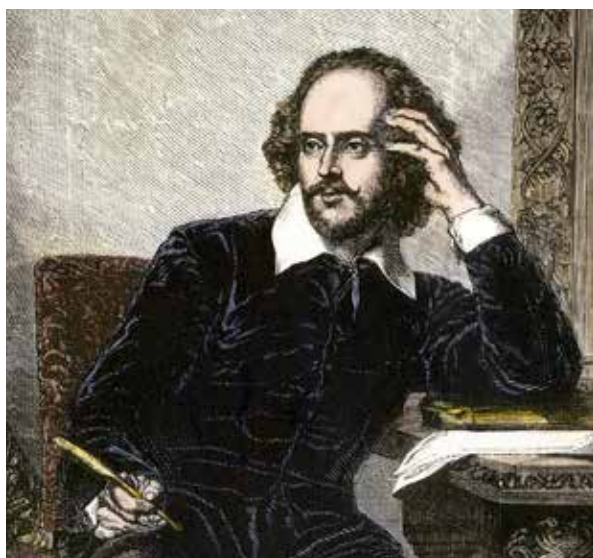
*“No future for you no future for me  
No future no future for you”  
SEX PISTOLS*

Nos anos 1970 alguns setores do rock tinham se tornado “maçantes e caretas”, o hard rock, o progressivo, aquilo enchia o saco. Músicas intermináveis, bandas cheias de virtuosos com seus instrumentos e seu glamour apontavam que a rebeldia roqueira da década anterior tinha transformado jovens incendiários em bombeiros dóceis a

serviço da indústria do entretenimento. Neste mesmo período, em contraposição à cultura hippie da paz e do amor, no submundo de Nova Iorque, a contracultura estava gestando um novo tipo de som, mais rápido, mais forte, mais curto, anti-ídolo, hiperideologizado, violento, sujo e contundente que acabaria ganhando o nome de Punk Rock!



**RUDY MARTINEZ, DA BANDA PROTOPUNK QUESTION MARK & THE MYSTERIANS.**



**WILLIAM SHAKESPEARE.**

Iggy Pop and The Stooges , New York Dolls, The Monks, MC5, The Velvet Underground, Richard Hell and the Voidoids, The Dictators são algumas das bandas consideradas como as precursoras do punk, também classificadas como protopunks. Bandas como Television, Ramones, Patti

Smith, Talking Heads, Johnny Thunders and the Heartbreakers, The Cramps, Blondie e Dead Boys, que costumavam tocar no icônico bar CBGB, também são consideradas fundadoras do estilo musical.

E no Reino Unido, bandas como Sex Pistols e The Clash expandiram o movimento punk para além da música, forjando a criação de uma tribo urbana niilista ultrapolitizada. Uma característica marcante do Punk foi incorporar ao movimento a filosofia do "faça você mesmo" (DIY ou "do it yourself"), atrelada às ideias de anarquismo e liberdade.

A palavra Punk tem seus primeiros registros na língua inglesa lá nos anos 1590 e significava prostituta, meretriz. William Shakespeare, no livro 'All's Well That Ends Well' (1605), usa a expressão "taffety



**QUESTION MARK & THE MYSTERIANS.**

punk" para descrever uma "prostituta bem vestida".

Outra palavra de origem escocesa "spunk", 'faísca', provavelmente deu origem à palavra ponk - usada na região de Delaware, nos Estados Unidos - que significava 'madeira podre usada como lenha'.

Em 1896 - provavelmente devido à conotação "podre" - punk tornou-se sinônimo de "algo inútil e sem valor" e, posteriormente, "jovem criminoso".

Em 1971, o lendário escritor de rock Dave Marsh, então um novato trabalhando para a revista CREAM, foi ver Question Mark & The Mysterians tocar em um clube perto de



**LOS SAICOS.**

Flint, em Michigan-EUA.

A banda era formada por quatro garotos mexicanos, filhos de trabalhadores migrantes que se estabeleceram em Michigan. Eles cresceram amando rock e blues e fizeram sucesso com o hino de garagem de 1966, a música "96 Tears".

Após o show, Dave Marsh voltou ao escritório do CREAM e "num acesso de entusiasmo" teve a ideia de que Question Mark & The Mysterians estavam tocando "punk rock". Foi a primeira vez, segundo os historiadores, que alguém anotou essa palavra associando-a à música.

"Foi enlouquecido e bonito e até com raiva. O vocalista Rudy Martinez tinha uma vantagem no palco que poucos artistas de meados dos anos 60 tinham", diz Marsh. "Não foi tão simples quanto parecia, mas parecia muito simples. Não era pretensioso e não tinha medo de se envergonhar."

A música que Question Mark & The Mys-



**BANDA "DEATH" EM 1971.**

terians faziam não era punk rock como o conhecemos hoje, mas, com o visual e a atitude do cantor à frente de seu tempo, há uma linha clara entre a banda e o punk de hoje.

Várias outras bandas são consideradas como precursoras do punk como a esquecida Death, formada em Detroit em 1971. Outra banda redescoberta no início dos anos 2010 e que é apontada como precursora do punk seria Los Saicos, do Peru.

### **Punk no Brasil, São Paulo e ABC**

O movimento punk desembarcou em terras tupiniquins no final dos anos 1970 em plena ditadura militar e a primeira banda formada por aqui se chamava Restos de Nada.

Outras bandas surgidas nesse período foram Cólera, AI-5 e Condutores de Cadáver. Nos anos 1980 o punk se alastrou pelo país provocando o nascimento de dezenas de bandas, como Os Replicantes e Pupilas Dilatadas, no Sul; a banda Homicídio Cultural, no Nordeste; e também em São Paulo, no ABC e no Rio de Janeiro, bandas como Passeatas, Hino Mortal, Ratos de Porão, Garotos Podres e Ulster.

Durante o final da década de 1970, havia duas lojas que os punks frequentavam e onde compravam seus discos: a Wop Bop e a Punk Rock Discos (do Fábio, da banda Olho Seco), na Galeria do Rock. Como a



**“RESTOS DE NADA” PRIMEIRA BANDA PUNK BRASILEIRA.**

maioria dos discos era importada e muito cara, era extremamente difícil conseguir material das bandas. Isso motivava a troca de materiais por meio de fitas caseiras. Um dos principais discos que influenciou o surgimento do punk rock no Brasil foi a “Revista Pop Apresenta o Punk Rock”, uma coletânea que continha 12 músicas de bandas como Sex Pistols, Ramones, Ultravox, London, Stinky Toys e outras. Os discos do Clash, dos Ramones e dos Sex Pistols também foram muito ouvidos, fora os discos do Stiff Little Fingers e do U.K. Subs, nos primórdios do movimento no Brasil. O primeiro disco de punk rock a ser gravado aqui foi a coletânea “Grito Suburbano”, que reunia três bandas: Cólera, Olho Seco e Inocentes. Era para terem participado da coletânea também as bandas Anarkólatras e AI-5, mas por causa de alguns problemas



**BANDA BRASILEIRA “AI-5”.**

na gravação, elas acabaram “ficando de fora”. A qualidade e a produção do disco é bem mediana, porém foi um disco corajoso, ousado e revolucionário para a época. O primeiro disco punk de apenas uma banda foi o EP “Violência e Sobrevivência”, do Lixomania.





MARCO DO MOVIMENTO

# O COMEÇO DO FIM DO MUNDO

*“O Terceiro Mundo vai explodir, quem tiver de sapato não sobra.”*

**BANDIDO DA LUZ VERMELHA - ROGÉRIO SGANZERLA**

Em 20 de janeiro de 1982, o Serviço Social do Comércio (SESC) inaugurava sua unidade no Bairro Pompeia, Zona Oeste de São Paulo. O local, uma antiga fábrica que produzia tambores e geladeiras entre os anos 1950 e 1960, dava lugar a um imponente centro cultural projetado por Lina Bo Bardi, a mesma arquiteta que projetou o Museu de Artes de São Paulo (MASP). Durante o ano, inúmeras foram as atividades artísticas que marcaram o início do SESC Pompeia, mas nada comparado ao antológico festival “O Começo do Fim do Mundo”, criado por Antônio Bivar (dramaturgo da Ópera Punk) realizado nos dias 27 e 28 de novembro daquele ano.



**“O COMEÇO DO FIM DO MUNDO” NO SESC POMPEIA (1982).**

Bivar, que era um dramaturgo já conhecido e premiado, diz que ao retornar do exílio na Inglaterra viu o movimento punk completamente vibrante em São Paulo e um dia apresentou, com Calegari, Meire e Mingau a ideia do festival ao SESC, que topou na hora, sem projeto, papelada, sem nada.

Durante aquele final de semana, São Paulo foi a capital mundial do punk. No dia 27 se apresentaram no palco do SESC Pompeia as bandas Dose Brutal, Psykóze, Ulster, Cólera, Neuróticos, M-19, Inocentes, Juízo

Final, Fogo Cruzado, Desertores. No dia 28 foi a vez de Suburbanos, Passeatas, Decadência Social, Olho Seco, Extermínio, Ratos de Porão, Hino Mortal, Estado de Coma, Lixomania, Negligentes. As fotos do festival correram o mundo e tornaram o evento mundialmente conhecido.

Em artigo escrito para a revista Penthouse, Bivar escreveu sobre os acontecimentos daquele final de semana, com destaque para os Punks do ABC: “O clímax do ano que passou foi o I Festival Punk no SESC

Penna. Prearo/Reprodução.



Penna. Prearo/Reprodução.

Fábrica Pompeia. Assim que a diretoria do SESC deu o "Sim", os punks partiram para a ação, convocando vinte bandas - entre elas quatro do ABC: as terroristas, Ulster e Hino Mortal, e as ultrassocialistas Passeatas e Decadência Social; preparando uma vasta exposição de fotos (bancada pela Fotoptica) e com a participação de uma dúzia de fotógrafos, entre amadores e profissionais; projeção em telão de muitos vídeos sobre punks em São Paulo; e mais uma barraca da Punk Rock, com discos, camisetas, botões, insígnias, livros, monogramas etc.

Um festival para punks se reunirem livre



Penna. Prearo/Reprodução.



**AS FOTOS DO FESTIVAL CORRERAM O MUNDO E TORNARAM O EVENTO MUNDIALMENTE CONHECIDO.**

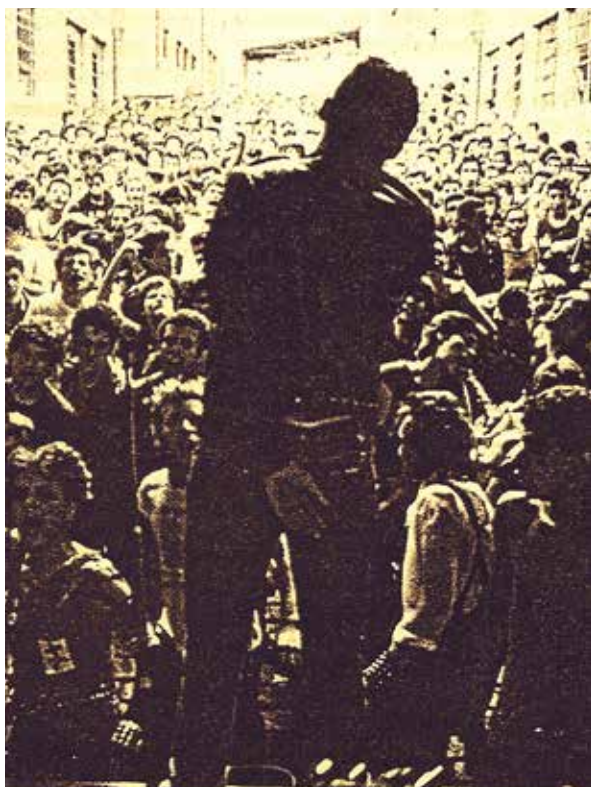
e gratuitamente, para o ABC e a Cidade acabarem com rixas e tretas; para que a sociedade e os curiosos tivessem a oportunidade de se aproximar dos punks, conhecê-los e vice-versa. E para que todos participassem de um acontecimento forte. O que, claro, foi. Com grandes momentos de puro arrepio.

Foi um acontecimento social que resultou inesquecível para muitos, traumatizante para outros. Imagine o leitor todas as facções ali presentes. Uns 2.000. E mais outro tanto de curiosos: desde velhinhos octogenários a jovens mães de família com seus rebentos, alguns deles ainda bebês de peito. Celebidades do demi-monde - Fernando Gabeira chegou, com amigos, no final da tarde do primeiro dia, querendo saber se os Ratos de Porão já tinham tocado. Pobres

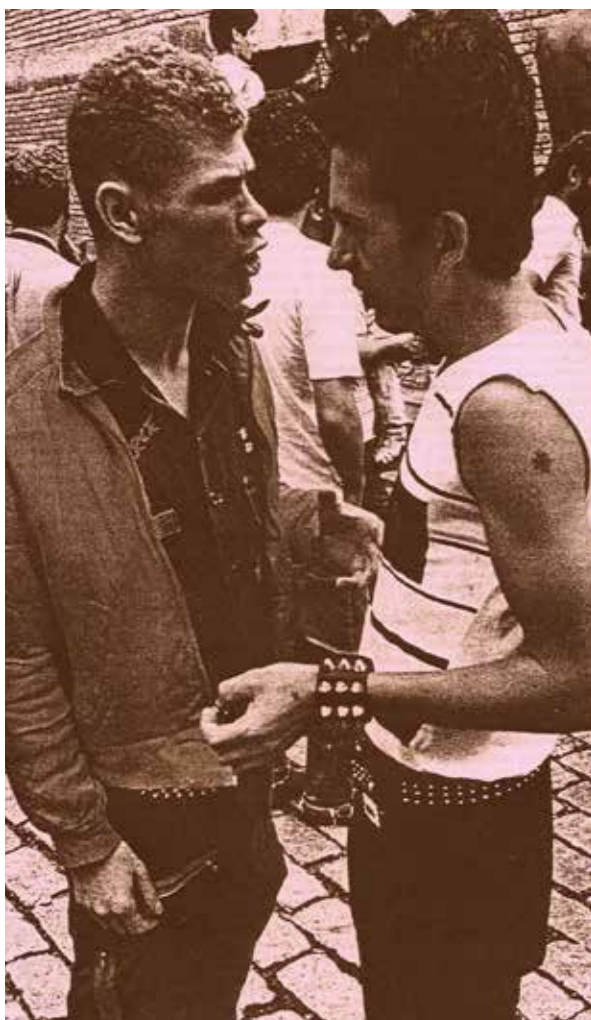
dos Ratos, quase nunca ninguém consegue vê-los tocando: sempre que tocam ou chega a polícia ou a polícia chegou antes e acabou com o som.

Ratos de Porão é uma banda cuja idade média de seus membros é 16 anos. Hierarquia ou Anarquia é um dos hits da banda. Todos os punks sabem o refrão. Embora Mingau, o guitarrista (15 anos) não saiba de cor nenhuma letra do grupo. O primeiro dia terminou deixando os organizadores e a diretoria do Sesc em dúvida se um segundo dia não seria realmente o fim do mundo (ou o fim da Fábrica Pompeia). Se o vandalismo começou no sábado, imagine o que não aconteceria no domingo. No final do sábado aconteceu uma treta entre vândalos e ganhões. Os ganhões, em guarda para que não acontecesse nenhuma ação que sujasse

Penna. Prearo/Reprodução.



Penna. Prearo/Reprodução.



a imagem do movimento, impediram no ato que alguns vândalos quebrassem o vidro de um carro parado na porta. Para tanto, quase racharam a cabeça de um vândalo. Entre outras pequenas tretas saturninas.

No domingo foi que a coisa esquentou para valer, quando uma facção altamente selvagem (primitiva) do ABC desgovernou-se, obrigando a intervenção dos garanhões da cidade. Centenas de punks correram para a rua, em frente ao portão de entrada, e, diante daquele espetáculo de roupas pretas, cabelos arrepiados, carecas, alfinetes na cara, corrente e porrete na mão, a vizinhança telefonou para o 7º Distrito Policial e num instante uma tropa de nove viaturas e dezenas de policiais armados como de praxe - e mais sua violência também de praxe - botou a centena de punks para correr SESC adentro. E aqueles que estavam distraídos admirando os painéis da exposição de fotografias ficaram apavorados com a invasão, gritos e correria de punks ao vivo escapando da polícia. Esta, ia pegando os primeiros punks que encontrava pelo caminho, punks civilizados que ali estavam conversando com o público normal; punkinhos, conscientes, a polícia ia levando todos. E levou um total de 25. Mas tudo terminou bem, pois o delegado viu que aqueles punks eram boa gente. E assim terminou o primeiro festival, com mais saldo positivo que negativo e até imagens para todo o Brasil via Embratel e Jornal Nacional.”



MÚSICA E TEXTO DRAMÁTICO

# A CULTURA PUNK INVAADE A ÓPERA

A ópera tem sua origem remota na Grécia antiga quando importantes filósofos e dramaturgos como Ésquilo, Eurípedes e Sófocles passaram a utilizar corais musicais para encenar as famosas tragédias gregas. Já a ópera moderna, nascida na Itália por volta do século XVI, por definição é um gênero dramático que é encenado acompanhado de música. A soma da poesia dramática manifestada pelo canto com a orquestração instrumental resulta nesta forma de arte clássica costumeiramente associada a uma cultura sofisticada, erudita e supostamente elitista.



**O MUSICAL "HAIR", DE 1967, TORNOU-SE SÍMBOLO DE UMA GERAÇÃO QUE PREGAVA A PAZ E O AMOR.**

No século XX, no entanto, a ópera passou a ser apropriada e subvertida por músicos que necessariamente não eram oriundos de sua escola original. No turbilhão da contracultura dos anos 1960, começam a surgir musicais de rock, sendo o mais famoso deles "Hair", escrito por James Rado e Gerome Ragni, que exaltava a cultura hippie e a revolução sexual. Ele estreou no circuito off-Broadway em Nova York-EUA em 1967 e já no ano seguinte se estabeleceu na Broadway como um enorme sucesso, contabilizando 1.750 apresentações. Em 1979, "Hair" virou filme de igual repercussão, dirigido pelo aclamado Milos Forman.

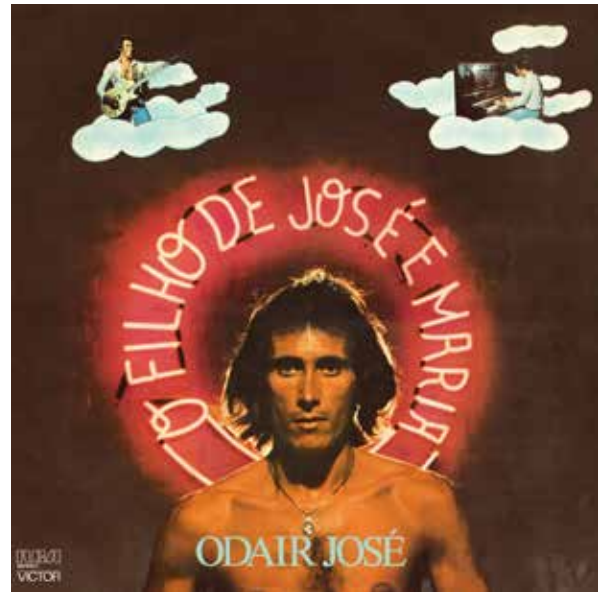
O musical "Hair" tornou-se símbolo de uma geração paz e amor, antiguerra do Vietnam; e a música "Aquarius/Let the Sunshine In" gravada pela banda The Fifth Dimension foi sua representação mais lembrada.

Em 1966, Pete Townshend, da banda The Who, apresentou ao produtor musical Kit Lambert uma gravação intitulada "Gratis Armatis"; e, em meio à audição dessa música teria surgido a expressão "ópera rock", fazendo Lambert exclamar: "Aí está uma ideia!". Em 1969, com ideias mais amadurecidas a respeito de como fundir uma ópera com o rock, o The Who lança "Tommy", trabalho batizado explicitamente de "Ópera



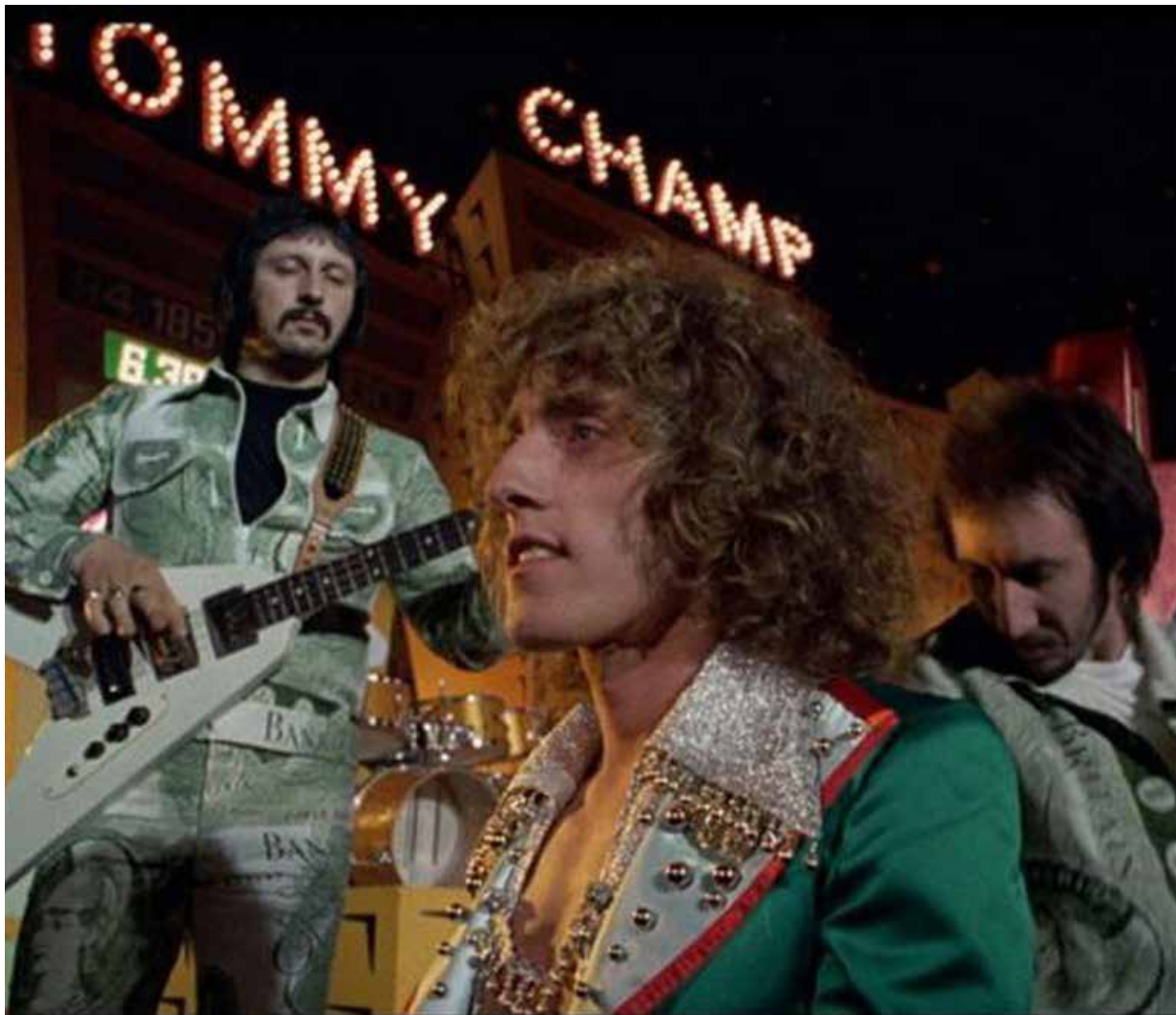
Rock”, que também se tornaria filme, balé e musical.

A partir disso, uma sucessão de artistas espalhados pelo planeta começaram a apostar nesse formato. Em 1971, Andrew Lloyd Webber lançou “Jesus Christ Superstar”; em 1972, David Bowie lança sua ópera rock “The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars”; em 1973, Lou Reed lança “Berlin”; em 1975, Queen lança “Bohemian Rhapsody”; e em 1979 Pink Floyd lança “The Wall”. No Brasil a primeira ópera rock é creditada a Odair José, com o disco “O filho de José e Maria”.



Reprodução Internet.

**ODAIR JOSÉ E SUA ÓPERA “O FILHO DE JOSÉ E MARIA”, LANÇADO EM 1977. ABAIXO, A ÓPERA ROCK “TOMMY”, DA BANDA THE WHO.**



Reprodução Internet.



## O PROCESSO

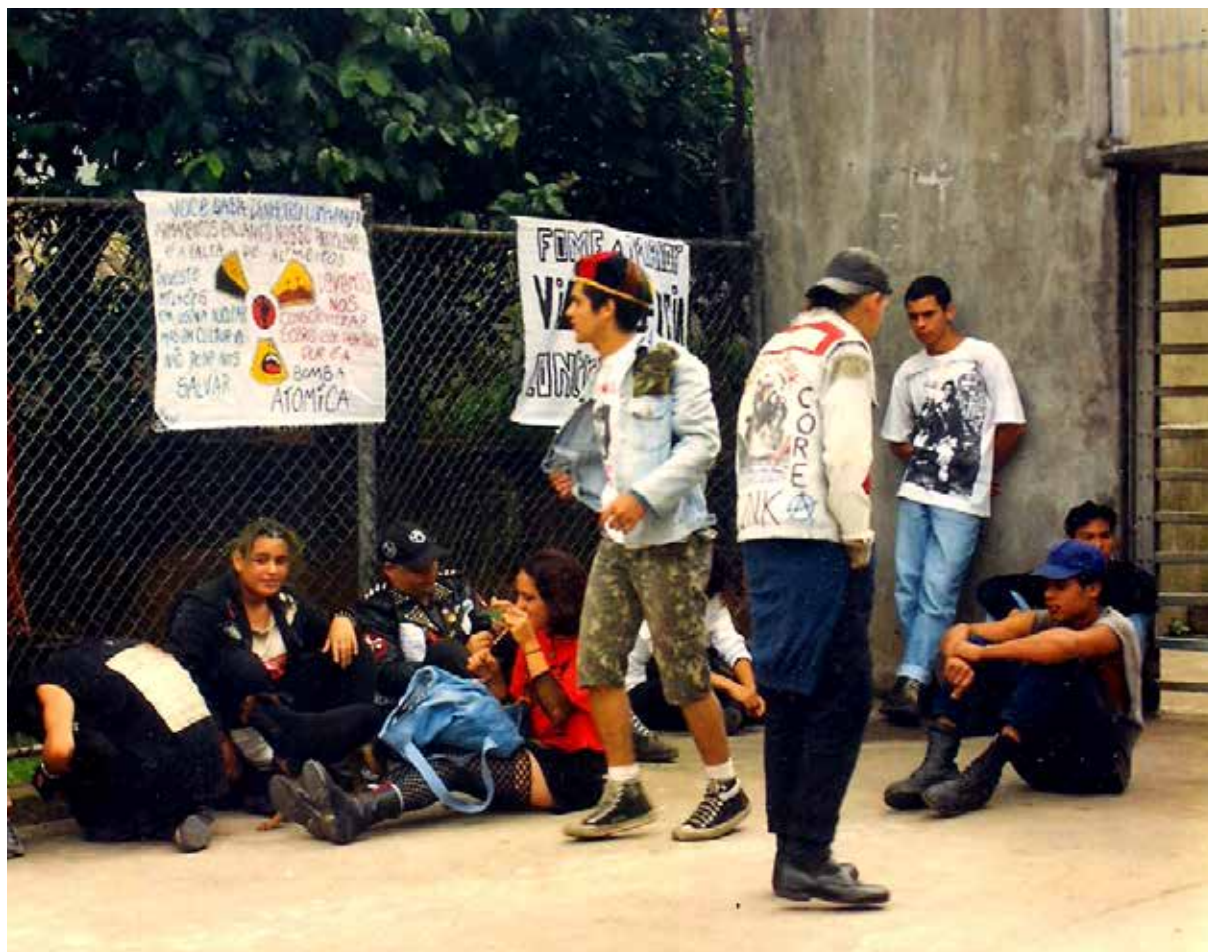
# ÓPERA PUNK: COMO TUDO COMEÇOU

*“O ABC tem cheiro de gás lacrimogênio”.*

**MAO - GAROTOS PODRES**

21 horas do dia 18 de dezembro de 1998. A movimentação no saguão do Teatro Municipal de Santo André é intensa e uma espécie de energia, uma eletricidade invisível está no ar. Jovens de todos os cantos do ABC e da capital paulista usando jeans surrados, cabelos pintados, jaquetas de couro, coturnos gastos, all stars coloridos e calças jeans rasgadas se olham nos olhos, confraternizam, se reconhecem.

O teatro, projetado pelo arquiteto Rino Levi e paisagismo de Burle Marx, inaugurado em 1971, foi concebido para receber apresentações cênicas eruditas (orquestrais) com destaque para grandes nomes da música clássica, como Ludwig van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart e Giuseppe Verdi. No entanto, acolheria, naquela noite, a zero hora, uma cessão maldita inusitada, uma apresentação incomum, o ensaio geral



**PUNKS NAS CATRACAS DA ESTAÇÃO DE TREM DE SANTO ANDRÉ SE PREPARANDO PARA A PASSEATA PELA PAZ, EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DO MOVIMENTO (1997).**

e definitivo da montagem “Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?” que estrearia para o público geral em curta temporada no dia seguinte, sábado, no mesmo local.

Mesmo em uma era pré-internet, em que inexistiam redes sociais e smartphones, salvo por algumas matérias de jornais que falavam sobre a montagem do espetáculo, as expectativas eram enormes tanto do público e da imprensa quanto da direção do espetáculo, realizada pelo jovem estreante (na época) Edu Silva. A dramaturgia foi assinada pelo veterano Antônio Bivar, dra-

maturgo consagrado do teatro paulistano, autor do livro “O que é Punk?” e criador, em 1982, do mítico festival “O começo do fim do mundo”, realizado no Sesc Pompeia. Com elenco formado por aproximadamente 40 pessoas, a maioria não atores, adolescentes e jovens adultos, punks oriundos de vários grupos de todo o ABC e de São Paulo, a ópera começou a ser forjada dentro de um programa da Prefeitura de Santo André chamado “Redescobrimo a Cidade”. Esse programa propunha estreitar a relação do poder público municipal com movimentos juvenis e suas práticas culturais.

Marco Moretto, responsável pela coordenação geral da ópera, em depoimento dado à época comentou sobre o surgimento das primeiras conversas com o movimento punk: “O trabalho com os punks fez parte de um projeto maior da prefeitura, que é chamado Redescobrimo a Cidade. Nesse projeto, a gente procurou identificar grupos que possuem uma atuação cultural, como o movimento punk, o movimento hippie hop, e outros grupos que atuam em Santo André, mas ou não são conhecidos pela população ou são vistos de uma forma estereotipada por ela. A partir do momento que a gente identifica esses grupos, a gente começa a

iniciar uma discussão com eles para conhecermos um pouco melhor e traçar ações em parceria”.

Segundo Moretto, esse trabalho de identificar os movimentos e ouvir suas demandas resultou em uma primeira atividade ocorrida em novembro de 1997, pensada para comemorar os 20 anos do movimento punk. O evento começou com a passeata “20 anos pela paz”, que saiu da estação de trem de Santo André, cruzou o calçadão da Oliveira Lima, a avenida Perimetral e atingiu seu ápice no paço municipal, onde se apresentaram as bandas Cólera, Subvidentes, Deserdados, Invasores de Cérebros.

Secretaria de Cultura/Prefeitura de Santo André.



PASSEATA PELA PAZ SUBINDO O CALÇADÃO DA RUA CORONEL OLIVEIRA LIMA (1997).

**ÓPERA PUNK** EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?





Secretaria de Cultura/Prefeitura de Santo André.



**PUNK CARNIÇA DURANTE PASSEATA PELOS 20 ANOS DO MOVIMENTO PUNK. AO LADO, SHOW NO PAÇO MUNICIPAL (1997).**



**O DRAMATURGO ANTÔNIO BIVAR (1998).**



**O DIRETOR EDU SILVA (1998).**



**O ARTICULADOR DOS PUNKS, PÁDUA (1998).**

O evento contou com a participação da União Municipal de Estudantes Secundaristas de Santo André (UMES) e teve debates, exposição de fanzines, entre outras atividades, agrupando muitas pessoas do movimento.

Após esse evento, a prefeitura e os participantes fizeram uma avaliação e constataram que, apesar de ter atraído grande público, a ação não atingiu pessoas que não eram ligadas ao punk. Foi então que começou a se desenhar um evento diferenciado para o próximo ano.

As discussões iniciais caminhavam para a montagem de um musical mas, após várias reflexões e considerações sobre o que se queria produzir e quem atingir, a proposta de uma ópera ganhou corpo.

Vânia Cristina, agente cultural que viveu os primeiros dias de aproximação do poder público com o movimento punk e esteve presente até a conclusão do projeto da ópera, conta que eles decidiram trabalhar com aquela juventude e comemorar os 20 anos do movimento, para mostrar à cidade o que o punk significa para Santo André e o que significava para o mundo. Ela comenta que: "A primeira ação que a gente fez na época foi com o grupo Motim Punk. Participavam o Pádua, o Danone, tinha outro rapaz também, não vou lembrar o nome dele. Eles foram os primeiros que procuraram a gente. E aí surgiu a programação dos 20 anos do movimento punk. Foi um sucesso, veio gente de vários pontos do país. A





**ENSAIO DA ÓPERA PUNK: EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?, NO TEATRO CARLOS GOMES (1998).**

gente ocupou o auditório, a gente começou a mexer em coisas bastante delicadas, que foram os conflitos que aconteceram entre os punks do ABC e os punks de São Paulo. A gente teve na mesa de debates justamente representantes dos dois grupos. Isso foi assim inédito e impressionante, né? Ter os caras conversando juntos, até porque os conflitos foram bastante sérios no passado e tudo correu bem”.

O dramaturgo da “Ópera Punk”, Antônio Bivar, ganhador de importantes prêmios do teatro brasileiro e que tem sua história profissional e de vida totalmente ligada aos

momentos-chave do punk no país, declarou em entrevista ao jornal “O Globo”, em 13 de setembro de 1998: “Fui convidado para fazer a dramaturgia porque temos [ele e os punks] um bom relacionamento desde 82, quando meu livro foi lançado. Discutimos as ideias juntos, como num workshop. Meu interesse no projeto aconteceu com a alma. Pela identificação. Fui exilado e vivi a experiência hippie na Inglaterra. Quando voltei ao Brasil, na década de 80, o movimento punk estava sendo feito com garra”. Para construir alianças, selar a paz entre grupos rivais de São Paulo e do ABC e con-



**ENSAIO DA ÓPERA PUNK NO TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ (1998).**

vencer o movimento a embarcar no projeto da montagem da ópera, coube a Antônio Pádua, à época com 38 anos, assumir a tarefa de fazer a articulação com os punks. Pádua, também conhecido como “Gancho” ou “Capitão Gancho”, ex-metalúrgico do ABC, no início dos anos 1980 tinha integrado a gangue Punk Anjo, de São Bernardo do Campo. Vocalista da banda Passeatas, considerada a primeira banda genuinamente punk do ABC, que atuou de 1979 a 1982, Pádua entrou para a história mundial do movimento quando perdeu a mão direita enquanto manuseava uma bomba caseira durante confronto com um grupo rival de São Paulo. “Desde que assisti à ópera rock “Tommy”, do The Who, um pensamento não

me saiu da cabeça: por que não fazer uma ópera punk?”, disse ele em entrevista a um jornal na época.

Edu Silva, diretor da façanha, conta que chegou ao projeto da ópera a convite de Antônio Pádua. Antigos conhecidos, eles haviam trabalhado juntos num grupo amador de teatro em meados dos anos 80 e depois se distanciados. Edu conta que, ao chegar em Santo André para conhecer o projeto, achou tudo muito rico, principalmente pelas pessoas que estavam dando suporte para que tudo acontecesse: “Bom, pra variar, eu nunca tinha dirigido uma ópera, muito menos punk (risos), então eu estava ali dentro dessa equipe, e nós começamos um processo que era um processo colaborativo, né? O



Bivar com a escrita do livro dele. O Redson, que tinha essa carreira como vocalista da banda "Cólera" ou mesmo dentro do Movimento Punk, né?".

O guitarrista Marcospablo, fundador do Projeto Nave, uma das bandas mais importantes de Santo André, entrou para a história da Ópera Punk de uma forma inusitada. Um dia, ao perceber um grupo de punks dentro do saguão do teatro, resolveu entrar para ver o que estava acontecendo e acabou de uma hora para outra assumindo a responsabilidade de ser a banda base da ópera: "Fui até o centro para comprar uma corda pro violão, e então, no percurso até a Vila Alpina, onde eu ensaiava com o Projeto Nave, vim caminhando, passando pelo paço e vi uma movimentação de punks entrando no saguão do teatro. Eu estava passando com meu violão na capa, indo pro estúdio, vi os caras e pensei: "O que tá acontecendo?". Eu entrei e fiquei observando. Então eles estavam fazendo algumas cenas assim, normal, e em algum momento eles falaram "aí vai ter tal música nessa cena" e começavam a cantar e... "o cara não veio hoje, o cara não veio". Aí eu percebi que alguém que ia tocar não tinha ido naquele ensaio, eu levantei a mão e falei "tá precisando de alguém pra tocar e tal?". Ficaram me olhando... "Eu posso tocar algumas pra vocês ensaiarem". Vieram uns três, quatro... "Toca aí, toca aí". Aí eu fiz algumas músicas que eu sabia tocar, que eu me lembrava, no violão. Quando fui per-



ceber eu estava inserido já na coisa ali". Barata, vocalista da histórica banda punk DZK, atuou como ator na montagem original da Ópera e lembra bem o que simbolizava aquela iniciativa para pacificar o movimento. Se em 1982 o festival "O começo do fim do mundo" foi uma tentativa de paz, em 1998, com a ópera, também foi outro momento marcante, ajudou a diminuir as brigas e as mortes: "A Ópera contava parte das brigas que tinha entre São Paulo e ABC. Sempre teve essa treta, né? "Você não vem prá cá!" e ninguém podia ir pra lá. Eu até falo pro pessoal, essa época do punk foi uma época que teve muita perda... De gente. Teve perda também de oportunidades, de estar participando de muitas coisas, né, do que estava rolando em São Paulo. Ninguém chamar a gente. Os caras iam lançar lá o Grito Suburbano, o Sub, e falavam "Pau no cu do ABC!". Era assim que eles falavam. Era bem assim mesmo! "Pau no cu do ABC!" Hoje não. Hoje tá todo mundo aí, você vai pra São Paulo e "Opa!" e os sobreviventes que estão aí conversam: Naquela época tinha o quê? Tinha os punks Anjos. Tinha os punks Carniça. Macarrão tinha os punks Fedor, com quem ele andava. Ficavam por aqui, nunca iam pra São Paulo. Eu, quando vim na época, no começo da Ópera Punk, tinha um pessoal de São Paulo que vinha também pra contracenar com a gente, sem treta nenhuma."



O DOCUMENTÁRIO

# A ÓPERA PUNK POR SEUS MENTORES

*“O punk do Brasil, além da parte musical, foi assimilado assim de forma diferente, né? Com uma roupagem diferente, bem mais política.”*

**PÁDUA - CAPITÃO GANCHO**

No ano de 1999 a prefeitura de Santo André produziu um minidocumentário de aproximadamente 15 minutos sobre a “Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?”. O material foi dirigido, roteirizado e editado por Jeferson De. O vídeo traz depoimentos de Marco Moretto, coordenador geral da ópera, Edu Silva, que dirigiu o espetáculo, Antônio Bivar, dramaturgo que criou a versão base do texto, e Antônio Pádua, articulador do movimento punk. No documentário, os mentores intelectuais da “Ópera Punk” apresentam suas visões sobre o processo de construção do espetáculo no momento em que ele foi concluído. Considerações sobre o movimento, a atitude e a satisfação de ter feito parte do projeto são algumas das falas importantes do documentário. No texto a seguir, reproduzimos as falas dos criadores da Ópera.



**REGISTRO HISTÓRICO: DA ESQUERDA PARA A DIREITA, EDU SILVA, ANTÔNIO BIVAR, PÁDUA E REDSON.**

**MORETTO** – Esse trabalho com o Movimento Punk faz parte de um projeto maior da prefeitura, que é chamado “Redescobrimos a cidade”. Nesse projeto a gente procurou identificar grupos que possuem uma atuação cultural na cidade, como o Movimento Punk, o movimento Hippie Hop, e outros grupos que atuam culturalmente na cidade, mas ou não são conhecidos pela população ou são vistos de uma forma estereotipada por ela. A partir do momento que a gente identifica esses grupos, a gente começa a iniciar uma discussão com eles para conhecermos um pouco melhor e traçar ações em

parceria com esses grupos para que eles possam revelar essa atuação para a cidade. Foi assim que a gente iniciou o trabalho com os punks em 1997, quando fizemos um evento comemorando os 20 anos do movimento. Esse evento foi composto por uma passeata, debates, exposição e um show e ele teve um efeito muito interessante, agrupou muitas pessoas do movimento na cidade. E a partir do resultado desse evento, nós fizemos uma avaliação e percebemos que apesar de ter atingido bastante o movimento ele não atingiu pessoas que não eram ligadas ao movimento e aí nós come-



çamos a desenhar um evento diferenciado para o próximo ano, que seria 1998, e aí tivemos a ideia, a partir das discussões, de começar a pensar em fazer um musical. E a partir do momento que a gente começou a discutir um pouco mais detalhadamente, surgiu a ideia de fazer uma ópera.

Essa “Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?”, teve textos, músicas, cenários, figurinos, todos feitos por pessoas ligadas ao movimento punk, orientados por profissionais como Antônio Bivar, Mário Bortolotto e Edu Silva. Foi um trabalho de um ano, em que a gente se reunia praticamente todos os finais de semana. Essas discussões, ensaios e a elaboração desse

espetáculo, é onde acho que todos nós aprendemos muito, acho que a prefeitura aprendeu um pouco também a ouvir e a se relacionar com esses grupos que atuam na cidade e a mudar um pouco o seu papel, de proponente para parceira, em ações com esses grupos, e acho que o Movimento Punk descobriu que é possível trabalhar junto com o poder público, preservando a sua identidade.

**BIVAR** – Então, o punk é um movimento, todo mundo sabe. Ele surgiu numa época em que o rock estava estratosférico, tudo, enfim, tinha perdido a mensagem original inicial do rock, que era uma coisa nua e crua.

Secretaria de Cultura/Prefeitura de Santo André.



ELENCO DA “ÓPERA PUNK: EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU” DURANTE ENSAIO EM 1998.

## ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

Então ele surgiu na Inglaterra em 1976/77 como uma atitude, uma declaração, um estilo que era contra principalmente toda a estética hippie, né? Aquela coisa do cabelo comprido, aquela coisa do paz e amor e tal. O punk veio e fez uma brigada pra derrubar tudo isso aqui. Um movimento basicamente anarquista.

**PÁDUA** – A concepção de punk para as pessoas daquela época era ser contra tudo, né? Ser punk no final da década de 70 você tinha que contestar o estilo musical que ainda rolava na época que era uma coisa assim, que já estava bem ultrapassada, já assim, então a gente contestava esse lado musical lá da estrela, do rock.

**BIVAR** – Essas coisas que o punk tinha causou mais impacto no visual do que pela música propriamente dita. Tudo era uma coisa nova também, uma coisa do faça você mesmo. Eu tenho falado muito da Inglaterra porque foi de lá que o movimento surgiu, embora os americanos, o pessoal de Nova York ache que tenha começado lá também, mas começou de um jeito menos briguento. Então, na moda, por exemplo, a rua Kings Road na época era o lugar da moda onde os estilistas, onde a moda tava na rua... o punk chegou também através de uma pequena lojinha, a Sex, do Malcom McLaren e da Vivienne Westwood.

**PÁDUA** – O punk aqui no Brasil, além da parte musical, como eu falei agora há pouco,

Secretaria de Cultura/Prefeitura de Santo André.



PARTE DO ELENCO DA ÓPERA PUNK COM AGENTES CULTURAIS DA PREFEITURA DE S. ANDRÉ (1998).

ele aqui foi assimilado de forma diferente, né? Uma roupagem diferente, bem mais política. Um punk aqui, por exemplo, da região do ABC, ele tinha, de certa forma, algum envolvimento com movimentos, que na época estavam se destacando, né? Por exemplo, o sindicalismo aqui no ABC.

**BIVAR** – No Brasil, o punk chega quase que imediatamente por causa da mídia, porque a mídia, já na época as notícias chegavam rápidas. E é engraçado que os punks dizem assim que eles tomaram conhecimento pela primeira vez do movimento dentro de uma coisa que eles são completamente contra, que é o sistema, a Globo, o Fantástico. Então eles viram o punk pela primeira vez no fantástico.

**PÁDUA** – É inegável que a referência do punk tupiniquim, né, como é conhecido, é aqui de São Paulo. É... mas hoje a gente pode falar do movimento em termos de território nacional. A gente pode falar isso com segurança, inclusive, se baseando nos fanzines, porque esse intercâmbio né... através desse mecanismo tão direto de informação que é o fanzine, então ele fornece pra gente esse tipo de informação, tanto é que eu acho, por exemplo, que hoje pra se falar do movimento punk, por exemplo, antigamente era impensável você imaginar punk no Rio de Janeiro. Quando a gente falava assim, "Será que algum dia vai ter punk no Rio de Janeiro?", é porque

é uma coisa tão né, característica do Rio de Janeiro, mulata e Carnaval, essas coisas, como também na Bahia, né? A gente não imaginava que saísse punk da Bahia, né? E até no Ceará tem, como até mesmo no Amazonas a gente tem punks, inclusive punks envolvidos diretamente com a causa indígena mesmo.

**PÁDUA** – O próprio nascimento do PT foi paralelo ao movimento punk. Tanto que algumas vezes a gente chegou até a disputar alguns espaços com o Partido dos Trabalhadores, porque a gente achava que, na época, o Partido dos Trabalhadores não tinha toda aquela coisa assim pra representar esse pessoal insatisfeito, esses jovens insatisfeitos.

**BIVAR** – No ABC, por causa das indústrias e tudo, ele [o Movimento Punk] ele tem uma postura mais, digamos assim, politizada, eles estavam próximos das greves dos metalúrgicos, do surgimento do Lula então fica forte ali. Quando eu chego aqui [do exílio] e vou escrever o que é Punk, eu vejo que aqui também as pessoas estavam protestando contra o sistema, contra as injustiças, eles pegaram o fim da ditadura no Brasil.

**PÁDUA** – Já quando surgiu, o punk foi visto pela própria comunidade mesmo, não vou falar pela sociedade, vou falar pela comunidade, ali mesmo onde eles conviviam, eles



**VISÃO GERAL DO CENÁRIO DA ÓPERA.**

eram vistos com bastante simpatia, né?  
Eu me lembro muito bem que em algumas cenas de greve em São Bernardo os metalúrgicos se encantavam bastante com a ousadia que os punks tinham de pegar aquelas bombas de gás e devolver pra polícia de choque, né?

**BIVAR** – A “Ópera Punk” é histórica, contando o surgimento do movimento no Brasil, no ABC, em 1977, mas principalmente em 1979, quando coincide com a greve dos metalúrgicos, e ela conta a história das brigas entre punks do ABC e de São Paulo durante todo esse tempo, e termina apoteoticamente em 1982, neste festival “O começo do fim do mundo”, no SESC Pompeia.

**PÁDUA** – Então, de repente, o próprio movimento, né, brigando assim entre si, isso não estava ficando legal. E pra quem realmente tinha se tornado punk, não tinha se tornado punk por uma questão de modismo pra conseguir uma namorada. Realmente existia uma preocupação assim... em dar sequência a esse movimento, porque na verdade foi um movimento que conseguiu aglutinar na época todo tipo de gente, do negro, do judeu ao nordestino, ao descendente de europeu, a todo mundo, no geral.

**BIVAR** – E o como foi o festival? Foi uma coisa maravilhosa, porque juntou o ABC com São Paulo e tudo teve uma paz, tirando algumas pequenas tretas entre algumas gangues, teve uma grande paz porque ABC

e São Paulo subiram todos aos palcos, todas as bandas. Tinha 20 bandas. Todas as que tinham, as que estavam começando e as que já existiam antes, elas subiram no palco pra tocar e saiu um disco do festival.

**PÁDUA** – Foi nesse período que ocorreram os fatos, assim, mais importantes dessa rivalidade, as brigas, as mutilações, morte, né? E depois houve aquela preocupação de algumas pessoas do movimento tanto aqui do ABC quanto de São Paulo, de dar um basta nisso né?

**EDU SILVA** – Então quando a gente começou a montar esse trabalho com os punks, acabei sentindo que tinha esse teor de discussão e consciência de quem tá fazendo, porque se quer sempre buscar a consciência de quem tá assistindo, né? Então, como era um ponto de colocação histórica de um movimento específico, sociológico, muito forte, que até hoje perdura, ficou muito interessante. Pra mim foi muito bom tá lembrando isso, de estar fazendo um tipo de teatro totalmente discutido, né? Não vou nem colocar a questão discutível, um teatro discutível, mas um teatro discutido, onde todo mundo está consciente do que tá fazendo. Então só saiu esse trabalho porque as pessoas discutiam muito também.

**BIVAR** – E foi um trabalho estimulante porque você via a geração original e uma nova geração que tinha 16, 17 anos entrando na

coisa com toda a energia, e pessoas não punks participando também com entusiasmo, como sempre foi, como foi no começo, em 1982, conseguir juntar essa gente toda e o que saía de espontâneo, de criativo...

**EDU SILVA** – O resultado? Quando a gente vê o público reagindo no primeiro dia, né? Até entrei em cena também, me deu vontade de entrar em cena. Entrei em cena.

**BIVAR** – O que eu achei fantástico é que, na experiência teatral, quando se faz teatro, sempre há o diretor, sempre há o autor, sempre há alguém que vai ditar, mas ali não, foram eles que não deixaram ninguém ditar nada; eles foram produzindo o material, soltando o material que nós depois fizemos uma edição disso.

**EDU SILVA** – Então isso é uma coisa que remete a gente à origem do teatro, lá onde o povo ficava brigando, discutindo com os atores... É extremamente positivo o espetáculo que saiu do palco, do palco profissional, aqui no teatro municipal.

**BIVAR** – Eu nunca tinha visto nada tão original.

**EDU SILVA** – Vieram todo tipo de tribo. Todos vieram ver o que tava acontecendo.

**BIVAR** – Foi um trabalho emocionante na estreia, uma coisa que eu nunca vi em

teatro. Eu tenho mais de 30 anos de teatro. Já trabalhei com muita gente desde o Ziembinski, que é considerado o mestre do teatro brasileiro.

**EDU SILVA** – Agora, a gente não pode esquecer que dentro desse processo de criação todo, a gente fala de uma ópera punk, mas não era só punk que tinha, os simpatizantes também acabaram tendo um papel essencial no trabalho e também pessoas de sindicatos que vieram, ex-punks...

**PÁDUA** – Ser punk é, ainda hoje inclusive, ser contra, sabe, você tem que ser contra. Porque a partir do momento que você começa, por exemplo, a admitir certos critérios, para que você possa exercer sua cidadania, né? É o caso desses caras que vão perdendo a sua identidade, vai perdendo, né? E aí o dinheiro vem e acaba contigo. Eu acho que o mais importante hoje para essa nova geração de punks é ver com mais calma, com mais seriedade, com mais atenção os exemplos do passado porque o passado, ainda mais um passado tão... tão repentino assim, entendeu? Eu acho que seria bem interessante os punks de hoje repensarem o próprio movimento. Acho que chegou a hora de fazer isso.

Secretaria de Cultura/Prefeitura de Santo André.







O COMEÇO DO FIM DO MUNDO

NEGLIGENTES  
MIND MORFAL  
DESSÍDILES  
M-19  
NEUROTICOS  
ROSE BRITAL

ESTADO DE GUERRA

VICI





ENTREVISTA

# NINGUÉM É DONO DE PAPEL NENHUM AQUI! EDU SILVA

Edu Silva, hoje cenógrafo do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) desde 2017, foi o diretor da primeira montagem da "Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?" realizada pela Prefeitura de Santo André em 1998. Silva, que se autointitula um "teatreiro" desde 1981, quando iniciou no teatro amador do ABC paulista, também é iluminador, produtor, palhaço e arte-educador. Doutor e mestre em artes pela Unesp, tem pós-graduação em Docência no Ensino Superior e Licenciatura em Teatro pela Fainc de Santo André. Nesta entrevista, Edu Silva conta sobre seu início no teatro, fala sobre a ditadura militar na região e traz os bastidores da histórica montagem da Ópera Punk, seu convívio com Antônio Bivar, Redson, da banda Cólera e Antônio Pádua, articulador da ópera.



**JAIRO COSTA – EDU, COMO FOI SEU INÍCIO NO TEATRO?**

**EDU SILVA** – Em relação à Ópera Punk, qual foi a trajetória para chegar até essa montagem... o que me impressionou foi você me dizer que já vai fazer 25 anos! Bem, eu sou nascido em Pirituba, o subdistrito de São Paulo. E meu pai sempre foi um operário. Metalúrgico. E a gente foi pro ABC eu tinha 7 anos. Então, eu vivi grande parte da minha vida no ABC, mais especificamente em São Bernardo do Campo. E eu também, como todo mundo que nasce nessa região, tive essa carreira dentro da metalurgia, né? Eu fiz colégio técnico, estudei na ETE Lauro Gomes, me

formei em Técnico de Processos e Métodos, e na sequência fui trabalhar na indústria metalúrgica. E fiquei nisso durante uns 10 anos. E foi quando eu tava terminando o colégio técnico que comecei a fazer teatro com um grupo que tava nascendo no Sindicato da Construção Civil, ao lado da Matriz de São Bernardo do Campo. Lá também tinha contato com o Grupo Forja, do Sindicato dos Metalúrgicos. Então foi uma adolescência bem atribulada em relação ao teatro, ao trabalho, a essas mudanças que a adolescência traz e, naquele momento, eu tava bem dividido, né? Porque, dentro de uma família operária, eu nunca tive contato com arte nem com o teatro. E nós estamos falando de 82, né? 1982...

## **JAIRO COSTA – O ABC TAVA PEGANDO FOGO NESSA ÉPOCA...**

**EDU SILVA** – Tava... e foi muito importante pra mim, na minha estruturação como pessoa, ter contato com essas pessoas desses sindicatos, porque foi durante as grandes greves dos metalúrgicos. Meu pai também estava em greve. Eu era estudante e a gente saía na rua. E São Bernardo virou um grande campo de guerra. Até que caiu a ditadura militar durante esse período, né? Porque teve uma intervenção no sindicato... militares... polícia do Maluf... Então foi um período de muita repressão em São Bernardo e eu vivi tudo isso com um olhar de adolescente. E eu fazia um teatro que na época a gente chamava de Teatro Engajado, porque a gente não se escondia dos assuntos políticos que aconteciam. É importante dizer que teve um período de teatro, da dramaturgia, antes dessa abertura política, que é tudo muito metafórico por causa da censura.

### **JAIRO COSTA – Como vocês lidavam com essa censura do regime militar?**

**EDU SILVA** – A censura via tudo, cortava texto, assistia os ensaios pra cortar também a encenação... E, ainda adolescente, nesse grupo, a gente montou um texto do Gianfrancesco Guarnieri, chamado “O Cimento”. E eu, muito jovem ainda, tinha que ir até a Polícia Federal, tinha que ir até a

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. E tinha de lidar com toda uma burocracia pra poder liberar uma apresentação, pra obter a autorização... E a gente estreou lá nesse Sindicato da Construção Civil e teve a presença do Guarnieri, do autor. Foi muito importante porque eu consegui entender o que era esse clima de engajamento político. Então, foi nesse clima que eu me estruturei como artista de teatro. Um artista popular de teatro. Na sequência, a gente acabou mudando de sede. Fomos trabalhar ao lado da Rodoviária de São Bernardo, onde tinha um galpão que se transformou na primeira [Associação de] Compras Comunitárias do Estado de São Paulo, que era, na verdade, um dos primeiros sacolões. Eles cederam o espaço pra gente e foi muito importante também esse momento, porque eles eram pessoas muito engajadas nessas questões políticas. Essa coisa de comprar do produtor primário e já trazer para vender... E eles nos aceitaram e nos incentivaram a fazer muitas coisas.

E foi nesse espaço das Compras Comunitárias do Estado de São Paulo que eu e um amigo meu, Afonso Teixeira, nós fomos os fundadores do grupo Pé de Boi. O grupo do sindicato se chamava Grupo Alicerce. Esse grupo nas Compras Comunitárias passou a se chamar Pé de Boi. Eu e ele migramos pra esse novo espaço. E lá a gente colocou uma plaquinha... (risos) era um sulfite que a gente colocava na porta da nossa sede, convidando as pessoas que quisessem fazer

teatro. Então, todo sábado e domingo a gente fazia jogos, exercícios... e com essa plaquinha apareceram muitos jovens, também com uma mentalidade de engajamento político. E entre essas pessoas, apareceu o Pádua.

**JAIRO COSTA – O PÁDUA QUE MAIS TARDE SERIA O ARTICULADOR DA MONTAGEM DA ÓPERA PUNK?**

**EDU SILVA** – Ele mesmo. O Pádua começou a ser uma pessoa muito ativa dentro desse grupo. Nós remontamos a peça do Guarnieri lá, *O Cimento*. Então, a partir desse momento, a gente teve uma grande guinada de atividades, a gente foi pra vários festivais, a gente foi pra um festival do Sesc, onde a gente se apresentou... Então a gente começou a contracenar e o Pádua chegou de uma maneira muito potente dentro do grupo, propondo, provocando, tirando a gente desse engajamento mais... como que eu posso dizer?... um pouco intelectualizado até, né? Porque o embasamento era sempre muito socialista, comunista... então a gente tinha essas leituras... E o Pádua veio com uma postura mais anarquista, né? Veio colocar essa postura anarquista no fazer teatral que a gente tava desenvolvendo ali. Então causava várias discussões interessantes. Que pra mim, um jovem que não tinha acesso a essas leituras... a gente só conseguia ler, nessa época de censura, o que nos era passado por baixo dos panos.

Então, alguns livros não chegavam, outros chegavam... e era tudo baseado na leitura. Não tinha essa facilidade hoje da internet, né? De você buscar as informações ou mesmo alguém repassar. A gente tinha que ter os livros ou conversar sobre. Então, a partir desse momento, conheci o Pádua e ele teve um trabalho intenso no grupo Pé de Boi. Até que, num certo momento, eu acabei me afastando e indo para outros grupos. Fui fazer cursos na Fundação das Artes de São Caetano e conheci o Carlos Alberto Soffredini, que foi muito importante pra minha carreira profissional. Por meio de uma oficina na Fundação das Artes fui convidado a fazer uma montagem profissional. Foi a primeira. Aí eu comecei a minha carreira profissional, ainda com uma dramaturgia engajada, né? Sempre interessado nessas questões políticas e poéticas. A partir desse momento, comecei a fazer alguns estágios de direção, que o Soffredini me encaminhava. Comecei, então, uma carreira de ator profissional e também de diretor. Nesse mesmo balaio da Fundação das Artes, eu fiz um curso de Clown, com o italiano Francesco Zigrino, que também foi muito potente pra minha carreira. Tive essas três atividades que duraram muito tempo dentro da minha poética de criação, que foram o clown, o palhaço, a direção teatral com uma estética popular e o teatro amador, sempre me colocando umas questões políticas, como ator. Bom, enfim... aí eu trabalhei bastante tempo, comecei uma



carreira que me levou pra São Paulo, em outros espetáculos e me chamaram pra fazer outras direções, em outros grupos de teatro amador do ABC e de São Paulo. Então eu tive essa guinada aí, né? Até que, num determinado momento, apareceu esse convite da “Ópera Punk”.

### **JAIRO COSTA – QUEM INDICOU VOCÊ PARA A ÓPERA PUNK?**

**EDU SILVA** – O Pádua que me indicou pra fazer. Aí, quando cheguei lá pra ver o projeto, achei muito rico, muitas pessoas tavam envolvidas pra executar. Era interessante... Bom, pra variar, eu nunca tinha dirigido

uma ópera, muito menos punk (risos), então eu tava ali, dentro dessa equipe, e nós começamos um processo, que era colaborativo, né? O Bivar com a escrita do livro dele “O que é punk”, o Redson [da banda Cólera], que tinha essa carreira como vocalista de uma banda e mesmo dentro do Movimento Punk, né? Quando eu era adolescente, eu via que era muito importante tudo isso que tava acontecendo no ABC, porque, afinal de contas, a questão do Movimento Punk encontrou um eco muito potente dentro do Movimento Trabalhista. O Movimento Punk, naquele momento, trazia essas questões proletárias, essa questão do poder, do status quo, de uma maneira muito mais



**ELENCO DURANTE ENSAIO DA ÓPERA.**

radical. A forma radical com que o Movimento Punk trouxe essa discussão, que eu já tinha visto lá dentro do grupo de teatro, vendo essa massa de pessoas, de onde elas vinham, eu fiquei muito contente de saber que existem essas maneiras muito potentes. E o Movimento Punk, pra mim, sempre foi super-rico porque tem todas as questões artísticas envolvidas, tem uma estética que envolve não só a visualidade, mas também as questões dos valores políticos que estão embutidos. Então você vê: toda a vestimenta, os cabelos, a postura física, a música com as formações das bandas, dos instrumentos, as letras... É muito forte você se encontrar com um movimento artístico que tem tanta potência. Foi muito bom mesmo, nesse momento, ter encontrado todas essas

pessoas pra fazer esse processo colaborativo da Ópera Punk. E ter toda aquela maquinaria do Teatro Municipal [de Santo André], e todo o apoio, espaço de ensaio... Foi um encontro muito potente.

**JAIRO COSTA – E COMO FOI TRABALHAR COM O ANTÔNIO BIVAR?**

**EDU SILVA** – Bivar sempre foi uma pessoa muito delicada, com uma escuta bem humanitária... uma escuta sensível, sabe? E ele conhecia muito do movimento, porque já tinha viajado, tinha visto outras posturas do movimento punk pelo mundo. Então ele foi totalmente essencial ao processo. E as pessoas respeitavam muito ele, os punks, as pessoas da prefeitura e eu também passei a

respeitá-lo. Ele trazia um diálogo que era muito necessário ali, porque às vezes ficava muito truncado o diálogo. Por serem questões de cabeças pensantes ativas, né? Até teve um momento que o Redson não pode mais ficar, porque não tinha mais compatibilidade, né? O projeto que foi idealizado pelo Pádua... ele trouxe um volume de informações, um volume de experiências que ele tinha vivido dentro do Movimento Punk do ABC, que eram extremamente potentes, não tinha como você contrariar, ou querer enfeitar, ou poetizar demais, né? O Pádua trouxe o Projeto Nave. Trouxe o Barata também. Nossa, que pessoa sensacional o Barata! E tem uma produção musical muito consistente. Depois que o Redson saiu, a coisa começou a andar de outra maneira. Começaram a aparecer muitos punks, tinha muita rotatividade, né? E muitos simpatizantes também. Gente que não era punk, mas era ator ou atriz amador, que tinha esse engajamento político, queria participar desse momento histórico... Então pra dirigir isso tudo, eu tentava estabelecer com eles algumas regras, mas que também não eram impostas, era tudo muito discutido.

### **JAIRO COSTA – DIRIGIR NÃO ATORES E PUNKS DEVE TER SIDO MUITO DIFÍCIL, NÉ?**

**EDU SILVA** – Sim. Porque é um movimento anarquista, não tem simpatia com muitas regras, tem simpatia com o objetivo.

E qual era nosso objetivo? Mostrar esse movimento, mostrar o que nós fizemos, e mostrar sua importância. Então, as pessoas se guiavam por um objetivo nobre de mostrar toda essa história do Movimento Punk do ABC até aquele momento. Tinha uma questão de resgate também, porque dentro dessa direção musical que o Pádua acabou fazendo, substituindo o Redson, ele começou a fazer uma dramaturgia musical, que aí se configura a ópera. Então tinha momentos de cantoria de algumas músicas ícones. E também algumas falas, por exemplo, tinha o momento das mulheres no Movimento Punk. Foram as mulheres que estavam participando que colocaram que queriam uma cena para ter esse discurso dentro da ópera. Foi muito interessante a construção disso, eram cinco mulheres em cena e tinha um foco de luz pra cada uma, em cada fala. Aí teve uma hora que surgiu o questionamento: “Gente, pra que esses focos de luz?”. Elas começaram a ficar um pouco indignadas porque estava ficando muito estético. “Mas isso é importante pra dar uma narrativa de que o tempo tá passando”, então eu tinha realmente que explicar todas as escolhas, porque é um processo de entendimento e consciência. Não é entrar e fazer o que um diretor está mandando. Isso também foi uma vertente dentro do teatro amador engajado, onde a figura do diretor teve que ser um pouco higienizada, porque tinha uma relação muito grande com a imagem do ditador, da pes-



**ELENCO DURANTE ENSAIO NO TEATRO CARLOS GOMES.**

soa que diz o que vai acontecer sem ouvir os outros. Uma ideia muito equivocada de que o diretor mandava sem pensar ou sem discutir as coisas. Mas é um entendimento discutível também porque muitos diretores tinham uma estética e as pessoas os chamavam por causa dela. Então elas confiavam. Então, era assim: "É melhor explicar o que tá acontecendo pra gente poder fazer com consciência". Aí eu entrei nessa! Achei que era assim que as coisas estavam funcionando naquele fazer teatral dessa ópera. E foi assim que aconteceu.

Tinha muito ensaio que não era feito no palco, teve ensaio no Carlos Gomes, na sala ao lado do teatro... e alguns ensaios eram no Teatro Municipal. Em alguns momentos a gente ficava só ensaiando música. A

gente, eu pelo menos (risos), chegava e via quem é que estava naquele dia, pra poder fazer alguns textos, algumas cenas...

**JAIRO COSTA – E A RELAÇÃO COM A MÍDIA, COMO FOI? VOCÊS ESPERAVAM TANTA REPERCUSSÃO?**

**EDU SILVA** – Então... conforme foi chegando o momento da estreia, começou a se configurar nos jornais algumas notícias que diziam que era um Romeu e Julieta, um Romeu e Julieta numa ópera punk... uma história de uma mulher punk de São Paulo com um rapaz do ABC. E aí começou certo incômodo e eles começaram a ficar um pouco irritados com essa associação shakespeariana e tal... E a gente tinha que



ficar quebrando esse paradigma em outras entrevistas. E a Ópera Punk teve uma projeção nacional. Muitos jornais procuravam a gente. Eu tenho vários recortes, e fico impressionado até hoje de como houve um interesse nacional em relação à ópera, à montagem da Ópera Punk e com as pessoas envolvidas. O Angeli, o Mário Bortolotto, do Grupo Cemitério de Automóveis, que veio fazer a iluminação, o Bivar... e até mesmo a saída do Redson, isso tudo causava alguns factoides. [A mídia queria saber] Como é que a dramaturgia estava acontecendo? Então, como era um espaço aberto, as pessoas podiam sentar e ficar assistindo aos ensaios, não era ensaio fechado... Isso tudo dava um burburinho, soltavam muitas frases, muitas conversas, muitas análises... E tudo isso também trouxe uma riqueza pra mim porque, na verdade, uma parte da direção teatral era administrar todas essas questões.

**JAIRO COSTA – QUE OUTRAS QUESTÕES, ALÉM DA MÍDIA, VOCÊ TINHA DE ADMINISTRAR?**

**EDU SILVA** – Administrar a dramaturgia que o Bivar trazia... Aquela coisa do papel na mão... Que quase ninguém tinha esse papel... (risos) A gente imprimia, entregava e depois as pessoas sumiam. Aí tinha que imprimir mais! Era uma loucura isso, né? "Quem vai fazer essa cena? Ai meu Deus, não veio! Então, vamos fazer com outra

pessoa." E a outra pessoa achava que o papel era dela... Então tinha essa questão... "Não sou dono do papel", "Ninguém é dono de papel nenhum aqui", "Não é um teatro burguês", "Quem tá aqui tem que saber o que tá falando, o que tá fazendo". E tinha essa rotatividade também, que pra mim era muito interessante porque eu tinha que trabalhar o tempo todo com essas questões e essas características. E foi assim que a gente foi desenvolvendo a Ópera Punk, né? Essa coisa da rotatividade trazia várias questões. Teve um momento que eles falaram: "A gente queria uma cena em que a gente falasse como era irritante a postura do Movimento Hippie para o Movimento Punk", "A gente sempre achou o Movimento Hippie muito alienado, nada a ver, que nunca brigou por nada", "Ficava cada um na sua", "Essa postura de paz e amor prejudica muito", "É uma postura alienada". Então queriam uma cena em que eles espantassem os hippies (risos). Aí os punks não queriam fazer os hippies, né? Não os punks que apareciam lá. Então tinha que encontrar alguns atores da região que concordassem em fazer os hippies e que se submetessem a ser "expulsos" do espaço. A gente acabou planejando uma cenografia que era toda de ferro, de andaimes, onde pudesse ter planos, caminhar dentro, porque tinha muita ligação com essa questão da estação de trem de Santo André: "Na estação de trem, sempre parava todo tipo de pessoa, inclusive esses hippies vendendo

brinco”, “Então a gente fazia muito isso. A gente espantava, batia neles”. “Então vamos ensaiar uma cena.” As cenas às vezes não eram escritas. Eles falavam sobre uma coisa, um fato que aconteceu, uma história, e a gente encenava na sequência essa história, na hora. No ensaio, assim, aberto. Uma dramaturgia aberta. E depois o Bivar transcrevia e deixava registrada a cena.

### **JAIRO COSTA – QUE OUTRAS CENAS FORAM CRIADAS PELOS PUNKS?**

**EDU SILVA** – Teve uma que eles pediram e a gente ensaiou bastante, porque não dava certo. Tinha os punks e tinha os atores de teatro amador, que não eram punks, mas queriam participar. E eram bem-vindos, por todos. Chegou um momento que tinha uma questão em relação à repressão da polícia com o Movimento Punk. Eles queriam uma cena da polícia batendo. Eles viviam sendo perseguidos, não podiam juntar num bolinho que vinha a polícia. E tem toda essa questão da ditadura militar, quando não era permitido se reunir pra discutir nada. E eles falavam que ficavam muito tempo na estação de trem, trocando discos, roupa, fazendo os famosos fanzines, né? Trocando fanzine... E a polícia vinha e batia. Porque eles estavam se reunindo... Se estavam reunidos já era uma questão política, um movimento político. E eles queriam que os atores fizessem os policiais, mas quando a gente ensaiava, os atores eram muito

amenos na questão da repressão. E os punks reclamavam muito: “Poxa vida! Mas esses policiais não eram assim! Vocês estão minimizando”, “Eles chegavam batendo pra caramba!”, “A gente apanhava! Vocês só ficam empurrando a gente, só ficam mandando abrir perna”, “Isso porque vocês não sabem o que foi!” E realmente era isso, né? A maioria era branca, de boa criação, estudada... Então os atores chegavam numa postura nada realista pro que eles queriam retratar, né? Falei assim: “Então eu posso fazer essa cena? Mesmo diretor, vocês permitem que eu faça a cena como ator? Que eu tente entender, fazendo?” Aí eu fui fazer e fui bem estúpido com eles, de empurrar e bater, porque era isso que eu tinha de vivência da época das greves do ABC, quando a polícia batia bastante na gente, né? Foi muito repressora a polícia do Maluf no ABC, com cavalaria, cassetete, gás lacrimogêneo... Não perguntava nada. Eu, quando jovem, vivia sendo revistado também dentro de ônibus. Era uma loucura, sabe? Essa... essa militarização da polícia. Enfim, aí eu fui lá, acho que foi meio catártico pra mim também, porque, com cuidado, meio que eu mais empurrava, batia... E eles: “É isso que a gente quer. Essa postura. Você tem a consciência corporal”. Não eram essas palavras que eles usavam, mas... “Você sabe como é que era. Era assim mesmo, você fez a gente se sentir bem reprimido”. “Então tá bom, gente. Eu posso entrar na cena e eu faço esse líder desses policiais e os



outros vão na minha vibe, ok?" "Ok". Então foi interessante que eu acabei entrando de ator também. Eu também tenho uma carreira meio cenográfica e de iluminador, e fui fazendo algumas coisas assim. Eu fiz até umas bombas. Preparei várias bombas, com pólvora mesmo, passando bombril no meio, que acionava por interruptores que explodiam. Então começou a entrar numa coisa meio pirotécnica, de fazer alguns latões com bomba dentro. Que subiam e explodiam...

**JAIRO COSTA – IMAGINO QUE VOCÊS VIVERAM MOMENTOS MUITO ENGRAÇADOS DURANTE ESSE PROCESSO.**

**EDU SILVA** – Sim... Tem uma história

muito engraçada... Eu tava dirigindo outra peça em São Bernardo, onde a gente usava um revólver do pai de um amigo meu, era um revólver de verdade, mas de uso cenográfico. Era um calibre 38 com o cano torto. Aí a gente começou a usar como cenografia, né? Então eu comprei bala de festim, e um dia, no ensaio, eu entrei com o revólver dando tiro de bala de festim. E eles vibraram! "Nossa, que demais, cara! Tem que ter essa coisa do barulho!" Porque o Movimento Punk tem essa coisa sonora que é agressiva, e parecia que estava faltando isso. E a gente acabou descobrindo junto com essa coisa das bombas, dos tiros, das batidas... e entrou como uma sonoplastia: metal batendo e o tiro de festim. Um dia, a gente tava ensaiando numa sala do

Teatro Municipal. Passou a polícia... (risos) a guarda municipal, e me viu com um revólver, esbravejando com os caras. E a polícia entrou pra me prender, né? Porque eu tava armado com um revólver de verdade (risos). Aí o agente cultural de Santo André, o Moretto, foi muito legal. Foi ele quem interveio, e falou para a polícia não me prender. Porque estavam me levando, já estavam quase me algemando, e a gente discutindo. E os punks vieram em cima, todo mundo, e os policiais ficaram confusos: "O que é que tá acontecendo aqui?", "Que negócio é esse de ensaio usando uma arma?". Aí o agente cultural da prefeitura conversou, conversou, conversou... E eles me liberaram. Mas iam me prender porque eu tava ensaiando... (risos). E até falei pra eles "Vocês nem deviam estar aqui. Aqui é um espaço de ensaio". Aquele era realmente um momento particular. Eles viram por uma fresta de vidro da porta. Imagina, policial vê uma arma e quer agir. E foi isso que aconteceu. Mas quase fui preso dessa vez. E a cena foi pra ópera. Tinha esse momento que eu entrava lá de policial. Dava os tiros, as pessoas prendiam, e eles vibravam com isso. Porque aí não importava muito quem era o punk que estava no dia. Você estava no dia, você estava na cena, apanhava. Era engraçado (risos). Essa foi uma das histórias dos ensaios. Teve muitas outras. Uma vez a gente tava ensaiando à noite, dentro do Teatro Municipal. E de repente, os punks... aquele dia eu acho que tinha uns

quarenta ensaiando... E de repente eles começaram a ficar super agitados. Eu percebi: "Gente, o que é que tá acontecendo?". Quando eles ligavam a chavinha de outra coisa, acabou. O ensaio não desenvolvia mais. Era uma coisa muito libertária deles. "Não quero, não vamos mais ensaiar", "A gente vai lá fora", "Vamos fumar, depois a gente vai embora... ou a gente volta...". E eu e os outros tínhamos que ficar esperando. E nesses momentos de fumar, de sair e conversar, eles também armavam coisas, né? Discutiam, davam um tempo, enfim... Só que nesse dia, todos eles saíram do teatro pegando corrente, pegando machadinha, pegando pedaço de pau. "Mas o que é que tá acontecendo?" Eu não lembro se nesse dia o Bivar tava, mas quando a gente saiu naquele pátio da prefeitura, tinha uns carecas, os skinheads, que estavam provocando uma batalha ali naquele pátio. Eu vi os punks se organizando pra caramba, falando pras meninas punks irem na frente provocar eles, porque estavam "Vem cá, vem cá!", chamando, né? Os rapazes estavam quebrando umas pedras da calçada, pegando pedras, e falando pras meninas "Vamos lá!", "Faz eles chegarem mais perto!".

### **JAIRO COSTA – E FOI UMA TRETA DAQUELAS...**

**EDU SILVA** – Pensamos que seria, mas olha só... os skinheads começaram a chegar mais perto das minas que estavam provo-

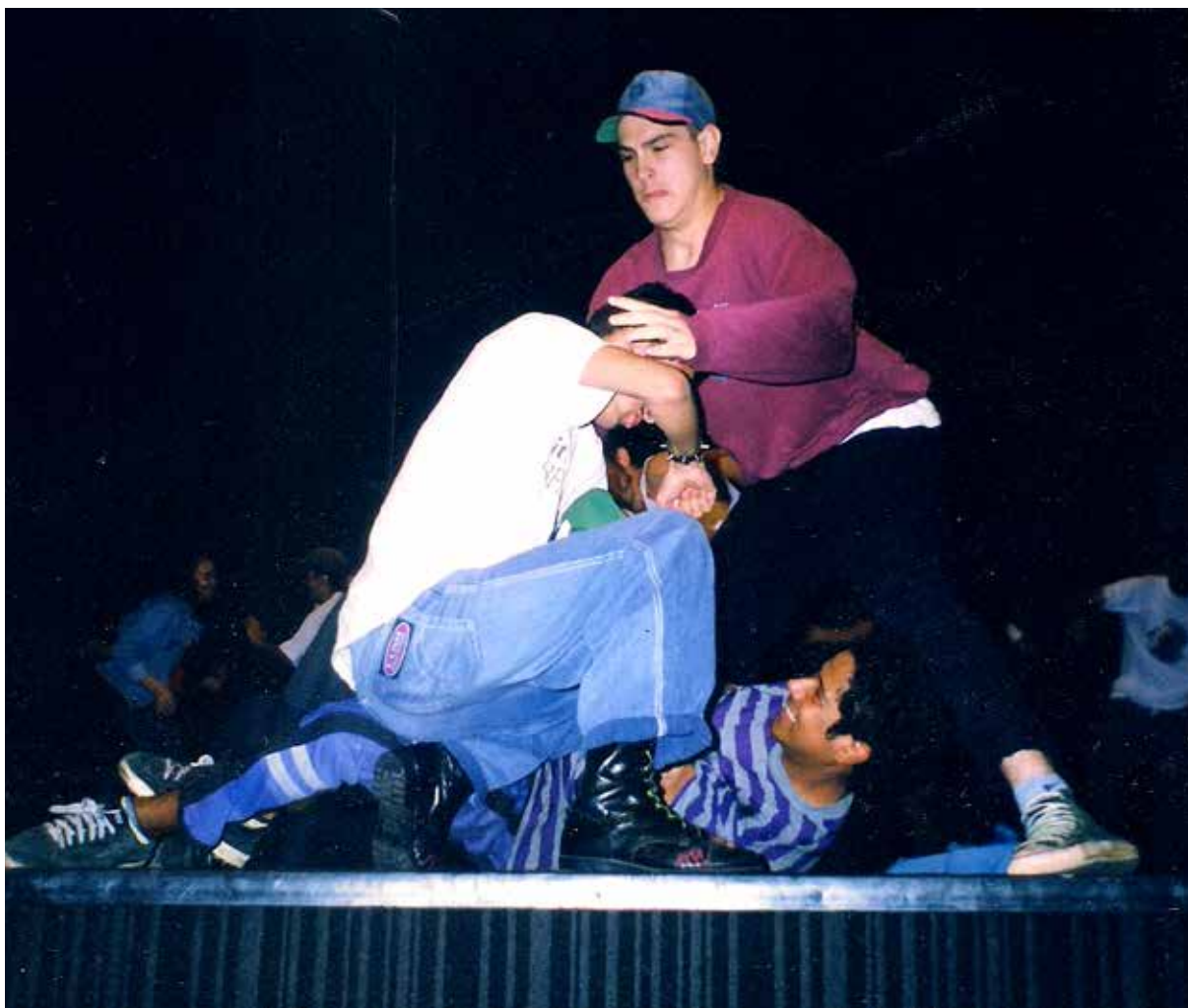


cando. Essa questão machista, né. Mandaram as minas na frente... mas era na verdade uma estratégia, porque em determinado momento, eles estavam tacando pedra por cima das meninas e acertando os skinheads. Então os skinheads viram o volume que tinha de punk lá dentro. Eles estavam em uns doze. Os punks estavam em quarenta! Aí os skinheads perceberam que tinham se metido numa encrenca. Saíram correndo e os punks foram atrás. Nesse momento, eles perceberam que tinha uma van de uma emissora de TV. Eu não me lembro, infelizmente, qual era a emissora, se era Bandeirantes, SBT... só sei que não era a Globo. Aí eles viram que era uma armadilha para o Movimento Punk. Essa emissora levou os skinheads de São Paulo até lá pra provocar, sabendo que tava acontecendo o ensaio pra contar a história do Movimento Punk. Eu sei que foi muito interessante porque foi uma questão política colocada ali. Essa questão de criar um factóide falando que os punks eram violentos. Eles se protegeram, se recolheram, voltaram pro ensaio... E os skinheads foram embora com a emissora de TV que levou eles de van e tudo. Foi interessante que, depois, numa discussão, ninguém quis colocar isso em cena, sabe? "Não vamos ficar dando crédito pra esses caras." "Não vai ter cena." "Não adianta. Não vai ter cena falando dos skinheads como nossos arqui-inimigos" et cetera e tal. Eu achei muito maduro deles, de não ficar dando ibope praqueles marginais neonazis-

tas. Essa foi outra história enriquecedora pra mim.

### **JAIRO COSTA – E A ESTREIA DA ÓPERA COMO FOI?**

**EDU SILVA** – A gente acabou indo para a estreia com uma equipe bem unida, todo mundo. Bivar... Pádua... Pádua se desdobrando em fazer várias frentes com as lideranças, né? Os que estavam ativos desde o início. O Barata... Tinha um punk, acho que era o Popov, que tinha uma vestimenta superinteressante, ele era bem mais artístico. Tinha um fanzine muito rico! Era muito legal de ver o fanzine, a postura dele nos ensaios, nas discussões. Ele gostava de entrar mais para ficar dançando. E na estreia foi bem interessante porque eu fiquei na cabine do teatro, lá em cima. Eu tinha um assistente de palco, um diretor de palco, Eduardo Ulian, que também já tinha feito a assistência pra mim em outras peças. Ele ficava na boca de entrada do palco pra sinalizar, porque eles ficavam conversando, às vezes tentando fumar num canto... Eles não se preocupavam, não era aquela coisa de "vamos colocar um papel pra ver a ordem de entrada e saída". Eles não estavam nem aí com isso. Como eu disse antes, essas questões de ordenação, de ter essa disciplina de ordem do teatro, não era uma coisa que eles gostavam não. Então ficavam conversando, querendo ver os que estavam no palco. Era legal isso porque é uma postura



de festa mesmo. Só que a gente organizou uma coisa, porque o palco ficava perigoso, né? Tem uma caída do palco... tinham coisas montadas... as bombas, os latões, o cenário de ferro que tinha chegado há pouco tempo, podiam bater a cabeça nele. Então teria esse controle de palco, e eles aceitaram né? Aí eu sei que na estreia já tinha mais uma cara de ópera mesmo. A iluminação... E a gente tava preparado: "Acendeu um foco, não entrou, dá geral, deixa a pessoa andar". A sonorização era muito boa... os microfones sem fio que permitiam que o Pádua cantasse por todo o palco.

Cantava pra caramba! A banda ficava no alto do andaime e eu lembro que no dia da estreia, no momento da estreia, apagamos as luzes... "Vamos começar." Aí começava uma bateria. Tum Tum Tá Tum Tum Tá Tum Tum Tá Tum Tum... Começava com bateria e acendendo a contraluz. E mostrava a banda e o Pádua entrava cantando. Fazia uma abertura bem ópera mesmo. E aí começou Tum Tum Tá Tum Tum Tá Tum Tum Tá Tum Tum tum rum tum... "Que tá acontecendo?" A gente com um radinho comunicador... aí o Eduardo: "Ih! Caíram as baquetas do baterista, e ele desceu pra pegar" (risos),



**ELENCO DURANTE ENSAIO NO TEATRO CARLOS GOMES.**

“Ele não tinha reserva?”, “Não, ele desceu para pegar”. Então, para tudo, para tudo! Vamos começar de novo! Então, na estreia da Ópera Punk... começa, dá uma parada e começa de novo! Então, isso é muito bom! A gente não ficava nervoso, como se fosse uma peça teatral burguesa que tem essas questões de ordem, né? Sei que assim fui entrando num universo onde fui aprendendo muita coisa em relação a tratamento dos atores, não atores, equipe.

**JAIRO COSTA – A ÓPERA PUNK MARCOU MUITO A SUA VIDA, NÃO É?**

**EDU SILVA** – Ah... foi um aprendizado que eu trago pra vida toda! Eu estudei

licenciatura, mestrado, fiz doutorado, sou recém-doutor e vejo que essas coisas não se ensinam na escola, né? Essas pedagogias populares. Na maneira como você conversa, nas conversas retas, nas conversas de discurso, nas conversas dialéticas em que as pessoas procuram um ponto em comum nas discussões. Então isso foi muito importante pra mim, pra dar aula, pra trilhar uma carreira acadêmica. E eu aprendi muito com eles, muito mesmo. Isso, então, eu levo pra minha vida toda! E essa ópera teve uma repercussão muito grande, porque na ópera o pessoal subia nos palcos laterais do Teatro Municipal. As pessoas subiam pra dançar com eles. O Pádua chamava pro palco. Então era muito, muito legal, e foi



cada vez lotando mais. Isso teve uma repercussão muito forte na mídia, com o público. Se ficasse em cartaz um ano, ia ter público um ano, na minha opinião. Foi um evento que nasceu com um discurso, se desenvolveu com ética, e estreou com muita honra artística. Um feito artístico diferenciado e essencial. Importante! Da maneira que foi feito gerou um trabalho muito pleno e libertador. Então, tenho muito orgulho de dizer que eu fiz. Hoje eu falo pros jovens pra quem dou aulas numa universidade aqui em Uberlândia que dirigi uma ópera punk. Isso já causa um estranhamento muito grande. “Como assim, né?” Hoje a gente vive os momentos, aliás, a gente vem vivendo esse momento há uns dez anos, dos musicais que são importados. Esses do tipo Broadway, esses musicais ingleses que vêm com a estrutura totalmente igualzinha como se fosse uma franquia. Na época da Ópera Punk a gente usava o termo ópera porque era uma coisa que se usava. Ópera Rock, né? Tem o filme Tommy. Tem várias óperas rock que foram icônicas nos anos 70 até chegar nos 80. E a gente usou o termo ópera mesmo, porque já era um choque cultural, né? Você espera uma ópera, uma ópera clássica, mas era uma ópera punk.

### **JAIRO COSTA – A IDEIA DE MONTAR UMA ÓPERA FOI GENIAL.**

**EDU SILVA** – Foi... Naquela época foi sim. Mas hoje em dia, sei lá... Seria um musical

punk. E se fosse um musical punk ia fazer um grande sucesso (risos). Porque a história era muito boa também e a equipe dava um respaldo artístico, que trazia muita respeitabilidade. Eu também não posso deixar de falar sobre o trabalho do Angeli, né? No cartaz, no material gráfico, realmente trouxe um ganho enorme. Agregou um valor muito grande a tudo. Então, foi um projeto realmente importante, maravilhoso, consistente. Tanto artisticamente quanto historicamente. Nossa! Seria muito bom se realmente saísse um documentário sobre isso. Para as pessoas saberem disso, que o ABC trouxe várias frentes artísticas e políticas para o Brasil. Tanto é que nós temos um presidente saído do ABC. E que se elegeu três vezes. E esse movimento [as greves] nasce junto com o movimento punk. Andavam paralelos, um contribuindo com o outro, de formas paralelas. Lembro que o Barata era metalúrgico e muitos punks que estavam ensaiando ali eram metalúrgicos.



ENTREVISTA

# ESTÃO MONTANDO UMA BOMBA NO PALCO! BARATA

Manoel Barata Silva, mais conhecido como Barata, é vocalista da banda brasileira de punk rock DZK, formada no início dos anos 1980, em Santo André-SP e ainda hoje na ativa. Batizada inicialmente de "Decadência Social", a banda participou, em 1982, do antológico festival "O Começo do Fim do Mundo" realizado no SESC Pompeia. Em 1988, o grupo mudou de nome para DZK (Dizikilibriu Social), com Barata assumindo os vocais, Makarrão na bateria e Charuto no baixo. Em 1998, Barata integrou o elenco original da primeira montagem da "Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?".

Em entrevista concedida a Jairo Costa no final de 2022 na plateia do Teatro Municipal de Santo André, mesmo local de estreia da Ópera, Barata conta um pouco da experiência vivida há 25 anos.



**BARATA NA PLATEIA DO TEATRO CARLOS GOMES (2022).**

**JAIRO COSTA – BARATA, QUAIS SÃO SUAS LEMBRANÇAS DAQUELE PROCESSO QUE OCORREU AQUI NO TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ?**

**BARATA** – Primeiro, eu nunca fiz teatro e pra mim foi um desafio, né? Nunca tinha feito teatro. E, quando as pessoas me convidaram pra participar da Ópera, vim eu, o Charuto, baixista do DZK, e a Dunga, minha esposa. Na verdade, teve três montagens.

A primeira foi aqui, nesse teatro. Primeiro a gente fez um laboratório pra depois fazer uma apresentação. A gente se encontrou aqui, estava o Bivar, o Redson, que já faleceu. O Redson era conhecido como o fantasma da ópera.

**JAIRO COSTA – POR QUE FANTASMA DA ÓPERA, ELE NÃO APARECIA?**

**BARATA** – É porque ele participou das

reuniões, mas a única coisa que ele deixou gravado foi a música “Ela porque ela não.”

“Ela, porque ela não!?! ”

Crime, discriminação

Ela não pode, não pode querer

Ela não pode, não deve pensar

Ela não pode, não pode viver

Ela não pode, não deve falar”

Ele deixou essa música pras mulheres. Naquela época! Aí teve essa participação, pra fazer essa montagem... Ele não tinha tanto tempo porque também tinha os corre dele. Já a gente não, tinha que ficar ensaiando. Era sábado, domingo... Passou muita gente por aqui, passou o Indião do Hino Mortal/ Condutores de Cadáver. Passou o Projeto Nave tocando com a banda. Tinha a nossa banda, o DZK.

### **JAIRO COSTA – MAS PORQUE O DZK NÃO PARTICIPOU DA ÓPERA COMO BANDA?**

**BARATA** – Porque o DZK não estava lá em cima tocando? Porque na verdade quem era o mentor da ópera era o Antônio de Pádua, né? E ele estava praticamente contando a história de São Paulo com o ABC. Então, ele convidou a gente pra vir como ator e eu vim participar. Também tinha o Edu, que era o diretor, fazia a direção toda. A gente começou a fazer, estudar, e ensaiava aqui, até fazer a apresentação. Deu muito trabalho no começo porque tinha que decorar tudo. Tinha que deco-

rar as falas, e todo mundo agir no mesmo palco ao mesmo tempo, então a cabeça vai a milhão, né? Depois entrava a banda tocando. Dali a pouco entrava uma galera que ficava lá no fundo. Até hoje, quando eu passo na [rua] Oliveira Lima e vejo alguém com aqueles coletes de foto 3 x 4, compra ouro, eu lembro que a gente usou aquilo ali. O pessoal ficava lá no fundo, já tudo preparado, ninguém sabia... Eles entravam fazendo protesto, no meio da plateia, gritando “Fora Figueiredo!”, “Abaixo a ditadura!” e subia todo mundo no palco. E aí começava... a gente começava a fazer a apresentação toda. Foi superlegal! Pra mim foi uma coisa que ficou registrada na minha vida. Eu tenho o material, as fotos... Tá tudo guardado, tem um monte de coisa em casa. A Dunga [companheira do Barata] participava como gari. Tinha as varredoras de rua em cena, né? A gente passava e elas estavam varrendo, aí alguém perguntava: “Quem são eles?”. A Dunga parava de varrer e falava: “Eles são os punks. Eles querem...” e contava a história do que os caras queriam, saca? Isso é legal! Contracenando e mostrando pro pessoal como era o movimento.

### **JAIRO COSTA – EU ME LEMBRO QUE TINHA MOMENTOS DE MUITA TENSÃO NA ÓPERA...**

**BARATA** – Sim! Teve a cena da montagem da bomba. Na época falaram: “Os caras tão

montando uma bomba no palco!”. Nada! O que aconteceu foi que o Pádua perdeu a mão, então, a cena contava a história de como ele perdeu a mão, jogando bomba, na treta que teve.

### **JAIRO COSTA – NA HISTÓRIA REAL FOI UMA BOMBA MESMO, NÉ? NÃO ERA UM MOLOTOV?**

**BARATA** – Não! Era bomba mesmo. Não era molotov, era bomba caseira. Na cena quem fazia a bomba era eu e o Renato Zerbinato, do Bala Perdida. Tá vivo ainda, parece que foi morar em Brasília. Ele era cunhado do Vicentinho, na época. Ele contracenava comigo. A gente pegava um cano de PVC, com o público vendo, jogava dentro prego, bagulho, uns negócios... como se fosse montar a bomba mesmo. Quando estava pronta, levantava e gritava “Eee-eee”, e ficava lá. Depois vinha o Pádua, que entrava na cena, eu passava a bomba pra ele e alguém falava: “Ó os homi!”. Aí ele recuava, e no que ele recuava a bomba explode na mão dele. Ele foi jogar, mas o negócio já cortou a mão do cara, entendeu? Então, a cena conta essa parte da história do Pádua e do Movimento Punk.

### **JAIRO COSTA – E A HISTÓRIA DA ÓPERA CONTAVA SOBRE AS TRETAS ENTRE ABC VERSUS SP?**

**BARATA** – A ópera contava parte das

brigas que tinha entre São Paulo e ABC. Sempre teve essas tretas, né? “Você não vem prá cá!” E ninguém podia ir pra lá. Eu até falo pro pessoal, essa época do punk foi uma época que teve muita perda... De gente e também de oportunidades, de estar participando de muitas coisas, do que estava rolando em São Paulo. Ninguém chamava a gente. Os caras iam lançar lá o Grito Suburbano, o Sub, e “Pau no cu do ABC!”. Era assim que eles falavam. Era bem assim mesmo. Hoje não. Hoje tá todo mundo aí, você vai pra São Paulo e “Opa!”, os sobreviventes que estão aí conversam. Naquela época tinha o quê? Os punks Anjos, os punks Carniça. Marcão tinha os punks Fedor. E ficavam por aqui, nunca iam pra São Paulo. Quando eu vim, no começo da Ópera Punk, tinha um pessoal de São Paulo que também vinha pra contracenar com a gente.

### **JAIRO COSTA – NA ÉPOCA DA ÓPERA O MOVIMENTO JÁ ESTAVA MEIO QUE PACIFICADO, NÉ?**

**BARATA** – Tava tudo misturado. Veio uma pá de gente de São Paulo pra cá. Mas falavam: “Por que ir pro ABC pra contracenar na Ópera?”. Então quando tava pronta mesmo a Ópera, que a gente ia apresentar eu falei: “Vai ser uma Sexta-feira Maldita, vai estar o prefeito Celso Daniel aqui, por que vai estrear em outro lugar? Tem de ser aqui mesmo a peça!”. E aqui foi a nossa estreia. Daí a gente estreou e... “Beleza,

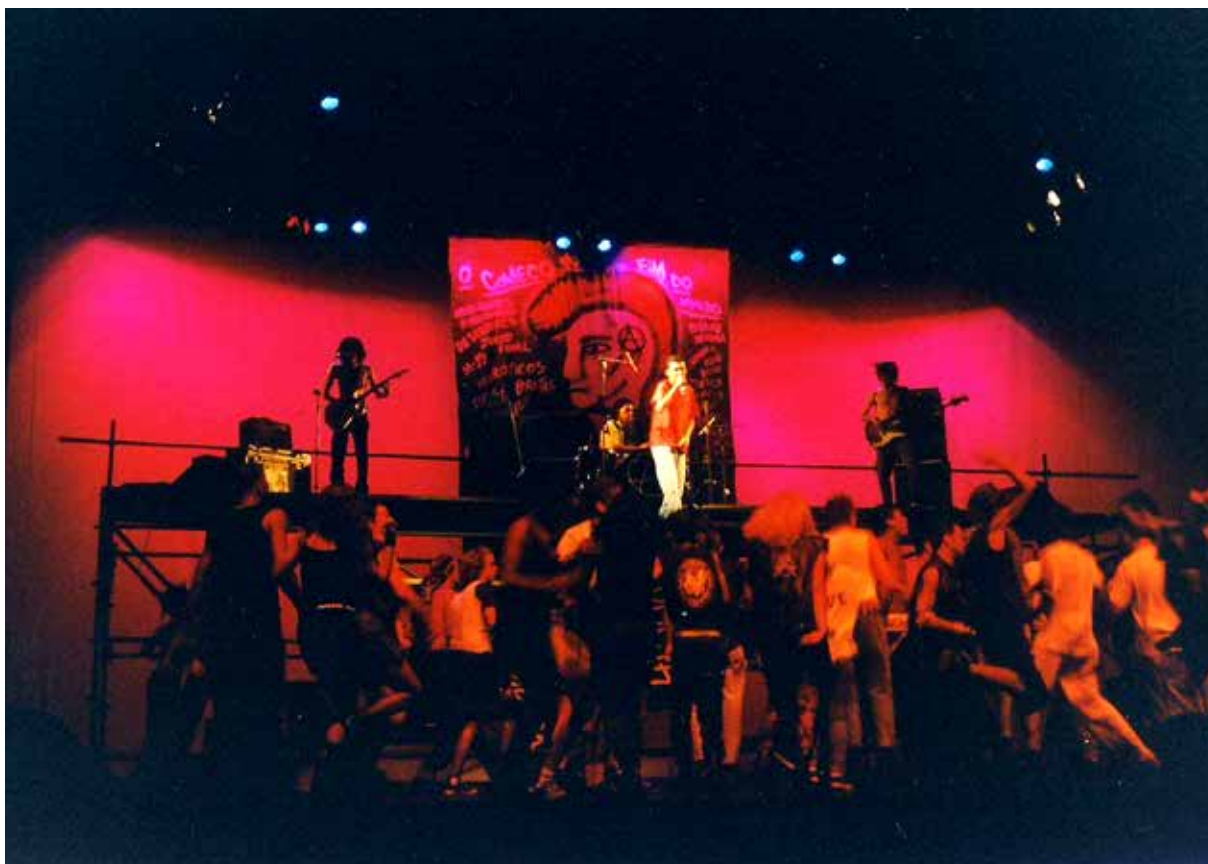


vamos estreiar mais". Depois daquelas primeiras apresentações, a gente começou a ensaiar mais ainda. Aí o que aconteceu: a gente começou a ensaiar no Teatro Carlos Gomes, porque aqui tava ocupado. E lá no Carlos Gomes às vezes não dava pra ir, então a gente ensaiava aqui no Saguão do Teatro Municipal mesmo, no meio do saguão, saca? Aí foi quando ele começou a contratar bandas!

### **JAIRO COSTA – QUEM CONTRATOU? O PÁDUA?**

**BARATA** – Sim. Falei: "Pô, meu! Por que ele não pegou o DZK?", "Não, o DZK é uma outra história". Sabe, entre o Pádua

e o Macarrão não batia as ideias e ele não quis chamar. Mas ele me chamou e chamou o Charuto... O Charuto quando participou teve que fazer o papel de polícia, com cassetete na mão. Um negão alto, pô! Na cena ele pegava os caras pelo moicano... Gritava: "Moicano!" e puxava o cara e batia. Tava representando a ditadura militar. Dava a geral no cara, pegava um papel de sindicato dele, porque os caras andavam com papelzinho, panfleto... "Sindicato! Olha o que eu vou fazer com isso aqui, cara! Você anda com isso aqui?! Vem aqui que eu vou mostrar como é que é". E pá! Pau no cara. Eu pensava: "Caralho!". Mas era bem assim mesmo que funcionava. Dava borraçada. E essas histórias existiam mesmo.



**JAIRO COSTA – ERA UMA PEGADA BEM REALISTA! E AS OUTRAS MONTAGENS?**

**BARATA** – Tiveram três montagens da Ópera. Teve a primeira montagem, depois veio outra com outro pessoal. Foi quando veio o Guizé. Mas o Guizé já fazia teatro, né? Então ele foi contratado. E na Ópera eu não fui contratado porque eu já tava atuando e não tava ganhando pra atuar. Eu tava fazendo por amor, pelo que eu acreditava, pelo que eu acredito. Eu falei: tudo que é do punk, pra falar do punk, é comigo. Eu estou aqui agora falando com vocês pra falar da história do punk, pra falar um pouco... É comigo, pô. Falo! Eu tenho essa

obrigação de fazer isso, de falar, né? E na Ópera a mesma coisa. Eu estava dando minha alma ali. Eu não tava pensando se eu ia ganhar dinheiro, se eu não ia ganhar dinheiro, quem tava ganhando. A gente vem por amor mesmo de fazer o negócio. Aí eu fiz a primeira. Daí passou um tempo: “Vamos mudar o cenário”. Mudou todo o pessoal. Continuou só eu, minha mulher e o Charuto. E o Pádua, né. Aí veio o Guizé e um pessoal de teatro mesmo. Começaram a contracenar, tinha uma banda, tinha o Che; já começaram a fazer a parte da medley, que é a cena que representava o Festival Começo do Fim do Mundo. Então eles ficavam cantando as músicas do Fim do Mundo, todas as que teve no festival eram



representadas em cima do palco. Daqui a pouco parava uma parte, o cara vinha, fazia um discurso. Zerbinato fazia outro. “Fora a burguesia! Fora Figueiredo!” Fazia todos os protestos em cima do palco. Era legal, cara! Então, teve uma boa repercussão pra gente.

### **JAIRO COSTA – VOCÊS CHEGARAM A SE APRESENTAR EM SÃO PAULO?**

**BARATA** – Na segunda montagem a gente foi apresentar no Tendal da Lapa. Era legal o Tendal porque o trem passa atrás dele. É bem o subúrbio, a gente tava contracenando e o trem passando: “Tchu tchu tchu, tchu tchu tchu”. Nossa! Mas como ficou legal! Então, nós nos apresentamos ali, depois teve a terceira e última montagem. Que eu me lembre foi em Cordeirópolis, interior de São Paulo. Nessa cidade eu participei da medley. Na parte da medley, em cima. Tinha uma banda, e eu comecei... O Pádua disse: “Você participou da primeira, participou da segunda, você é um cara que tem banda, nunca pediu para cantar, sempre contracenou lá embaixo. Eu acho que fui um pouco injusto com você, devia ter aproveitado você lá em cima, com os músicos, cantando...”. Eu falei: “Até que reconheceu, né, só que tarde, quase no final da Ópera”. “Mas você aceitaria?”. “Aceito. Você quer que eu faça o que?” “Quero que você represente o Ulster, cantando Here-sia”. Porra! Eu não tinha um capuz, tinha

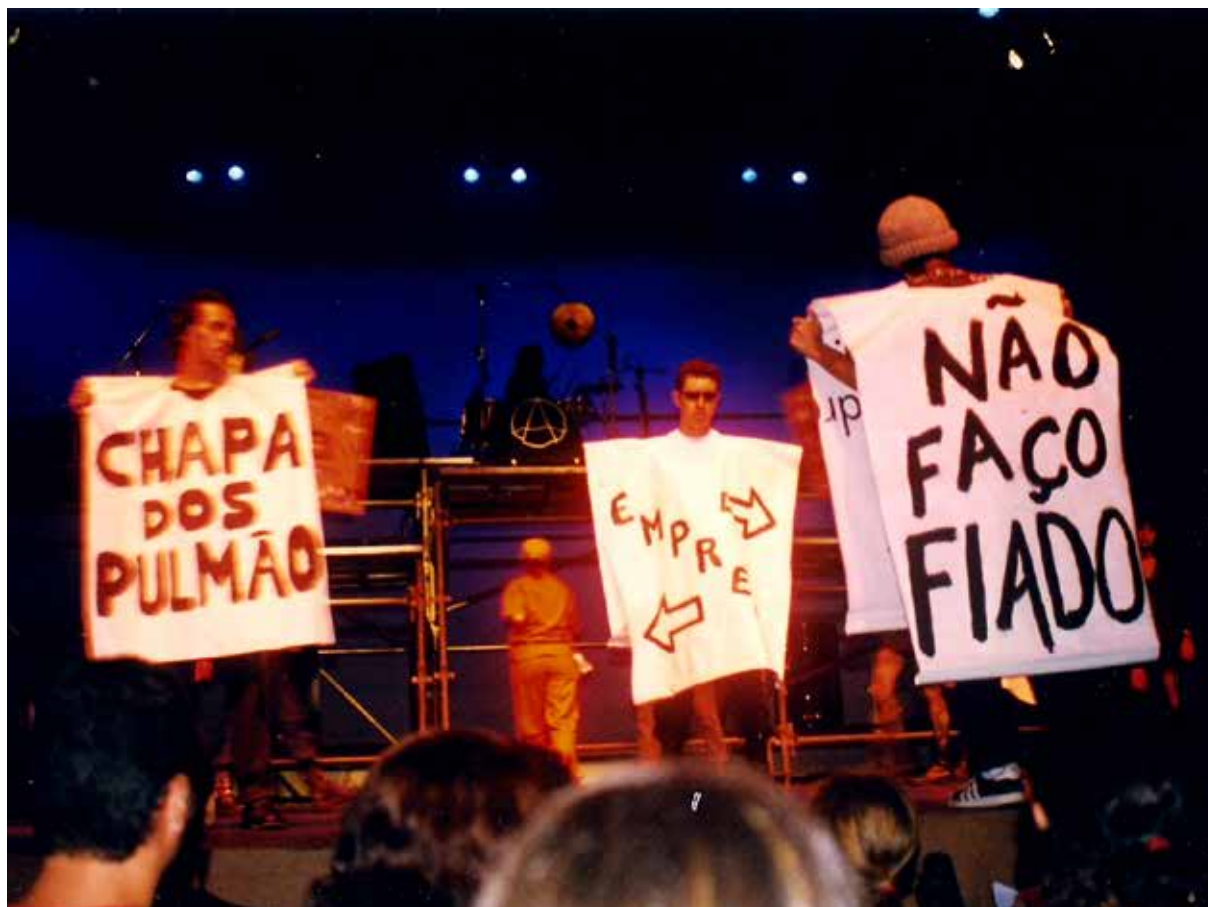
uma camisa preta, enfiei na cabeça, arru-meí tudo assim, cara, fiz dois buraquinhos no olho e... ULSTERRRR!!!!

### **JAIRO COSTA – ULSTER, BANDA PUNK HISTÓRICA DE SÃO BERNARDO...**

**BARATA** – O cara que tava filmando, acho que era Busan o nome dele. Não sei se tá vivo esse cara, ele filmou a maioria das apresentações. Ele falou pra mim: “Barata, eu fiz a primeira gravação da Ópera, fiz a segunda, a outra medley com o outro pessoal, e foi só na terceira que você subiu, cara?! Pô, você devia ter ficado lá em cima desde a primeira.”, “Mas eu não vim cobrar nada de ninguém. Vim pra contracenar.”, “O cara podia ter aproveitado você. Aproveitado o Barata lá em cima com a banda, né”.

### **JAIRO COSTA – ME FALA UM POUCO DAS TRETAS OCORRIDAS DENTRO DA MONTAGEM.**

**BARATA** – As coisas ruins ninguém quer contar né. Só as coisas boas. O Pádua era dos Anjos. Quando eu conheci os punks Anjos, o pessoal sempre falava “Arrgh... Toma cuidado! Os caras estão armados e tal”. Eu nunca andei armado, pô. Eu nunca fui de gangue. Nunca andei com gangue. Eu sou punk. “Ah, eu sou punk não sei o que, e você é punk o que?” Eu sou punk. Eu respeito os Anjos, respeito o outro aqui, respeito o outro ali, e acabou. Tem pessoas que



eu conheço que não são punks, mas são do rock... O outro é metal... Eu tenho respeito por todos eles, sabe? Eu sou o que eu sou, mas tenho respeito por todos eles. Nessa época, a Ópera tava praticamente nas últimas apresentações. Antes, quando a gente tava no Carlos Gomes, eu tava na coxia e um cara que tocou na banda trombou comigo, o Cavalete, da Banda Liberação Radical. E ele veio falar comigo. "Ehhh... você tá contracenando na Ópera?". Eu falei: "Tô". "Toma cuidado com o Pádua, meu". Era da banda dele o cara. "Por quê?", "É que ele é cheio de querer colocar arma na cara dos outros, toma cuidado hein!". Eu não fiz nada pra ninguém, né meu... E num

dia que eu tava contracenando, aconteceu o bagulho que o cara me alertou. Contracenando assim, o Edu tava na frente do palco, e a gente tava atrás da coxia pra entrar em cena. A gente tava ensaiando. Aí o Pádua gritou: "Vai logo!". Gritando pro cara, pro diretor. "Tá demorando muito aí. Vai logo com essa porra aí, seu viado!". Falou assim... Eu falei "Peraí, Pádua! O cara não é o diretor? Deixa o cara fazer o bagulho, pô!". Ele olhou pra mim, me deu um empurrãozinho, e disse: "Que é? Tá querendo crescer aqui dentro?", "Peraí, meu irmão!". Aí já me lembrei do que o cara tinha me falado, né, que o cara era de peitar. Aí falei assim pra ele: "Quero crescer aqui

dentro? Quero crescer nada, cara. Tô fazendo o bagulho aqui e não quero ser mais do que ninguém aqui não". Ele falou assim: "É o seguinte cara, eu não tenho medo de você não". Pô, o negócio tava partindo pra outro lado, né meu? E eu lembrei do que o cara tinha dito sobre a arma na minha cara. "Você não tem medo de mim, e eu muito menos de você, cara", falei pra ele. Aí ele falou pro diretor: "Oh, o Barata, já tá muito velho pra contracenar". Naquela época, né, noventa e pouco... "Tá muito velho pra contracenar aqui e tal". Eu falei: "Ô Edu, se eu tiver com a bengala e tiver que entrar na cena agora, eu jogo a bengala e entro

nessa porra aí, meu". "Ah, se você vai entrar, eu também entro". Começou encenando assim, na porra da cena. E eu fiquei até o final. Quando ele veio falar depois, que foi injusto comigo, foi por causa disso aí. Mas a Ópera foi pra mim uma escola de vida... Pra mim, estar me apresentando, foi uma escola de conhecimento. Tanto que eu tô aqui hoje, falando da Ópera, né meu?





**ENTREVISTA**

# **PARECIA UM SONHO, UM SONHO PUNK! MARCO- PABLO**

Marcopablo Vitorino é guitarrista e um dos fundadores do Projeto Nave, banda criada em 1997 em Santo André-SP e ainda na ativa. Na sua formação original, a banda era composta por Adalberto, Jubileu e Akiles nos vocais, Flávio Tru no baixo e Renatão na bateria. Misturando punk rock, rap, reggae e blues, o Projeto Nave esteve envolvido diretamente na execução da "Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu", e foi a banda oficial do espetáculo. Na entrevista concedida a Jairo Costa na plateia do Teatro Municipal de Santo André, Marcopablo rememora algumas passagens marcantes daquele período.



**MARCOPABLO NO TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ (2022).**

**JAIRO COSTA – COMO FOI QUE VOCÊ INGRESSOU NA “ÓPERA PUNK”?**

**MARCOPABLO** – Em 1997 eu comecei os meus encontros com o Projeto Nave, que é a banda que eu tenho até hoje. Um dia eu tinha vindo até o centro da cidade pra comprar uma corda eu acho, não me lembro bem. Então, no percurso aqui do centro até a Vila Alpina, onde eu ensaiava com o Projeto Nave, vim caminhando, passando aqui pelo Paço Municipal, e vi uma movimentação de punks entrando no saguão do teatro. Eu tava passando com meu violão na capa, indo pro estúdio e vi os caras e pensei: “O que tá acontecendo?”. Entrei no saguão e vi que eles tavam se reunindo numa sala. Então, eu caminhei devagar e observei

de fora da porta, e vi os punks lá dentro, falando alto. Eu entrei na sala e fiquei observando, né. Eles estavam ensaiando pra um espetáculo que iam fazer, que chamava Ópera Punk. Hoje eu acho que isso tinha alguma coisa ligada com a data de, se não me engano, 30 anos de movimento punk.

**JAIRO COSTA – NA VERDADE, ERAM 20 ANOS DO PUNK.**

**MARCOPABLO** – 20 anos... Alguém bolou essa ideia de fazer uma ópera contando um caso da cena punk dos anos 80, uma história que envolvia os punks aqui de Santo André com os punks de São Paulo, e estavam ensaiando esse espetáculo.

## JAIRO COSTA – ANTÔNIO BIVAR QUE TINHA ESCRITO...

**MARCOPABLO** – Isso... o Bivar e mais uns caras estavam envolvidos... Eu entrei, fiquei observando. Então eles estavam fazendo algumas cenas, e em algum momento eles falaram "Aí vai ter tal música nessa cena" e começavam a cantar e... "Ih, o cara não veio hoje, o cara não veio". Aí eu percebi que alguém que ia tocar não tinha ido naquele ensaio, levantei a mão e falei "tá precisando que alguém toca e tal?". Eles ficaram me olhando... "Eu posso tocar algumas para vocês ensaiarem". Vieram uns três, quatro... "Toca aí, toca aí". Aí eu fiz algumas músicas que eu sabia tocar, que eu me lembrava, no violão. Quando fui perceber eu tava inserido já na coisa ali. Acho que eu me atrasei um pouco no ensaio lá do Projeto Nave. Fiz umas duas cenas que eu só toquei pra eles cantarem. E eu falei "Pessoal, tô indo". "Vai ter outro tal dia, você vem?". "Eu venho, cara". Fui pro ensaio, cheguei lá e falei pros caras: "Putz, passei lá no Municipal e tinha uma pá de punk, não sei o que... meu, vai ter outro tal dia". Então eu voltei aqui para encontrar com os punks. E o meu companheiro do Projeto Nave, o Flávio, o Tru, ele veio comigo também. E aí eu cheguei, fiz o ensaio com eles e comecei a tocar em várias cenas músicas do punk nacional, né. E algumas eles iam escolhendo... Stiff Little Fingers, algumas que eu não conhecia. Então eu

falava: "Legal! Vou procurar e tento trazer no próximo ensaio...", e aí a gente foi fazendo isso. Se eu me lembro bem, parece que quem tinha ficado responsável pela parte musical era o Redson, do Cólera. De alguma maneira... pelo menos todas as vezes que eu vim participar, eu nunca encontrei com ele aqui. Eu não sei se ele abandonou o barco, o que aconteceu, né?

## JAIRO COSTA – ENTRE TANTAS COISAS, HOVE UM DESENTENDIMENTO ENTRE O REDSON E O PÁDUA.

**MARCOPABLO** – Enfim... à medida que se passaram alguns ensaios, eu acabei trazendo o meu companheiro do Projeto Nave, o baterista Renato. Então, do Projeto Nave estavam eu, o Flávio Cruz e o Renato Medeiros. O Akiles começou a colar em alguns ensaios também... da Ópera Punk. Eventualmente, quando foi chegando a data do espetáculo, eu fiz uma exigência: se fosse sair uma matéria, por exemplo, aqui no jornal da cidade, o Diário do Grande ABC, a única coisa que eu pedi para os meninos na época foi que colocassem o nome da minha banda, Projeto Nave. A gente ia fazer a trilha ao vivo, né, então eles aceitaram: "Talvez, se tiver algum cartaz, vai estar lá o nome do Projeto Nave". Isso foi uma coisa que eu queria muito que tivesse. O Projeto Nave não tinha gravado nada ainda, era o embrião né, do Projeto. A gente tava indo pra Mauá gravar as primeiras músicas nossas, e

então eu queria de alguma maneira oficializar assim que essa banda existia, né? Então, foi nosso primeiro trabalho profissional, podemos dizer. Não da banda completa, mas dali da cozinha do Projeto Nave. Fazer a Ópera Punk aqui, junto com esse pessoal todo.

**JAIRO COSTA – EU TENHO UNS 30 OU 40 RECORTES DE JORNAL DA ÉPOCA, E O PROJETO NAVE ESTÁ EM QUASE TODOS. QUANTO A ISSO, SUA SOLICITAÇÃO FOI PLENAMENTE ATENDIDA.**

**MARCOPABLO** – Legal! Em todo lugar, Projeto Nave. Do caralho!

**JAIRO COSTA – SOBRE O PROCESSO, VOCÊS ESTAVAM NA PARTE SONORA, DIGAMOS ASSIM, DA PEÇA. COMO ERAM OS PUNKS ENSAIANDO?**

**MARCOPABLO** – Era muito louco, cara. Tinha um diretor aqui com a gente... Não vou lembrar o nome dele, cara... Diretor da peça... Ele entrou também, acho que da mesma forma que o Projeto Nave... Alguém estava faltando e o...

**JAIRO COSTA – EDU SILVA.**

**MARCOPABLO** – Edu Silva! Quando ele veio, assumiu a parte da direção. Tinha ensaios que eram caóticos, rolavam sempre uns choques, né? E aí os punks tentavam

ser mais organizados para o próximo. Eu lembro que a gente escolhia o repertório, qual música que ia ficar legal e procurava ensaiar ali com os punks que estavam ali, cara. Tinha uma parte do elenco que não era de punks, né? Mas eram sempre pessoas ligadas à música, às questões culturais. Tinha a Paula, que era uma garota que trabalhava numa rádio comunitária daqui, a Rota 99. Ela participou, a Paula. Outras pessoas que não eram punks estavam participando. Então em algum momento rolava um equilíbrio, não teve briga que eu me lembro, a não ser o Pádua, que era muito rigoroso. Enfim... pra mim, que eu me lembro, foi tudo muito divertido, assim cara, foi tudo muito... a gente ficava várias horas aqui ensaiando. E pra mim era muito divertido.

**JAIRO COSTA – ME FALA DA ESTREIA, COMO É QUE FOI?**

**MARCOPABLO** – Então, Jairo, a minha memória não guarda muito assim... porque... Eu tava muito louco, sabe. Todos nós. A única coisa que eu me lembro da estreia, cara, foi que tinha bastante gente mesmo. Tinha umas figuras aqui, talvez importantes dessa cena... Não sei se o Clemente... Talvez mais alguém assim... A única coisa que eu me lembro é de estar em cima de uma estrutura que eles fizeram. Só me lembro disso cara, de olhar pros meus amigos assim. E a gente tocando... E eu me lembro





de várias cenas, de todo mundo ali embaixo, saltitando, pulando e meu... Pra mim foi tipo... Parecia um sonho, assim... um sonho punk, sabe? Só me lembro disso, cara, não me lembro de ter falado com mais ninguém, de ter feito foto, não me lembro de nada, de nada. Por onde eu entrei? Por onde eu saí? Se o pessoal foi depois pra algum lugar... não me lembro de nada. Não me lembro se o público gostou... Não me lembro de nada, cara. Me lembro da emoção ali. Tem um punk da Ópera que não sai da minha cabeça, se não me engano o nome dele era Pedrinho. Se eu tiver errado, depois você vai ficar sabendo, aí você põe uma nota. O Pedrinho vinha de São Paulo pra cá. E ele era o mais punk de todos aqui,

porque ele... ele era da paz, cara. Era único. A maneira como ele caminhava, como se expressava.

E eu me lembro dele aqui nos ensaios. Eu tenho a figura do Pedrinho na minha cabeça. Talvez no filme dê pra localizar o Pedrinho. Se não me engano ele já passou dessa vida, o Tru me falou. Não deve estar mais aqui, mas é uma figura que ficou na minha memória, o Pedrinho... Eu me concentrei muito, sabe, pra poder tocar, então eu não tava prestando muita atenção em outras coisas. A gente fez praticamente mais de 30 músicas, se não me engano, no espetáculo. Não eram inteiras, mas uma emendava na outra às vezes. Umas eram alguns pedaços... Exigiu de mim uma concentração



que eu não consegui, sabe... prestar muita atenção em outras coisas. É isso.

**JAIRO COSTA – MARQUINHOS, O QUE EU POSSO DIZER PRA VOCÊ? EU VIM NA ESTREIA, E FOI CATARSE COLETIVAMENTE O NEGÓCIO. GENTE NOS CORREDORES, DEPENDURADA, GENTE ALI EM CIMA, TODO MUNDO PULANDO, AGITANDO, GENTE QUE NÃO FAZIA PARTE DA ÓPERA, MAS QUE SAÍA DA PLATEIA E CAÍA NO PALCO PRA SE EMPOLGAR JUNTO. MUITO FODA!**

**MARCOPABLO** – Eu me lembro que no final, se não me engano, a gente tentou reproduzir o Começo do Fim do Mundo. Então a gente tocava, sei lá, trechos de umas

dez músicas. Medley, é assim que se fala, eu acho. E aí, subiu uma pá de gente. Eu me lembro que foi bem emocionante, cara, foi bem emocionante...

**JAIRO COSTA – ESSA PARTE DO COMEÇO DO FIM DO MUNDO... ERAM UNS ANDAIMES, NÃO É ISSO? VOCÊS FICAVAM LÁ EM CIMA.**

**MARCOPABLO** – Isso! Eles tinham dois ou três andares, né? Aí descia uma bandeira, reproduzindo aquele punk com moicano, né? Reproduzindo [o festival] “O Começo do Fim do Mundo”. Parece que nesse momento tem as tretas, né? Punks do ABC contra punks do subúrbio... punks da City. Aí depois também tem a reprodução da

bomba onde o Pádua perde a mão. Enfim, muito foda!

**JAIRO COSTA – ME DIZ UMA COISA, A ÓPERA PUNK, NA SUA CARREIRA COMO MÚSICO, QUAL É O PAPEL DELA NESSA SUA TRAJETÓRIA?**

**MARCOPABLO** – Como eu disse agora há pouco, foi o primeiro trabalho profissional em que eu me envolvi, vamos dizer assim, né? Não era um show da minha banda, era um grupo maior de pessoas, num trabalho profissional, onde cada um tinha várias funções. Então, a gente tinha que cumprir aquele papel de fazer um repertório. Na minha experiência de músico, esse trabalho foi fundamental, cara, foi fundamental. Porque depois dele eu tive, no caminho do Projeto Nave, que ir pra outros lugares. Eventualmente, por exemplo, fomos fazer alguma coisa de televisão, participar de uma gravação no Programa do Edgar, lá no Multishow eu acho, não me lembro bem qual era o programa. Chamaram o Projeto Nave. Então, todos os trabalhos que depois foram aparecendo pro Projeto Nave, eu já tinha essa experiência como base. O que é você ter tantos dias de ensaio, tantas horas de ensaio, como é estar com outras pessoas, como é não sei o quê... Então, depois, a gente fez isso... A gente foi com Emicida pra fazer também televisão uma vez. Depois fomos chamados para o programa Manos e Minas, né? Aí toda vez que

eu adentrava o Teatro Franco Zampari pra gravar o Manos e Minas, essa memória daqui do Teatro Municipal tava comigo. Tava comigo, cara. Então, por aí você vê o quão fundamental é na minha experiência eu ter vivido esses três dias aqui, toda a parte dos ensaios, da produção. De eu me envolver né? Até de eu ser aceito e aceitarem os meninos que vieram tocar comigo. Todo um lance que aconteceu e durou talvez um ano, um ano e meio. Principalmente porque era o meu início ali, com o Projeto Nave, e considero que foi quando eu comecei a caminhar na música, posso dizer, com o passo certo, né? Então foi fundamental, faz parte da minha vida e eu, se tiver a oportunidade de assistir esse filme aí da Ópera Punk, eu vou provavelmente ficar muito emocionado.

**JAIRO COSTA – VOCÊ ACHA QUE A ÓPERA PUNK FOI UM PONTO DE MUTAÇÃO NA SUA VIDA? VOCÊ PRETENDIA SER MÚSICO PROFISSIONAL? QUAL ERA SEU PLANO? VOCÊ TRAMPAVA NO BANCO E TINHA O ROLÊ PUNK. SURGE A ÓPERA PUNK, QUE AGORA EM 2023 COMPLETA 25 ANOS. É UMA VIDA, NÉ? NAQUELA ÉPOCA, VOCÊ PENSAVA EM VIVER DA MÚSICA? OU FOI ALI QUE A VIDA TE PUXOU E DISSE: O SEU ROLÊ VAI SER ESSE!?**

**MARCOPABLO** – A Ópera Punk tava ali bem no momento que eu tava tendo essa transformação na minha vida, né? Eu não

vou dizer que foi ela, porque eu já vinha tendo os meus encontros com o Projeto Nave, algumas gravações em Mauá e tal. Eu tinha esse sonho já, de um dia não ter que responder a mais ninguém, vender a minha força de trabalho. Eu queria ter essa vida. Na época eu até fantasiava bastante com essa coisa de vida de músico. Tem uma parte disso também, que não é muito legal da época, você acha que vai ser... Ah, eu vou fazer, vai rolar, vai vingar e eu vou tal... Um pouquinho de ego dessas coisas, né? Você querer, juvenzinho assim, eu tive um pouco dessa fantasia, né? Mas a Ópera Punk tá ali exatamente nesse momento, que é praticamente o mesmo ano do primeiro show do Projeto Nave, né? Um amigo nosso da UJS [União da Juventude Socialista], se eu não me engano, o Sandoval, o San...

**JAIRO COSTA – NOSSO AMIGO SAN, ACHO QUE ELE ERA DO PT.**

**MARCOPABLO** – Isso. Tiveram uns shows no Parque da Juventude, e foi o primeiro do Projeto Nave, e lá tinha uma galera da UJS, tinha uma turma do PT também. Eu não sei qual foi o primeiro, cara, se nós tocamos lá na Ópera ou no show do Parque da Juventude. Só sei que depois desse show do Parque, nós saímos do palco e ali eu tive assim uma... eu falei... não fui só eu que falei. O Renato, o Tru... a gente dava uns soquinhos uns nos outros, uns abraços, e aí a gente falava: Meu, é isso! Vai ser isso!

Entendeu? Vai vingar! A gente sentiu uma parada... Meu, vai rolar! Então foi naquele momento que eu comecei a dar uma avacalhada nos trabalhos que eu fazia. Tinha uma época que eu instalava alarme em carro, sabe? Eu pegava minha moto, ia lá instalar. Teve outra época que eu fui motoboy. Sofri acidente como motoboy. Então, era uma época que ficava fazendo um trampo aqui, outro ali, outro ali... Eu queria tocar, tocar... Foi tudo ao mesmo tempo. A Ópera tá no meio desse turbilhão de coisas que aconteceram pra que eu tomasse essa decisão, sabe? De botar fé na música, né? Naquilo que a gente tava fazendo.

**JAIRO COSTA – INTERESSANTE. ACHO QUE SANTO ANDRÉ TEVE DOIS ANOS QUE MUDARAM A VIDA DA CIDADE, NÉ? ESSE, QUE COMEÇA COM A ÓPERA PUNK, EM 98. DEPOIS VEM 99 E AQUELES PUTA SHOWS NA CONCHA ACÚSTICA. VÁRIOS ARTISTAS VIERAM TOCAR AQUI, DE GRAÇA, PRA GENTE. E A NOSSA GERAÇÃO, O PESSOAL CONTEMPORÂNEO NOSSO, SE FORMOU NESSES DOIS ANOS. EU LEMBRO QUE SANTO ANDRÉ NÃO TINHA NADA. NÃO TINHA BAR, NÃO TINHA ESTÚDIO DE ENSAIO, NÃO TINHA PORRA NENHUMA NA CIDADE ANTES DISSO.**

**MARCOPABLO** – Talvez você saiba até melhor que eu, mas na Concha... Você citou a Concha... Ali tinha um evento, na verdade



um movimento, que rolava sempre e que se chamava Revolucionarte. Aí eu lembro que na frente da Concha tem a Casa da Palavra, né? Eu me lembro que, nos anos que acontecia o Revolucionarte, tinha coisa dentro da Casa da Palavra. E aí na sequência tinha na Concha. Aí depois acontecia outra coisa ali embaixo, onde tinha uma casa também que era da galera, que eu não me lembro o nome [ele fala do Centro de Referência da Juventude (CRJ), que ficava na rua Campos Sales]. Várias coisas simultâneas.

### **JAIRO COSTA – E O FESTIVAL DE INVERNO DE PARANAPIACABA COMEÇANDO...**

**MARCOPABLO** – Os primeiros festivais de inverno... É muita força, muita energia criativa nessa época! E muita gente compartilhando. Eu conheci o Robson do Uafro, o Tifu... Um monte de gente! Tinha o K.RAM.K, né? Conheci a Banda Subvivos. E isso mudou minha vida, por ali, naquele ambiente, nessa época, porque eu conheci tanta gente criativa! Isso mudou realmente a minha vida!



**ENTREVISTA**

**OS PUNKS  
QUERIAM  
SHOWS...  
CRIAMOS  
UMA ÓPERA  
VANIA  
CRISTINA**

Vania Cristina Ribeiro foi por três décadas funcionária de carreira da prefeitura de Santo André. Junto com Marco Moretto, fez a coordenação geral da "Ópera Punk – Existe alguém + punk do que eu?". Na entrevista a seguir ela aprofunda nossa compreensão sobre o papel do poder público na realização do espetáculo.



Jairo Costa/Revista MORTAL/Editora ESTRANHOS

**VANIA NO TEATRO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ (2022).**

**JAIRO COSTA – VANIA, OBRIGADO POR FALAR COM A GENTE. CONTE UM POUQUINHO SOBRE A SUA PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DA ÓPERA PUNK.**

**VANIA CRISTINA** – Bom, eu vou falar um pouquinho do meu papel nessa história toda, né? Meu nome é Vânia e eu entrei na Prefeitura de Santo André através de concurso público, que eu prestei em 1989. E eu acho que esse é um dado importante para trazer, porque eu sou fruto da Constituição de 1988, que faz parte do processo de redemocratização do país. Então, tanto o meu trabalho aqui na prefeitura quanto o trabalho do Moretto, que também é funcionário de carreira, vem

desse momento histórico mesmo, né? Em que o Brasil tá se redemocratizando, em que a gente tem uma outra visão do que é público, né? E de como lidar com o trabalho público. E os funcionários que entraram nessa época, eles entraram pelo concurso, porque a Constituição diz o seguinte, a partir de 1988, que o concurso público é um direito de todos. Então, teoricamente, não teria mais a coisa de alguém arranjar um emprego, de você entrar no serviço público por indicação de alguém. Não! Você entra porque você fez uma prova, passou na prova, você conquistou o trabalho e isso qualquer pessoa, qualquer cidadão brasileiro pode fazer. Aqui eu falo teoricamente porque a mesma Constituição prevê a existência dos



cargos comissionados, que não têm os mesmos direitos que os servidores, porque estão de passagem, mas que são entendidos como cargos políticos, indicados ao trabalho pelas forças políticas. Parece uma bobagem às vezes, mas isso muda tudo, tudo, tudo, tudo... E isso tá totalmente em sintonia com esse pensamento do Brasil pós-ditadura militar, que tá buscando se redemocratizar e dar outro significado para aquilo que é público, né? Então, a minha carreira aqui na Prefeitura de Santo André é fruto disso. Assim como a carreira do Moretto é fruto disso, não é? Eu acho importante colocar essa questão, porque muita gente pode perguntar "Por que vocês foram trabalhar com o Movimento Punk?".

### **JAIRO COSTA – EXATAMENTE, POR QUE O MOVIMENTO PUNK?**

**VANIA CRISTINA** – Por que não? Por que não trabalhar com o Movimento Punk? Quer dizer, a gente entra na prefeitura com o pensamento de que a cultura é muito ampla, ela é diversa, ela está em constante transformação, ela não é uma coisa engessada, uma coisa fixa, definida por alguns, né? Ela faz parte da vida de todas as pessoas. E a gente entra com outro pensamento bastante importante também, o de que a gente não vai trabalhar com cultura para as pessoas, a gente não vai levar a cultura para a periferia, a gente não vai levar cultura pra cidade, a gente vai trabalhar a cultura com a cidade, com a periferia, com os artistas, com a população, né? Porque todos eles são

fazedores de cultura. Então esse é o pensamento que norteou a gente logo que entramos aqui. Foi a orientação, a grande formação que a gente teve na gestão. Eu entrei na gestão Celso Daniel, que estava totalmente inserida dentro desse processo de redemocratizar o Brasil, ocupar os espaços públicos, entender que o público é de todos, né? Com todos! E é nesse pensamento que a gente vai começar a trabalhar com o Movimento Punk.

### **JAIRO COSTA – COMO FOI O CONTATO INICIAL COM OS PUNKS?**

**VANIA CRISTINA** – Quando a gente entrou, eu fui trabalhar com o projeto de ação cultural nos bairros e o Moretto com o projeto de difusão da música, né? O Moretto acabou trabalhando diretamente com o Rock in Rua, que foi um projeto bastante significativo na cidade, bastante marcante, e envolveu vários segmentos do rock. E quando a gente foi trabalhar junto, lá em 97, eu fui nomeada gerente de ação e difusão cultural, e o Moretto, coordenador da mesma gerência. A gente estabeleceu então uma parceria nesse momento, né? E eu trouxe toda a experiência que eu tinha desenvolvido na prefeitura, com ação cultural, com os bairros, com a população dos bairros, e o Moretto trouxe a experiência que ele tinha de ação cultural com os segmentos artísticos, principalmente com a música. E logo que a gente assumiu essas funções muitos segmentos artísticos vieram procurar a gente. O Movimento Hip-Hop, por exemplo, que tinha par-



**SHOW DA BANDA CÓLERA (REDSON, À ESQUERDA) NO PAÇO MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ (1997).**

tipado ativamente das campanhas políticas, dos processos, os representantes desse movimento vieram diretamente até a gente e os representantes do Movimento Punk também. Esses foram os dois segmentos da sociedade que primeiro procuraram o Moretto e eu pra conversar.

### **JAIRO COSTA – QUAIS AS DEMANDAS QUE O MOVIMENTO LEVOU ATÉ A PREFEITURA?**

**VANIA CRISTINA** – O que eles queriam, falando especificamente dos punks, eram shows.

Shows no Paço. Eles queriam comemorar os 20 anos do Movimento Punk no Brasil, né? Então, a ideia era uma série de shows. Só que a gente tinha uma preocupação... e eu vou falar sempre "a gente", porque é justamente assim que eu entendo, que foi uma parceria direta e afinada minha com o Moretto na condução desses processos. A gente tinha e tem o pensamento de que a cultura não é só a expressão artística. A cultura é uma série de contextos, de estilos de vida, de formas de ver o mundo, né? Então, trabalhar apenas com show era muito limitante. E a gente achava também que tinha que trabalhar com os movimentos

artísticos, mas com a cidade como um todo. E a cidade, pensando na cidade de Santo André, ela conhece a sua cultura? Toda a cultura que é produzida na cidade, que existe na cidade? A gente achava que não, porque normalmente o vício é entender a cultura como as belas artes, né? Cultura como o teatro, a orquestra, as artes visuais, a dança... E a gente entendia que a cultura é muito mais que isso. Entendendo que a gente ia trabalhar na parceria com esses movimentos sociais, qual seria, então, nosso papel?

**JAIRO COSTA – O HORIZONTE SE AMPLIA COM ESSA VISÃO DE CULTURA...**

**VANIA CRISTINA** – O que a gente entendeu nesse momento, é que a gente tinha o papel de articular e de provocar pensamentos, reflexões. Então, por que só o show? Por que não mostrar toda a produção de fanzine, por exemplo, que tá relacionada à cultura punk? Por que não mostrar... não falar das vestimentas? Por que não falar da história do Movimento Punk? Por que não trazer um bate-papo sobre isso, não é? Então, nesse primeiro momento, a provocação foi essa. A gente pode fazer mais, a cultura punk não é só show no palco, né? Tem uma série de questões envolvendo a cultura punk. Então vamos falar sobre isso, vamos comemorar os 20 anos do Movimento Punk realmente mostrando pra cidade o que ele significa. O que ele significa pra cidade e pro mundo? O que que é isso de fato, né? Então, a primeira ação que a gente fez na época, acho

que foi com o grupo Motim Punk. Na época, acho que era o Pádua, o Danone [Danoninho Podre], e tinha um outro rapaz também, não sei se vou lembrar o nome dele... Eles foram os primeiros que procuraram a gente. Então com eles a gente começou a fazer essas provocações, né?

**JAIRO COSTA – AÍ SURGE A ATIVIDADE QUE COMEMOROU OS 20 ANOS DO MOVIMENTO?**

**VANIA CRISTINA** – Isso. Aí surge a programação dos 20 anos do Movimento Punk. Que rolou em 1997, se não me engano. E foi um sucesso, veio gente de vários pontos do país. A gente ocupou o auditório e mexeu em coisas bastante delicadas. Nós todos, que trabalhamos na produção do evento, sociedade civil e prefeitura mexemos com questões muito delicadas, que foram os conflitos que aconteceram entre os punks do ABC e os punks de São Paulo. A gente teve na mesa de debates representantes dos dois grupos. Isso foi assim inédito e impressionante, né? Ter os caras conversando juntos! Até porque os conflitos foram bastante sérios, com morte e mutilações. E os diálogos foram comoventes. Lembro da fala do rapaz que coordenava o Projeto Meninos e Meninas de Rua de São Bernardo, e ele tinha perdido o irmão nos conflitos na década de 80. O evento teve caminhada na rua com os punks, vieram anarcopunks do sul do país, veio gente de tudo quanto é lugar e de tudo o que é vertente punk pra acompanhar a programação, e foi bastante

interessante, bem marcante. Essa foi uma das ações que a gente desenvolveu esse ano, fora tantas outras que a gente fez com outros segmentos da sociedade, né? Aí aconteceu uma questão... Eu engravidei! (risos)

**JAIRO COSTA – FORTES EMOÇÕES!  
(RISOS)**

**VANIA CRISTINA** – Eu me lembro que durante o show dos 20 anos, eu tava barriguda e trabalhando durante o evento. Cheguei um pouco depois do início e já tinha tido uma situação. Os carecas do ABC tinham jogado uma bomba no começo do show, logo de manhã, no meio do público. Eu não sei se alguém já contou essa história, mas na época ainda eram constantes os conflitos entre carecas e punks. Aprendi muito sobre isso tudo justamente conversando com os punks, principalmente com o Pádua. Tínhamos altos papos... Aí o Moretto teve que ir pra delegacia fazer o B0. E quem ficou lá na coordenação do evento fui eu, com a barriga enorme, junto com a equipe de agentes culturais e os punks, o pessoal do Motim Punk organizando o show. E a verdade é que os três integrantes estavam alcoolizados e que a coordenação do show ficou com a equipe da prefeitura mesmo. Eu me lembro de subir no palco com aquele barrigão e mandar os caras pararem de tocar, que já tava tudo atrasado pras outras bandas (risos). Isso a cada banda, e eram várias bandas! Correu tudo bem, mas eu logo saí de licença-maternidade. Então quando iniciaram as discussões sobre a ópera, foi um

desdobramento imediato dessa ação dos 20 anos. E aí eu estava de licença maternidade, então quando eu chego da licença, a ópera já é um fato, né?

**JAIRO COSTA – COMO FOI QUE SURTIU  
A IDEIA DE MONTAR UMA ÓPERA?**

**VANIA CRISTINA** – Ela surge das reuniões com o grupo Motim Punk, de avaliação dos eventos e de qual seria o próximo passo. Como fazer um desdobramento? Porque outra ideia que a gente tinha era não trabalhar o evento pelo evento. A gente entendia que os eventos fazem parte de processos e que os processos são fundamentais. Então, quando eu voltei, a ópera já tava sendo articulada. Alguns nomes já tavam definidos. O nome do Pádua, por exemplo, como o articulador do movimento. Pádua tava sendo contratado para essa função pela prefeitura. O que me deu um trabalho danado com a parte burocrática. Ficava comigo. Convencer os procuradores da prefeitura que você tinha que contratar um punk para articular punks para um evento assim foi uma coisa bastante difícil... (risos). Um dos documentos mais importantes que a gente faz a cada contratação é uma justificativa do motivo daquela pessoa ter sido a escolhida, que tem que estar totalmente embasada na lei pra não ser questionada depois pelo Tribunal de Contas do Estado. E no formato que a gente adotou naquele momento, com dispensa de licitação, é necessário explicar muito bem por que essa pessoa e não outra, no que essa pessoa é única

naquilo que precisamos que ela faça. E por que precisamos que isso seja feito. E o procurador do município questionou muito a contratação do Pádua e a cultura do “Faça você mesmo”. Mas eu não precisava de um técnico especialista nisso ou naquilo, de um artista reconhecido, de um doutor em ciências sociais... Eu precisava de alguém que fosse da cidade e que viesse da história do movimento punk.

### **JAIRO COSTA – E COMO SE CHEGOU AO NOME DO PÁDUA?**

**VANIA CRISTINA** – Então, como eu disse antes, a gente precisava de alguém que tivesse vivido intensamente a cultura e o pensamento punk, que pudesse ser reconhecido pelos seus pares, e que tivesse engajado na mediação entre a prefeitura e a comunidade punk. E o Pádua era essa pessoa. O Pádua era o cara do Motim Punk, que era de Santo André. E era o que tinha vivenciado os anos 80, os outros eram mais jovens. Então, ele foi a pessoa que surgiu como a referência, aquele que tava disposto a dialogar com a gente, né? E articular um movimento para aquela ação. Não é muito fácil você, como punk, trabalhar com o poder público numa relação de parceria. Entendendo que os punks muitas vezes são anarquistas, eles são rebeldes, principalmente os punks raiz. Então, esse diálogo não é simples. Muitas vezes não há nenhum interesse em ter esse nível de relação com o setor público, com o serviço público, com a prefeitura, né? Com o sistema. Muitas vezes esse interesse não

existe. Mas o Pádua foi aquele que viu essa possibilidade de diálogo. E depois dos eventos em comemoração dos 20 anos, ele percebeu que era possível pensar maior, que a gente estava aberto a isso e dispostos a colocar a mão na massa e fazer acontecer. A construção de todas as ações tinha que ser baseada no diálogo, na conversa. Pra mim isso era claro, e pro Moretto também. O diálogo é a base desse trabalho que a gente desenvolveu na prefeitura todos esses anos, né? Porque pra você trabalhar com a cidade, você precisa ouvir e precisa se posicionar, então precisa existir esse diálogo. Então dependia também que existisse essa disposição deles de conversar com a gente.

### **JAIRO COSTA – O QUE É ATÉ UMA CONTRADIÇÃO, NÉ? PORQUE EM TESE OS PUNKS SÃO ANTIESTADO, E O ESTADO ESTAVA CONTRATANDO OS PUNKS.**

**VANIA CRISTINA** – Então! Exatamente... (risos). É bastante delicado isso, né? Mas é por isso que eu falo: foi tudo muito experimental e só podia acontecer nesse momento de redemocratização do país, porque era um momento que você estava reconstruindo tudo. Então você precisava rever posições. Você precisava olhar as coisas por outro ângulo, né? Então realmente é contraditório, é muito tênue, né? E o nosso papel... aí você vê, nem eu nem o Moretto, não somos políticos, nós não estamos na prefeitura enquanto políticos partidários, né? A gente pode ter as nossas opções pessoais, eu uma, ele outra, ou sei lá... mas não é a



**ELENCO DURANTE ENSAIO NO SAGUÃO DO TEATRO.**

questão partidária que está no cerne de nosso trabalho, é a questão da cultura, da militância na cultura. E é lógico, que isso é político, eu tenho claro isso, mas não necessariamente partidário, né? Então, foi um momento muito especial. Você estabelecer esses canais de diálogo. O sistema (risos), o Estado e o Movimento Punk. Eu acho que existe também esse outro lado, né? Tipo assim: "Mas por que que vocês foram fazer isso? Que porralouquice é essa?". Porque o processo todo foi muito louco, o processo da ópera. E normal que fosse louco, entendeu? Pra gente fazia parte, era um mundo que a gente precisava respeitar, então fazia parte tudo o que aconteceu, né? Quando

eu voltei, já tinham começado as primeiras reuniões sobre a ópera. Quando voltei de licença. E estava nessa fase de articular, de chamar os punks, as velhas lideranças, os jovens, as pessoas que gostariam de se aproximar do projeto, de um jeito ou de outro. Os encontros se deram aqui no paço, aqui no saguão do teatro, numa sala que hoje é administrativa. Era um grande salão livre que a gente tinha aqui, e foi lá que as coisas começaram. Se você olhar bem, esse prédio era pra ser um grande centro cultural, então seria preciso que ainda existissem espaços assim, mas muitas vezes a Secretaria de Cultura perdeu espaços que poderiam abrigar atividades culturais. Os punks e outros

interessados vinham até o paço, se não me enganar, era domingo de manhã. É, acho que era todo domingo de manhã. Então, muitos vinham direto da noite pra cá.

### **JAIRO COSTA – VINHAM DO ROLÊ...**

**VANIA CRISTINA** – (risos) E a gente acompanhou todo o processo. O Moretto coordenou o processo. Eu acompanhei, então eu vinha também nas reuniões de domingo de manhã, assim como outras pessoas da equipe. A Sueli, por exemplo, que era uma das agentes culturais designada para acompanhar o projeto também. E ninguém sabia no que ia dar. A gente foi fazendo tudo aos poucos. Por exemplo, surgiu o nome do Edu Silva, surgiu do Movimento Punk, como uma pessoa que poderia dirigir o espetáculo. Então a prefeitura contratou o Edu Silva. Ele tinha total condições. É realmente um diretor importante aqui da região, então sem problemas fazer isso. A ideia foi contratar o Bivar para fazer o texto da ópera. O que também era tranquilo, né? De contratar e de fazer, afinal tinha mil motivos que destacavam ele dentro do Movimento Punk, da história do Movimento Punk, como intelectual e como pensador. A prefeitura contratou também um iluminador. Quer dizer, a ideia era fazer um trabalho realmente profissional, né?

### **JAIRO COSTA – O ILUMINADOR FOI O MÁRIO BORTOLOTTI...**

**VANIA CRISTINA** – Foi o Bortolotto, isso. Tinha um assistente de direção contratado também, tudo muito pensado, em detalhes, né? Só que quem seriam os atores? A ideia era que viessem jovens voluntários, não atores ou até mesmo atores, se eles quisessem participar. Qualquer pessoa interessada em trabalhar a história do Movimento Punk aqui na região, né? Então foi feito um grande chamamento público. O Pádua já tava sendo contratado também como articulador. E as pessoas foram chegando no domingo de manhã, às vezes um, às vezes outro. Aí eles vinham, contavam a sua história, davam o seu depoimento. Às vezes não voltavam nunca mais. Às vezes continuavam vindo. E aí vinha outro, e vinha outro, e vinha gente só ouvir, ou só sentir, ou querendo saber, gente curiosa..., e era totalmente aberto e entrava quem quisesse participar da discussão, e as histórias foram surgindo. E o Bivar acompanhando tudo, e o Edu acompanhando tudo, e o texto começou a nascer dessas conversas todas, de tudo aquilo que era contado.

### **JAIRO COSTA – COMO FOI DEFINIDA A HISTÓRIA QUE SERIA CONTADA NA ÓPERA?**

**VANIA CRISTINA** – A história se definiu principalmente a partir dos conflitos entre punks do ABC e punks de São Paulo. Pela própria fala do Pádua, que tinha vivido intensamente esse período, esse conflito, e das outras pessoas que vieram dar o seu depoimento. E alguns jovens começaram realmente

a ficar. Então, o elenco (risos) começou a ser construído com esses que foram ficando nas reuniões, nos encontros, né? Eu imagino que o trabalho do Edu Silva tenha sido muito, muito, muito difícil, porque você vê... não tinha um roteiro pronto, não tinha uma história definida, não tinha um elenco de atores e você tinha um elenco, na verdade, muito rebelde (risos), que ia surgindo aos poucos e poderia desaparecer a qualquer momento... Que muitas vezes chegava no domingo de manhã com muito álcool na cabeça, ou então já chegava cansado (risos).

**JAIRO COSTA – DEVE TER SIDO “MUITO PUNK” TRABALHAR COM OS PUNKS...**

**VANIA CRISTINA** – (risos) Um trabalho muito difícil pra um profissional de teatro fazer. Eu imagino que o Edu teve vários momentos em que pensou em desistir do projeto. Mas ele não desistiu. Foram seis meses de laboratório pra gente chegar num texto, pra gente chegar numa história, num elenco, sabe? Foi um processo riquíssimo e muito interessante. Muito fora do padrão. Pra mim foi uma experiência totalmente nova. Aí começaram os ensaios e começou a construir o cenário, né? Também teve um trabalho de cenografia. Começa a visualizar o trabalho, mas você imagina... você começa a ensaiar com os atores e aí alguém resolve que não quer mais ir. Aí você vai, modifica, e aí você vai de novo e tenta. Aí tinham as brigas: “Não foi isso”, “Não é isso”, “Não é aquilo”... Até que a gente chega na estreia. Pra você ter uma ideia, o Bivar nem veio na

estreia. Eu acho que ele tava com medo que a estreia nem acontecesse. E o próprio Edu Silva, ele me disse que não sabia se realmente ia acontecer o espetáculo, porque o processo foi tão difícil, tão delicado, tão truncado... que ninguém sabia de fato se ia acontecer o espetáculo (risos). Mas a prefeitura divulgou, saiu em todos os jornais, saiu na Folha, no Estadão... porque era uma experiência inédita, né?

**JAIRO COSTA – SAIU PRATICAMENTE EM TODOS OS CADERNOS DE CULTURA DO PAÍS.**

**VANIA CRISTINA** – Foi muito bem divulgada, então muita gente se interessou, muita gente ficou curiosa. Então, a casa tava lotada na estreia, o teatro lotado! E foi um arraso! Eu tive o prazer de estar nesse dia e foi um arraso ver a energia com que eles tomaram o palco. Não sei se você tava aqui...

**JAIRO COSTA – TAVA SIM.**

**VANIA CRISTINA** – A energia com que eles tomaram o palco, os três palcos, né? Porque esse teatro tem essa característica lindíssima, né, de ter três palcos. Então, quando você tem um espetáculo que usa os três espaços, isso é bastante impactante, e a Ópera usou. Então ela tinha cenário, tinha iluminação, tinha um trabalho cênico todo pensado e tinha essa energia incrível que vinha deles, do elenco. Que não era um elenco de atores, era um elenco todo amador. E foi impressionante! Eu acho





**PUNK PARTICIPA DE DEBATE APÓS APRESENTAÇÃO DA ÓPERA.**

que foi muito impactante... pra mim foi muito impactante. Quer dizer, participar de todo o processo e ver esse resultado, ver como tudo aconteceu... pra mim foi bastante impactante. Teve a estreia, teve uma segunda sessão. Mas aí o Moretto conversou comigo. A gente sabia, a gente tinha isso claro desde o começo, que a ideia era que uma hora eles andassem com as próprias pernas. Que cada vez mais eles se tornassem independentes da prefeitura, que o papel da prefeitura deveria ser só dar o start, dar estrutura, fazer a coisa acontecer, mas que de alguma forma eles precisavam construir essa independência, né? Porque eu acho que

é muito prejudicial quando o poder público assume esse controle, né?

**JAIRO COSTA – ESSA TUTELA...**

**VANIA CRISTINA** – Essa tutela... Então eu acho que é fazer a coisa acontecer, estimular, articular, dar uma estrutura... é isso. Foi o que a gente quis fazer, foi o que foi feito, mas a ideia é que eles realmente fossem pro mundo. Só que eu achei que a coisa ia ser mais lenta. E o Moretto, como coordenador do projeto, ele sentou comigo e falou assim: "Eu acho que é a hora de soltar. Vamos soltar e vamos dei-



**ELENCO DURANTE ENSAIO NO SAGUÃO DO TEATRO.**

xar eles correrem por eles". E aí a gente foi saindo bem rapidinho. Na verdade, logo depois das apresentações. Se não me engano, foram duas apresentações, as duas impressionantes, mas principalmente a estreia. E havia uma crítica que já tava rolando... De que a ópera tinha sido muito mais uma ópera Pádua, do que uma ópera punk. Porque era a história dele. Ele, como foi a grande referência que a gente teve, a história foi muito em torno da experiência dele. E eu não sei se foi exatamente por isso, mas essa era uma crítica que a ópera tinha e que a gente tinha que levar em consideração também, né? Da mesma forma que o Pádua articulava as pessoas, convidava,

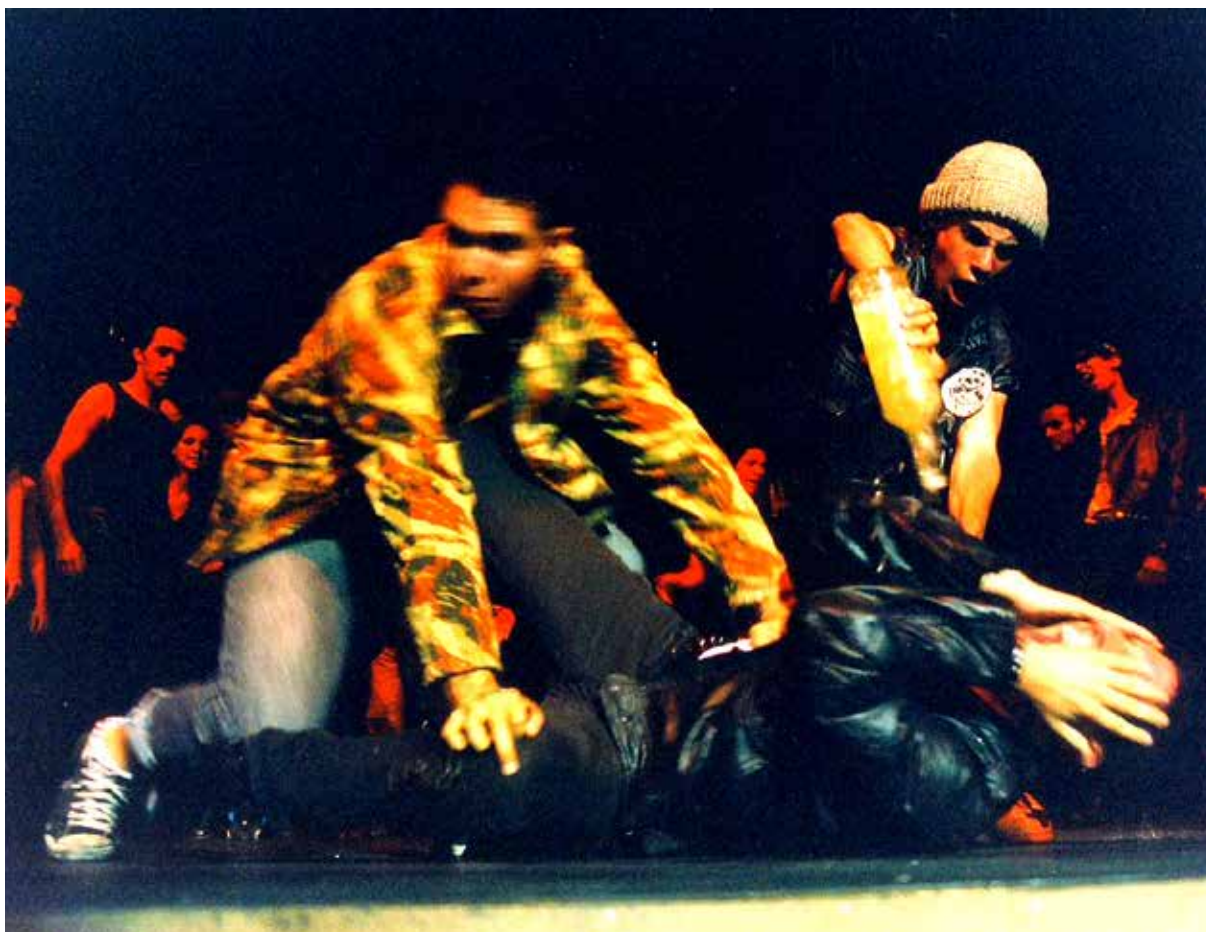
chamava todas as antigas lideranças, chamava as pessoas novas que ele tinha referência e que estavam atuando no movimento... ao mesmo tempo que ele chamava, ele também arranjava muita confusão com as pessoas. E elas acabavam saindo por causa dele. Então a Ópera aconteceu de uma forma incrível, mas muita gente saiu do projeto porque ficou possessa (risos) com o Pádua e com a própria prefeitura que tava reforçando o papel dele. Mas ele foi a referência pra gente, foi o cara de Santo André que trouxe desde o início a proposta dos 20 anos e que se dispôs a dialogar e contar sua história. Então pra gente era natural que ele fosse o nosso interlocutor. Só que o Pádua é

uma pessoa muito difícil, né? Então, ao mesmo tempo que era o articulador, ele também desarticulava.

**JAIRO COSTA – SAIU MUITA GENTE POR CAUSA DELE, NÉ? O PRÓPRIO REDSON, DO “CÓLERA”, QUE NO INÍCIO DA MONTAGEM ERA O COORDENADOR MUSICAL, SAIU.**

**VANIA CRISTINA** – É... e acho que isso acabou também atrapalhando que a gente continuasse com a ópera durante mais tempo. Nós saímos. A Secretaria de Cultura, o Departamento de Cultura saiu do projeto. Eles tiveram acesso ao cenário que tinha sido construído, tiveram acesso a uma série de coisas. A Secretaria de Comunicação assumiu uma parte. Porque... acho que eles estavam aqui assistindo e ficaram deslumbrados também com o projeto e quiseram dar uma força (risos). Na verdade, não sei bem o motivo de outros setores da prefeitura terem ajudado. Não sei se houve alguma articulação política ou se foi iniciativa deles mesmo. Então, a prefeitura continuou ajudando durante um tempo o grupo, através da Secretaria de Comunicação, e a gente ajudou através da cessão das coisas, da estrutura de cenário, principalmente, a Comunicação com transporte... e aos poucos a gente foi se afastando e a ópera foi caminhando. Com apresentações em São Paulo, com apresentações fora do Estado. Aos poucos, foi virando um show. Porque era mais fácil você viajar com um show do que com um espetáculo

que tinha aquele cenário todo. Na verdade, era um cenário muito simples, era uma estrutura metálica, mas era um cenário grande, difícil de mover. E a gente acompanhou de longe. Foi uma das experiências mais incríveis que eu já tive aqui, na prefeitura. Eu passei trinta e um anos trabalhando no Departamento de Cultura. Trabalhei em muitos projetos que foram intensos, importantes, relevantes... que foram muito significativos pra mim e acho que pra cidade também. E a ópera foi um deles, né? Foi uma experiência única. Não acredito que tenha existido outra igual. Um tempo depois Diadema fez a Ópera Hip Hop!? Mas é outra coisa (risos). Foi isso. Pra mim foi muito rico, muito interessante... Foi um processo que ajudou na minha formação enquanto gestora de cultura, enquanto entendedora mesmo do que é dialogar com a cidade, do que é dialogar com as diferenças, do que é lutar por processos democráticos. Quer dizer, não é fácil, porque as pessoas são diferentes. Então você dialogar com todos, trabalhar com todos, nesse sentido mesmo da multiplicidade de pessoas, de opiniões, de pontos de vista, de formas de ver o mundo... A Ópera me ajudou a afinar esse diálogo que eu depois fui usar durante o meu trabalho o tempo todo, né? Então foi um processo fascinante, e eu fico muito contente em saber que isso não foi esquecido, e não pode ser esquecido, nem enquanto uma experiência de cultura, nem enquanto uma experiência de gestão da cultura, gestão pública da cultura. Eu acho que existem duas formas de ver essa experiência: pela perspectiva da história do



Movimento Punk e pela perspectiva da história da gestão da cultura. Das duas formas foi uma experiência bastante enriquecedora.

**JAIRO COSTA – FOI UM MOMENTO EM QUE, TUDO CULMINOU PARA QUE ACONTECESSE, NÉ? A GESTÃO ERA DE ESQUERDA, NÉ? ERA AINDA O ANTIGO ABC COM TRADIÇÃO OPERÁRIA. EU NÃO IMAGINO ASSIM... DEPOIS DE ESTAR LENDO TUDO, VASCULHANDO ESSE PROCESSO TODO, EU NÃO IMAGINO NENHUMA OUTRA REGIÃO FAZENDO ALGO SEMELHANTE. MESMO SÃO PAULO, CAPITAL, A PREFEITURA BANCAR UM**

**PROJETO DESSES, CHAMAR OS PUNKS, É INIMAGINÁVEL! O SHOW FAMOSO QUE TEVE EM SÃO PAULO, FOI O SESC QUE FEZ, O COMEÇO DO FIM DO MUNDO. MAS SÓ AQUI MESMO NO ABC PRA ACONTECER UMA EXPERIÊNCIA, UM LABORATÓRIO DESSES, E FEITO POR PUNKS! ISSO É QUE É SENSACIONAL!**

**VANIA CRISTINA – É isso!** A gente tem um momento muito especial, que aconteceu na gestão pública, na cidade de Santo André, que permitiu essa experiência. Eu me considero privilegiada nesse sentido, porque eu vivi essa experiência de gestão pública, que eu acho que

é raríssima. Quando a gente vai encontrar de novo no país um negócio desses, assim? Então, eu me sinto privilegiada pelo momento em que eu trabalhei, pelo local em que eu estava... Eu acho, mesmo, que essa visão de uma gestão mais à esquerda, né, que entende que as diferenças são fascinantes e não um problema, que as diferenças são formas de aprender com o outro, uma gestão que entende que as pessoas são diferentes e que você pode aprender com o outro... eu acho que foi uma experiência fascinante! Eu falei do Moretto porque eu acho que ele é o grande responsável pela ópera e pelo trabalho. Porque não só os punks vieram pra falar com ele por causa da experiência com o Rock in Rua, onde ele tinha atuado, mas ele teve essa percepção de ir além daquela questão do rock na praça, de ir além e buscar sempre algo mais. Ele está aberto pra esse algo mais que necessariamente não está no controle da gente. Algo que vai ser construído e que a gente não sabe o que vai dar. Então eu não sabia o que ia dar, o Moretto não sabia o que ia dar, o Edu Silva como diretor, não sabia o que ia acontecer... O Bivar... Ninguém sabia o que ia dar até o momento da estreia. Ninguém sabia o que ia ser aquilo, porque o processo foi todo muito inconstante. Eles vão estar sóbrios quando estiverem no palco?

**JAIRO COSTA – UMA GESTÃO DE CRISE...**

**VANIA CRISTINA** – Eles vão conseguir começar? Eles vão lembrar do texto? Eles vão improvisar? Como que vai ser, né? Era impos-

sível saber. O processo todo foi muito intenso, seis meses de laboratório, fora o período de ensaio, de montagem. Quer dizer, foi muito intenso! Eles tiveram toda a estrutura possível pra fazer acontecer, mas a gente não sabia se a coisa ia de fato acontecer. Eu acho que o Bivar não foi na estreia com medo (risos). Ele estava no segundo dia, mas no primeiro dia, eu acho que ele estava com medo. De que a coisa não acontecesse. Eu imagino que o Edu Silva estivesse também apavorado. E aconteceu! De uma forma impressionante! Eu me lembro com muita paixão desse momento da estreia. Eu acho que foi incrível! Incrível como parecia que todo mundo tinha incorporado alguma coisa ali, uma energia impressionante. Ah, eu esqueci de falar uma coisa... Tinha o Projeto Nave, na trilha sonora, atuando no palco com eles. Então isso também era especial. Eram os clássicos do Movimento Punk e era o Projeto Nave no palco, tocando. Quer dizer, era uma puta de uma estrutura mesmo, mas eles fizeram acontecer e foi muito bonito de ver.

**JAIRO COSTA – E QUAL FOI A REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE? VOCÊ LEMBRA COMO FOI QUE A SOCIEDADE RECEBEU ESSE PROCESSO TODO?**

**VANIA CRISTINA** – A casa tava lotada, mas era um público específico. Eu acho que esse alcance que a gente queria, que a cidade conhecesse a cidade, é uma coisa muito pretensiosa, muito grande pra gente realmente ter um resultado significativo. Quem tava aqui? Eu

acho que tinha muita gente ligada à produção cultural, muita gente ligada à área de comunicação mesmo, muita gente que gosta de rock, de punk estava aqui. Essas pessoas todas eu tenho certeza que ficaram assombradas e deslumbradas. E a repercussão aconteceu, tanto é que eles conseguiram seguir com o projeto durante um bom tempo. Mas essa pretensão de que a gente tinha de que a cidade conhecesse a cidade... o projeto na época tinha um nome: "Redescobrimo a cidade". Então, várias ações estavam dentro dessa proposta de redescobrir a cidade. Isso eu acho que foi muito pretensioso da nossa parte. Eu acho que a Ópera foi um sucesso. Teve uma repercussão favorável. Mas não a ponto de a gente conseguir trabalhar estigmas, sabe? Eu acho que hoje talvez fosse até pior do que foi naquela época. No sentido de ter mais resistência. E nem falo da prefeitura, falo da própria sociedade. Tipo assim: "O que é que vocês tão fazendo aí? Que loucura é essa?". Na época, a gente não ouviu nada disso. Não ouviu! A gente sabia que tinha muita gente, até aqui entre nossos colegas: "Meu! Que porralouquice é essa que vocês tão fazendo?". Mas não da sociedade, né? A gente sabia que o auditor deu trabalho pra aceitar a contratação, o processo burocrático da contratação do Pádua, mas nenhum questionamento da sociedade. Hoje eu acho que seria muito, muito pior, muito mais difícil de fazer valer, de fazer acontecer uma experiência dessa, como tantas outras experiências que a gente teve também, que hoje eu acho que ficariam insustentáveis.

**JAIRO COSTA – NÃO SÓ A REGIÃO, MAS O BRASIL, DO JEITO QUE ELE SE BRUTALIZOU, NÉ? ENTROU NO MODO REAÇÃO. ACHO QUE NÃO SERIA POSSÍVEL FAZER. O PESSOAL DE VERDE E AMARELO IA APARECER AQUI NO TEATRO PRA FAZER PIQUETE CONTRA. VOCÊ TÁ FALANDO ASSIM DA ÉPOCA, DESSE PROJETO QUE ABARCAVA TUDO. A MINHA GERAÇÃO TEVE ACESSO A ESSAS COISAS POR ESSA POSTURA DA GESTÃO. DUAS COISAS DESSE PERÍODO ME MARCARAM MUITO: A ÓPERA PUNK E O NOSSA CIDADE, NO CONCHITA. FOI UM DIVISOR DE ÁGUAS. ERA ALGO QUE ACONTECIA NA CIDADE. O PESSOAL SE ENCONTRAVA E FALAVA: "PÔ, TEM UMA PEÇA SENSACIONAL ROLANDO LÁ". "TEM UMA ÓPERA PUNK...". TINHA OS SONS NA CONCHA. O PÚBLICO CONSEGUIA CONSUMIR CULTURA DE GRAÇA, NÃO TINHA QUE PAGAR NADA PRA TER ACESSO À PRODUÇÃO CULTURAL DA CIDADE. E HOJE É MUITO DIFÍCIL, MESMO COM INTERNET, TODO MUNDO CONECTADO A TODA HORA... É MUITO DIFÍCIL CRIAR ESSA ONDA DE CULTURA LOCAL NOVAMENTE.**

**VANIA CRISTINA** – Eu me sinto orgulhosa, mas ao mesmo tempo é triste... a gente saber que tem toda uma geração agora que não vai entender isso, porque não viveu, não sentiu, não teve essa oportunidade, né? Então é muito... muito louco pensar nisso assim. Eu me



sinto uma privilegiada, mas ao mesmo tempo acho isso muito triste. Sabe? Você entender que você viveu um período que é uma exceção, se você pensar a história do Brasil, né? É um período que foi uma exceção. E isso é terrível. Eu já constatei isso já faz um tempo. Eu tava aqui ainda, agora tô aposentada. Eu tava aqui trabalhando, e já tinha me dado conta disso, porque a gente vai vendo a decadência das coisas, das estruturas, mesmo que a gente quisesse fazer, hoje não existe mais nem o fôlego, nem a estrutura... nem humana, nem de gente, nem de funcionário mais. Então, é uma constante diminuição de estruturas. Você vê, quando o Celso Daniel ganhou as eleições

em 1989, esse concurso que eu entrei, que o Moretto entrou, foi um puta de um concurso gigante, que contratou várias pessoas. Várias pessoas que não estavam ligadas, necessariamente, a partido nenhum, a político nenhum. Muitas para área de cultura, mas para outras áreas também. Quer dizer, isso foi criar estruturas. Ele criou estruturas naquele momento, grandes estruturas que possibilitaram tudo isso. E de lá pra cá, a gente só viu essas estruturas diminuindo, diminuindo, diminuindo... Então, não só o pensamento é outro, tanto da sociedade quanto da gestão, mas a estrutura também é outra totalmente diferente. É inviável. A gente não tem perna. Mesmo se

quisesse fazer de novo, não teria como. Não teria verba, não teria gente, não teria estrutura pra manter, pra fazer as coisas acontecerem. Então esse sucateamento do setor público vem na contramão de tudo o que foi feito antes. Antes foi um grande movimento de estruturar o setor público, mas esse pensamento do Estado mínimo tá matando tudo, sabe? Até mesmo as possibilidades. Então outras saídas vão ter que ser encontradas, né? O poder público vai ter que encontrar o seu caminho, e a produção cultural também. Porque o Estado é mínimo agora. Um Estado enxugado. E não cabem mais projetos audaciosos como foi o caso da ópera. Difíceis de construir, e que requer muita paciência, muita dedicação, muito tempo, né? E também muita gente. Tinha uma estrutura, tinha dois agentes culturais, mas a equipe toda se envolveu com o projeto. E esse era um pedacinho do Departamento de Cultura. O setor em que eu e o Moretto, que a gente trabalhava, a Gerência de Ação e Difusão Cultural, era um pedacinho do Departamento de Cultura, era uma das gerências. Você citou a peça Nossa Cidade da ELT, era outra gerência que fez. Quer dizer, tinha várias gerências, cinco no total. E cada gerência com vários projetos.

**JAIRO COSTA – FOI NA MESMA ÉPOCA QUE SANTO ANDRÉ COMPROU PARANAPIACABA, NÉ? E QUE FOI CRIADO O FESTIVAL DE INVERNO?**

**VANIA CRISTINA** – Foi. O Festival era de responsabilidade da Gerência da Ação e

Difusão Cultural. E Paranapiacaba é outra questão também, porque depois teve outro concurso público, na gestão do Celso, que ele estruturou toda a área de meio ambiente, uma equipe, um trabalho enorme. Tão grande quanto o concurso da cultura, em termos de contratação de equipe, foi o do meio ambiente para fiscalização de área de manancial. Então Paranapiacaba envolvia essas duas questões, tanto a estrutura para a cultura, que envolvia memória, patrimônio, quanto para a questão ambiental. Essas duas áreas foram estruturadas nesse processo inicial de redemocratização do país, aqui em Santo André, nas gestões do Celso Daniel. As duas áreas foram estruturadas. E de lá pra cá, a coisa só caiu. Às vezes você pode até sentir uma vontade política, mas não é suficiente pra criar as estruturas. Você precisa de muita vontade política pra fazer o que o Celso fez.

**JAIRO COSTA – EM RESUMO, DÁ PRA DIZER QUE ESSE PERÍODO QUE VOCÊS VIVERAM FOI UM MOMENTO SEMINAL QUE TIROU SANTO ANDRÉ DO SÉCULO XIX E BOTOU NO SÉCULO XXI, MUITOS ANOS ANTES QUE TODO MUNDO, NÉ? (RISOS)**

**VANIA CRISTINA** – Sim. Eu acho que Santo André foi precursora em várias frentes. A questão das escolas livres, que surgiram nessa época. Santo André foi precursora disso. Tudo, tudo começou primeiro em Santo André. O Centro de Referência da Juventude, foi o

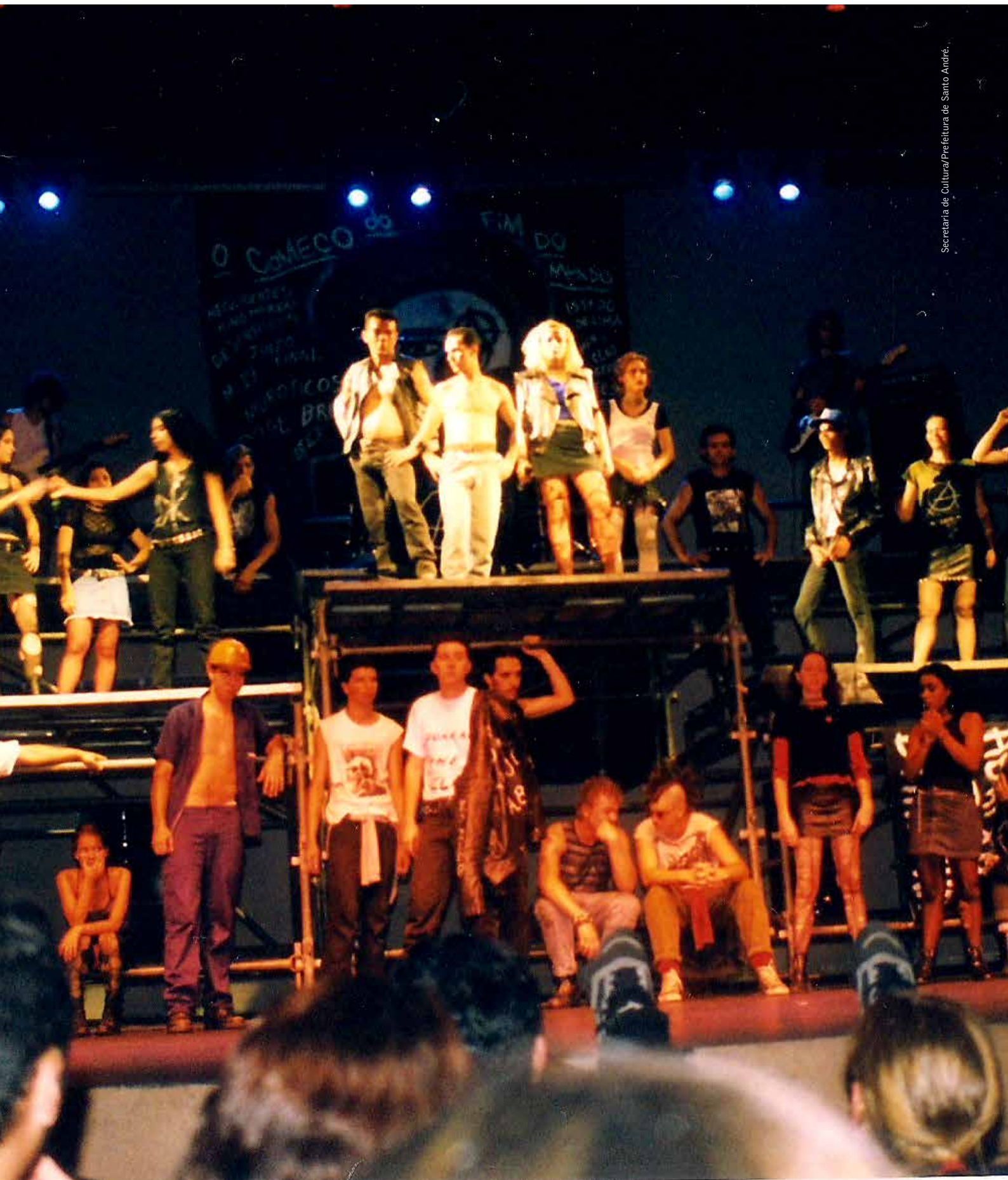


segundo do país. O Parque da Juventude de Santo André, ele existe antes do Parque da Juventude de São Bernardo, antes do Parque da Juventude de São Paulo. Várias coisas surgiram aqui. O trabalho de cultura nos Centros Comunitários, eu fui contratada pra trabalhar com isso, quando entrei aqui, depois é que foram surgir os CEUs em São Paulo, inspirados na experiência de Santo André. A gestão em Santo André foi pioneira numa série de coisas. E é muito impressionante ver como tudo aconteceu e como tudo foi decaindo depois.

**JAIRO COSTA – FANTÁSTICO, ATÉ ARREPIOU.**

**VANIA CRISTINA – Fantástico e triste...**





ROTEIRO ORIGINAL

# ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

Nas páginas seguintes, apresentamos a versão final da dramaturgia produzida por Antônio Bivar para a "Ópera Punk: existe alguém mais punk do que eu?". É preciso entender que esse é o roteiro base escrito por Bivar, mas que não necessariamente o apresentado na ópera, que foi sofrendo modificações e adaptações ao longo dos ensaios e das três apresentações oficiais da primeira montagem.

A história narra os conflitos entre os punks do subúrbio, que representavam o ABC, e os punks da City, representados pelos integrantes do movimento que viviam em São Paulo. A ópera se passa no auge do punk no Brasil, em 1982, retrata momentos históricos como as greves do ABC e também os últimos dias da ditadura militar no país, expondo conflitos sociais e políticos de uma sociedade que vivia sob intenso controle e atravessando sucessivas crises econômicas.

CENA 1 - APRESENTAÇÃO

(MÚSICA: BASE)  
CENÁRIO ABSTRATO. MÚSICA, ACORDES DO TEMA PRINCIPAL. 6 PUNKS ENTRAM EM CENA PROFERINDO FRASES EXPRESSIVAS DA IDEOLOGIA DO MOVIMENTO. (OBS.: FRASES MELHORES OU MAIS APROPRIADAS PODEM SUBSTITUIR AS ACIMA) CADA UM DIZ SUA FALA E SAI.

(Renato) PUNK 1: Punk é atitude. Nós não estamos interessados em música. Nós estamos interessados em CAOS.

(Barata) PUNK 2: O estilo punk está mais na atitude que na música. Desafiamos a chatice e a estupidez do rock nos anos 70. Mas o Punk também não tem medo de desafiar o próprio Punk.

(Pedrinho) PUNK 3: Abaixo a ditadura. Chega de repressão. As mídias européia, americana e brasileira são compradas pelas multinacionais. São censuradas e editadas pelos executivos. Elas refletem seus pontos de vista ao invés de mostrarem as notícias reais.

(Nei/Cleri) PUNK 4: Maldita policia! As corporações têm mais poder que o governo, o povo e as uniões trabalhistas de um país. De modo que não há futuro. Estamos todos fodidos.

(Momocov) PUNK 5: A vida é dura. Disso já sabemos. Mas há muita coisa a se fazer e não pretendo ficar parado. (ERGUE UM FANZINE) Está chegando às suas mãos o fanzine ANARQUISTAS PRESENTES. Espero que gostem do primeiro número. O próximo será melhor. Entre em contato conosco, dê sugestões, critique, elogie, xingue.

(Pádua) PUNK 6: Ser capaz de sentir indignação contra qualquer injustiça, cometida contra qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, é a qualidade mais bela de um revolucionário.

CENA 2 - DE ONDE VIEMOS?

RUA. SONS DE CIDADE, ZUNIDO DE RUA, BUZINAS, CARROS. SOM DE RÁDIO DA ÉPOCA (JACINTO FILGUEIRA JR, ZÉ BÉ-TIO, AFANÁSIO). GENTE CAMINHANDO APRESSADA. GENTE PARADA CONVERSANDO. O CONVENCIONAL URBANO. TRABALHADORES, DESEMPREGADOS, PEDINTES, AMBULANTES. UM HIPPIE ESTENDE O PANO COM ARTESANATO.

HOMEM 1: Perfeita a greve. E gostei da passeata.

HOMEM 2: Tomara que vingue. Tô desempregado.

HOMEM 1: Você ouviu o rádio? Segundo a Polícia Militar, 10 mil manifestantes. Mas dirigentes do Sindicato garantem que foram 100 mil.

HOMEM 2: Vamos deixar por 50 mil. Pensa bem, é muita gente!

NARRADOR (AO PÚBLICO): Estamos em 1979, em algum lugar de Santo André. O mês é setembro. A ditadura militar continua. Capengando, mas continua. O General Figueiredo, mais preocupado com o bem estar e o bom desempenho de seus cavalos, ignora as reais necessidades do Povo. Manifestações de insatisfação por toda parte. Prefigura-se para breve um futuro caótico. E a insatisfação organizada é mais forte ainda aqui no ABC. Ouvem bombas? (ESTOURO DE BOMBA) A repressão corre frouxa em meio a estouro de bombas (OUTRO ESTOURO). Bombas de gás arremessadas pela ROTA. As bombas são devolvidas por arremessos e chutes, por jovens que pulam de um lado pro outro. (EXPLOSÃO SEGUIDA DE TIROS SENTENCIADOS. VOZES PUNK EM OFF. O NARRADOR COM UMA MÃO NO OUVIDO EXAGERA GESTO DE OUVIR.)

(Renato) PUNK (OFF): Chega de repressão! (Nei) OUTRA VOZ: Pau no cu do Figueiredo! (Ticão) OUTRO: Foda-se a Polícia!

(Pádua) OUTRO: Já encheu o saco!

NARRADOR (AO PÚBLICO): Os metalúrgicos se encantam com a ousadia dos Punks.

PUNK (OFF): O ABC é um lugar muito bom de se morar! (SONS DE VIATURAS DA ROTA)

NARRADOR (CONTINUANDO): Parecia o começo de uma guerrilha urbana como há muito não se via. Os punks conseguiram escapar. Um jornalista foi agredido pelos policiais. Os olhos sangrando de palpebrite. A atmosfera continua excitada e tensa. Os punks pararam para pensar e tiveram a certeza de que podiam, sim, mudar a sociedade. (MUDA O TOM. MAIS SOCIAL) Esta é a rua principal e estamos na tarde do mesmo dia.

(MÚSICA: FORRÓ)  
ENTRA O CHURRASQUEIRO, MONTA A SUA  
BANCA. (MÚSICA: TEMA DO HIPPIE)  
ENTRA O HIPPIE E ESTENDE O SEU PANO.  
3PUNKS ENTRAM DA ESQUERDA  
E PROVOCAM O HIPPIE.

(Pádua) PÁDUA: Acorda, cara (TIRA O BONÉ. OU QUALQUER COISA DO HIPPIE).

(Cleri) NENÊ: (DANDO UM CASCUDO NO HIPPIE): Sai dessa vida, parasita.

(Barata) BARATA (AOS COMPANHEIROS): Que é isso?

HIPPIE (BEATIFICADO): Paz e amor. Somos todos irmãos.

OS PUNKS ATRAVESSAM A CENA E PARAM  
À DIREITA NUMA BARRACA DE PINGA E  
CHURRASCO DE GATO. UM DELES, O BARATA,  
DEVOLVE O BONÉ AO HIPPIE. MAIS  
DOIS PUNKS SE JUNTAM AO TRIO, ANI-  
MADOS, CONVERSAM, ENQUANTO EM OU-  
TRO CANTO DOIS HOMENS OS COMENTAM.

HOMEM 1: Eles estavam na passeata.

HOMEM 2: Parece coisa do demônio. Que falta faz o Fleury.

(MÚSICA: TEMA DA VELHINHA)  
ENTRA A VELHA (MULHER PREPOTENTE  
DE MEIA-IDADE, QUE SE ACHA COM TODO  
O DIREITO SÓ PORQUE TEM IDADE).  
TROMBA COM O HIPPIE ATRAVANCANDO O  
CAMINHO.

(Paula) VELHA (BRANDINDO O GUARDA-CHUVA): Não tem outro lugar prá ficar? Por que o cabelo desse tamanho? Piolhento. (BATE NELE COM O GUARDA-CHUVA) Sai do caminho, vagabundo.

HIPPIE (PACÍFICO): Paz e amor, tia.

(Paula) VELHA (INDIGNADA): Que tia? Eu sou lá irmã da tua mãe? Mais respeito que tenho idade prá ser sua avó. (BATE COM O GUARDA-CHUVA) Sai, sai, sai. (O HIPPIE SE ARRASTA UM POUCO PRÁ ELA PASSAR)

HIPPIE: Vai em paz, vó.

(Paula) VELHA: Que falta faz uma boa escola. Já não se ensina educação e respeito, (TROMBA COM OS PUNKS) Ora, se não é o capeta na tranqueira! Quem são vocês? Filhotes de urubu? Não estudam, não trabalham. É tudo vagabundo? (DESAFIANDO-OS COM O GUARDA-CHUVA)

NENÊ: Veja como fala, velha.

JESUS: E aí, tia, faz quanto tempo que não leva uma vara entre as pernas?

(Pádua) PÁDUA (A VELHA): Mais respeito, o maracujá-de-gaveta.

(Barata) BARATA (AOS COMPANHEIROS): Deixa ela terminar o discurso.

(Paula) VELHA (ABRINDO CAMINHO COM O GUARDA-CHUVA): Já terminei.  
Sai, sai, sai. Desinfeta.

(Pádua) PÁDUA (A PEITANDO): Sai você, parasita. (Paula) VELHA: Vocês me respeitem, heim!

UM PUNK TIRA O GUARDA-CHUVA DELA  
OUTROS A LEVANTAM DE BUNDA VIRADA  
PARA A PLATÉIA. O PRIMEIRO ENFIA O  
GUARDA-CHUVA NA VELHA, QUE GRITA AO  
MESMO TEMPO EM QUE É ARREMESSADA  
FORA DE CENA. DO OUTRO LADO O HI-  
PPIE, ASSUSTADO, TAMBÉM SAI.  
(MÚSICA: TODOS TÊM O DIREITO DE  
PROTESTAR - PASSEATAS)  
ENTRAM OS PUNKS CANTANDO A MÚSICA  
TODOS TÊM O DIREITO DE PROTESTAR.  
ENFILEIRADOS, CANTAM ENCARANDO A  
PLATÉIA. AO FINAL DA MÚSICA SAEM RA-  
PIDAMENTE.

HOMEM 2: Mas quem são esses baderneiros?

HOMEM 1: Ainda não deu para entender o que eles querem. Como eu te disse, eles estavam na passeata. Eu estava meio longe mas dava prá ver que eram os que mais protestavam.

HOMEM 2: Mas quem são eles, afinal?

O NARRADOR, QUE DISCRETAMENTE SE  
ENFIARA ENTRE OS . DOIS HOMENS,  
MEIO MISTERIOSO, MEIO IRÔNICO, EN-  
TRA NA CONVERSA.

NARRADOR: São os punks. Muitos os imaginam arruaceiros e briguentos. Pervertidos e depravados. A escória da cidade. É claro que vivem à margem da Lei e da Ordem.

HOMEM 2: Que falta faz o Fleury.

HOMEM 1: Fleury? Vira essa boca prá lá.

OS DOIS HOMENS VÃO SAINDO DE CENA E  
O NARRADOR AVANÇANDO À BOCA DE-CENA  
EXPLICA AO PÚBLICO.

NARRADOR: Em 1974, o Delegado Fleury, que instaurara terror e paranóia por todo o Estado, no período mais quente do AI-5, já não mais apitava. O caos parecia estar começando a rolar. E os Punks, uma nova tribo de revoltosos e insatisfeitos com o



Sistema, começava a marcar presença no cenário urbano obscurecido pela poluição e pela desigualdade social. (SAI DE CENA)

CENA 3 - PENSANDO NO MOVIMENTO

CENÁRIO, O MESMO DA CENA ANTERIOR (RUA). DUAS GAROTAS CRUZAM O CENÁRIO, CADA UMA VINDO DE UM LADO E SE ENCONTRAM NO CENTRO. DOIS PUNKS ENTRAM E PROVOCAM AS GAROTAS, SENDO REJEITADOS POR ELAS. OUTROS PUNKS SE JUNTAM AOS DA CENA ANTERIOR. O ENTUSIASMO CRESCE E INICIAM UM MANIFESTO. ESTÃO TOMANDO VINHO NATAL (CANTAM UMA ODE AO VINHO NATAL).

(Pádua) PADUA: Pensativo, Nenê?

(Cleri/Momocov) NENÊ: É, tô pensando no movimento. Podemos, sim, mudar a sociedade. Não somos assassinos, Não somos vagabundos.

(Vitor) BINHO: Sou ateu convicto. (BRINDANDO) Um brinde a Bakunin.

(Renato) FAROFA: Viva a Anarquia!

(Barata) BINHO: Um anarquista não reconhece ninguém nem acima nem abaixo dele. Anarquia é uma sociedade de iguais e livres.

(Vitor) MALOKA: Foda-se a polícia! (DÁ UMA CUSPARADA PRO LADO)

(Pádua) PÁDUA: Prá mudar o Sistema tem que saber como ele funciona. Ser advogado prá saber como é. Entrar para a PM prá saber como é. Prá se fortalecer.

(Cleri/Momocov) BINHO: Tem que buscar uma forma, uma maneira de superar o ganguismo e partir para a união. Estamos todos na mesma situação.

(Barata) BARATA: Temos que firmar pontos para chegar a um

## ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

objetivo comum, uma comunidade forte, para a partir daí mudar a sociedade.

(Pádua) JESUS: Eu quero que a sociedade se foda. Comunidade é coisa de hippie.

(Renato) FAROFA: Desempregado, fodido, só no Punk a verdade.

(Vítor) MALOKA: Um brinde ao movimento! (BRINDAM)

(Cibele) VOZ FEMININA DA PLATÉIA: O Punk é um movimento machista!

CORO PUNK NO PALCO: O Punk é machista, sim!

JESUS: Ação direta já!

OUTRA VOZ FEMININA DA PLATÉIA: E a mulher? É relegada ao tanque? A lavar cueca de punk?

NO PALCO UM PUNK DISTRIBUI MAÇOS DE PANFLETO AOS COLEGAS. COMEÇA A MÚSICA "TODOS TÊM O DIREITO DE PROTESTAR". TODOS CANTAM E SAEM EM MASSA NA DIREÇÃO DA PLATÉIA, ARREPIANDO E DISTRIBUINDO PANFLETOS.

### CENA 4 - AS MINAS

(MÚSICA: ELA)

CINCO MINAS SOBEM DA PLATÉIA AO PALCO PROTESTANDO CONTRA O MACHISMO DO MOVIMENTO.

(Cibele) DENISE: A mulher tem que fazer valer suas atitudes e conquistar seu espaço no movimento. Agora, tem muito punk no movimento que acha que as mina só serve prá aquilo. Aqui procê, ó. (GESTO DE MOSTRAR O DEDO)

(Paula) ROSÂNGELA: Sou a anti-Eva no paraíso de falocratas no subúrbio do orgasmo. Eu tô cabrera com o machismo e o preconceito no movimento.

(Débora) REGIANE: Eu sou punk porque não tem coisa melhor prá ser. A outra opção é discoteca e alienação. Eu quero que a Olivia Newton-John se foda!

LILI: Eu não sou de treta mas já dei na cara de muita mina,

e de muito cara também. E já fiz muito cara e muita mina que não era punk virá punk e entrar no movimento.

(Paula) ROSÂNGELA: Que o movimento é machista, não tenham dúvidas. Mas foi no movimento que pela primeira vez eu vi valer as minhas idéias.

DENISE: Só porque tô namorando um cara que, até ontem, namorava a REGIANE, agora a gangue dela... As mina quer me pegar. Diz que vão me capar. Antes de me capar eu capô três ou quatro. Eu não tenho medo de treta.

REGIANE: E muito menos eu. Aliás, eu só tô no movimento por causa das treta. Sei que tem muita mina aí dizendo que sou galinha. Isso porque faz nem um ano que entrei no movimento e já namorei uns cinco cara. E desconfio que um deles seja gay. Se for, tudo bem, mas tem que assumir. Porque se o movimento é machista eu sou mais macha que todos.

(Dunga) LILI: Eu não nasci punk. Foi a podridão do sistema que me fez virá punk. Mas eu não tenho medo do machismo no movimento. Aliás, eu não tenho medo de machismo nenhum.

(Paula) ROSÂNGELA: Vamos mudar esse quadro. Se você quer mudar o mundo, comece por mudar o seu dia-a-dia.

REGIANE: Queremos o fim da exploração do homem pelo homem e principalmente da mulher pelo homem.

APÓS O PROTESTO DAS MINAS, OUTROS PUNKS SE SOMAM AO GRUPO E SE ANIMAM PARA PARTIR PARA O SHOW.

(Renato) FAROFA: Prá onde que nós vamos?

(Barata) BARATA: Pro show no Templo, lá na city.

(Nei) JESUS: Não vai dá certo. Por que os cara da cidade não vem aqui no ABC?

(Cibele) ROSANGELA: É uma tentativa de união do movimento. Não seja covarde.

(Clei/Momocov) NENÊ: Vamu lá na cidade, sim. (Pádua) PÁDUA: Chegou todo mundo? Cadê o Maloka? JESUS: Eu tô tenso, faz duas semanas que não brigo.

**ÓPERA PUNK** EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

MALOKA (CHAMANDO TODOS): A contagem. A gangue dos Anjos... (CONTANDO) 13, 24, 25.... Cadê o FAROFA? (FAROFA SE APRESENTA). Ali os Abutres de Mauá, mais 15. 49. (CHAMANDO TODOS) Vâmo.

NENÊ: Então, vamos pro Templo?

TODOS: Vamos zuá na city!  
SAEM TODOS PELO MESMO LADO.

CENA 5 - SALÃO TEMPLO, NA CIDADE.

(MÚSICA: DEZEQUILÍBRIO)  
SALÃO ESCURO, FUMAÇA, UNDERGROUND. AMBIENTE PUNK. O SOM QUE ROLA É UM CLÁSSICO PUNK. OS PUNKS DA CITY VÃO CHEGANDO NO SALÃO, AGITANDO E BATEENDO SUA JAQUETA NO CHÃO. É O RITUAL TRIBAL DO MOVIMNETO. OS PUNKS DO ABC COMEÇAM A CHEGAR. A PRINCÍPIO ANDANDO, OBSERVANDO O AMBIENTE E AOS POUCOS VÃO SE INSERINDO NO GRUPO. AGORA, ALÉM DOS PUNKS DO ABC (QUE JÁ PARTICIPARAM DAS CENAS ANTERIORES) DESTACAM-SE TAMBÉM OS PUNKS DA CIDADE, ENTRE ELAS: ÍNDIO, ARIEL, RATINHO, SARDINHA, CLEMENTE, MEIRE, TINA, MAKÁ, ZORRO, SEGUINTE ETC. UM OU DOIS CASAIS PUNK. A RODA DE PUNKS VAI AUMENTANDO EM TORNO DAS JAQUETAS DEPOSITADAS NO MONTE. UM GRUPO DE NÃO-PARTICIPANTES PERMANECE ISOLADO NUM LADO DO PALCO, ENQUANTO OS OUTROS, ANIMADOS, AGITAM.

NENÊ: Pela união e fortalecimento do movimento. (BATE A JAQUETA NO CHÃO E A DEIXA AÍ)

ARIEL: Nós, punks, queremos mudar radicalmente o mundo. Queremos uma sociedade de iguais e livres.

DO GRUPO NÃO-PARTICIPANTE ISOLADO, FALA O ZORRO.

ZORRO: Esses cara tão muito forgado.

BARATA (RITUAL DA JAQUETA): Punk é liberdade de expressão e espaço prá se movimentar.

MEIRE: O pensamento punk é livre e para uma cabeça punk não existe fronteiras.

ÍNDIO: Porque não tem que ter esse negócio de punk do ABC e punk da cidade: é tudo punk.

(MÚSICA: BABY, BABY - VIBRATORS)  
ACONTECE A PRIMEIRA CRUZADA DE  
OLHARES ENTRE ROSÂNGELA E ÍNDIO; NA  
DURAÇÃO DO CURTO CONTATO ENTRE OS  
DOIS, OUTROS PUNKS SEGUEM O RITUAL  
DE BATER E DEIXAR A JAQUETA NO MON-  
TE.

ÍNDIO: Você é do ABC? É irmã do Nenê?...  
(Paula) ROSÂNGELA: E você?

CONTINUA O RITUAL DA JAQUETA E OUTRO PUNK.

SARDINHA: Se o presente é uma merda, o futuro será uma bosta ainda mais fidida.

#### CENA 6 - TRETA

(MÚSICA: HEY, HOH. LET'S GO -  
RAMONES) DO GRUPO ISOLADO, ZORRO À  
FRENTE, SEGUIDO PELOS OUTROS, VEM  
E CHUTA AS JAQUETAS. INSTAURA-SE A  
TRETA. SOCOS, CHUTES, PONTA-  
PÉS, CAMBALHOTAS E DESTREZAS  
ACROBÁTICAS PUNK NA CONFUSÃO, IM-  
PROPÉRIOS, SOM DE ACORDO COM A DI-  
NÂMICA DA CENA, INCITANDO AINDA MAIS  
A TRETA. ALGUNS PUNKS DO ABC E DA  
CIDADE TENTAM APAZIGUAR.

(Barata/Cleri) NENÊ: Punk não tem que brigar com punk.

ARIEL: Estamos aqui pela união do movimento e não por mais uma treta, imbecis.

MAKÁ (PARA LILI - AS DUAS BRIGANDO PELOS CABELOS): Faz

tempo que eu tava afim de te pegar.

LILI (REVIDANDO): Foi você que roubou minha cola, maldita!

(Pádua) BINHO (AOS QUE BRIGAM): Por causa de meia dúzia, agora é que o ABC e a cidade não se juntam mesmo.

### CENA 7 - POLÍCIA E REPRESSÃO

(MÚSICA: LEVA PRÁ 40)  
NO PICO DA TRETA ENTRAM 4 POLICIAIS, O PAU TÁ COMENDO, A POLÍCIA USA DOS EFEITOS SONOROS DO SEU PRÓPRIO ARSENAL: SIRENES, APITOS E UM TIRO PRO ALTO.

POLÍCIA 1: Todo mundo na parede.

UNS VÃO, OUTROS CONTINUAM ONDE ESTÃO. POLÍCIA 2 DÁ UM TABEFE NA ORELHA DE ÍNDIO E RECEBE UM PONTAPÉ DE ROSÂNGELA.

ROSÂNGELA (DANDO PONTAPÉ NO POLÍCIA): Covarde. Só porque tá armado.

POLÍCIA 2 (LEVANTA O CACETETE PARA BATER EM ROSÂNGELA, ELA COM O PORTE O DESAFIA; O POLÍCIA SE ACOVARDA E ESCAPA, INDO DAR COM O CACETETE NO FAROFA.)

FAROFA (DEFENDENDO-SE): Pôrra, que que eu fiz?!

POLÍCIA 1 (GERAL): Vagabundos. Vamos ver quem tá armado e quem tá com bagulho.

POLÍCIA 2: Vocês são punks ou o quê? (SILÊNCIO. PEGA UM, CARA DE MENOR) Que é que você tá fazendo uma hora dessa aqui?

SARDINHA: (NÃO RESPONDE)

POLÍCIA 2 (BATE NO SARDINHA E O EMPURRA PRÁ PAREDE): Todos na parede.

POLÍCIA 1 (AO ARIEL): Cadê seu título de eleitor? Você vota?

ARIEL: Votar em quem? Estamos numa ditadura.

POLÍCIA 1 (DANDO UM SAFANÃO NELE): Respeita o General.

POLÍCIA 2 (REVISTANDO O BAIANINHO): Olha só! (ACHOU UM BASTEADO).

Bem servido, né! Vai ali pro centro.

FAROFA (SE DESCULPANDO): Pô, mas...  
(LEVA UM SAFANÃO, SE DEFENDE, APANHA CONTINUA DEFENDENDO-SE, É POSTO NO CHÃO, PISADO, GRITA, ALGUNS PUNKS VOLTAM-SE QUERENDO DEFENDÊ-LO, LEVAM SAFANÃO DOS OUTROS POLICIAIS E VIRAM PARA A PAREDE)

POLÍCIA 1: Vão tirando as "jóias". Vão me entregando cintos, pulseiras, facas, armas, vão tirando a roupa.

ALGUNS OBEDECEM. OUTROS SÃO ESQUECIDOS. OS POLICIAIS PEGAM CINTURÕES ETC. E VÃO JOGANDO EM UM MONTE. A CALÇA DE PÁDUA CAI E ELE ESTÁ DE CEROULA.

POLÍCIA 2 (AO PÁDUA): Por que você está de ceroula?

(Pádua) PÁDUA: Para amenizar o frio.

POLÍCIA 2: Não banca o engraçadinho.

(Pádua) PÁDUA: Mas é por causa do frio, caralho!

POLÍCIA 1 (A REGIANE): E você, por que está estufada aí embaixo? Tá escondendo o bagulho do seu macho?

REGIANE: É tampão, cara. Tô de pacote.

POLÍCIA 1 (GROSSEIRO E CERTEIRO, VIRA A BETE DE FRENTE PARA A PLATÉIA, ENFIA DUMA VEZ A MÃO E ARRANCA O TAMPÃO. É UM TAMPÃO CASEIRO, MANCHADO DE SANGUE. A RATA VIRA FERA)

REGIANE: Filho da puta. Rato escroto. Vá tomar no cu. (APANHA E DEFENDE SE. O POLÍCIA 1 JOGA O TAMPÃO NO MEIO DOS OBJETOS)

POLÍCIA 2 (PARA RENATO, REVISTANDO-O): Cadê a carteira profissional?

RENATO: Tá no trampo.

POLÍCIA 2: E qual o número do seu RG?

RENATO: Eu não sei decór.

POLÍCIA 2: Mas é uma corja de imprestáveis. O Brasil tá precisando de gente na enxada.

POLÍCIA 1: Vamos levar dois. Algema neles. Esse aqui (FAROFA) que tava com bagulho. E aquele ali (ARIEL) que desafiou a Ditadura. Os outros vão saindo. A festa acabou. Pode fechar o salão.

OS PUNKS VÃO PEGANDO SEUS PERTENCES E SAINDO.

FAROFA (SENDO ALGEMADO, AOS QUE SAEM): Avisa lá minha mãe.

### CENA 8 - ROMANCE PUNK

(MÚSICA: BAY, BABY - VIBRATORS)  
NA SEQUÊNCIA. PARA ESCAPAR DA POLÍCIA, UM RAPAZ PUXA UMA GAROTA PARA UM CANTO. ELE É O ÍNDIO, PUNK DA CIDADE; ELA É ROSANGELA, DO ABC, O FLERTE ENTRE OS DOIS PROGRIDE.

(Ticão) ÍNDIO: Aqueles filhos da puta acabaram com a nossa festa.



(Paula) ROSÂNGELA (AINDA REVOLTADA COM A REPRESSÃO POLICIAL):

Aqueles filho-da-puta.

(Ticão) ÍNDIO: É por isso que o movimento tem que se unir. Eu vou lá no ABC.

(Paula) ROSÂNGELA: Você tem coragem?

(Ticão) ÍNDIO: Por que não? Por acaso eu também não sou punk? Eu vou lá trocar idéia com o pessoal. Vou te levar o play do "Speed Twins".

(Paula) ROSÂNGELA (ANIMADA): Do "Speed Twins"? Quando?

ESCURO

### CENA 9 - COMENTÁRIOS DO DIA SEGUINTE

(MÚSICA: SHADOW)

OS PUNKS SE ENCONTRAM PARA COMENTAR O QUE ACONTECEU NA NOITE ANTERIOR. O PALCO ESTARÁ OCUPADO, TIPO ASSIM:

CADA GRUPO - DO ABC E DE SÃO PAULO - POSICIONADO FRENTE A FRENTE. ISOLADAS, TRÊS GAROTAS DO ABC CONVERSAM. ENQUANTO CONVERSAM O GRUPO DE PUNKS DE SP SE POSICIONA.

(Cibele) LILI (P/ ROSÂNGELA): Mas vocês estão namorando?

(Paula) ROSÂNGELA: Rolou um clima. Ainda é cedo. Mas vou encarar essa. Meu irmão falô que apoia.

(Débora) DENISE (VOZ DE RESSACA): É. O Nenê é diplomático. Eu tô afim do seu irmão mas ele faz que nem me enxerga.

(Cibele) LILI (PARA RÔ): Mas se prepara que vem treta. Já deve tá te chamando de traidora.

(Paula) ROSÂNGELA: Tô nem aí. Não admito que controlem a mi-

nha vida. O Índio é da cidade, eu sou do ABC, junto a gente vai lutar por aquilo que acredita.

(Débora) DENISE (RESSACA): Na minha opinião você tem mesmo que mandá esses cara se fudê.

OS DOIS GRUPOS SE ATACAM VERBAL-  
MENTE

MALOKA: Fomos em 49 e voltamos em 48, FAROFA rodou.

FAROFA (JÁ SOLTO E NO GRUPO): Rodô também o cara da city. Mas ele continua preso. Por "questões políticas".

JESUS: E quase que a Rô também não vem. Ocê viu ela lá com o cara?

NENÊ: O Índio é limpeza. Conheço ele.

(Pádua) PÁDUA: Eu não confio em cara da cidade. Ali só tem cabeça-de-treta, O Brasinha, o ZORRO... A gente tem que tomar uma atitude.

FAROFA: É. Foi o pessoal de São Paulo que começou, chutando as jaqueta.

GRUPO CIDADE

TINA: Mais uma vez não deu certo. União Cidade e ABC. Mais uma vez a Cidade tem que pagá sapo de otário. Se não fosse aquele ZORRO começar a chutá jaqueta do ABC não tinha rola-do treta e a polícia...

ÍNDIO: Com treta ou sem treta a polícia escrota tá sempre reprimindo.

MAKÁ: Meu! O milico arrancou o tampão da Mina do ABC. Não tolero aquelas feia mas fiquei mordida com o que o milico fez com ela. Fosse comigo eu arrancava era o saco dele.

SEGUINTE: E aí, Índio, é verdade que você tá com uma mina do ABC?

AS 3 MINAS DO ABC CONTINUAM  
O PAPO DELAS.

LILI (PARA RÔ): Meu, só porque você sai com o cara de São Paulo, os cara já estão te chamando de sabonete.

(Paula) ROSÂNGELA: Sabonete é o cu deles.

DENISE (RESSACA): O cu deles nunca viu sabonete. (BEBE DA GARRAFA) LILI (PARA RÔ): Os cara vão querê pegá seu namorado.

(MÚSICA: SHADOW)  
ENTRAM OS PUNKS DO ABC E SE POSICIONAM FRENTE-A-FRENTE COM OS PUNKS DE SP, QUE JÁ ESTAVAM NO PALCO. AS GAROTAS DESCEM E ASSUMEM A SUA POSIÇÃO. AGRESSÕES E CONTEMPORIZAÇÕES PINGUE-PONGUEADAS - ABC E ENFILEIRADOS, FRENTE VISUALIZANDO UMA IMAGINÁRIA.

(Pádua) PÁDUA: Não quero união com playboys.

#### SÃO PAULO À FRENTE PAREDE

(Pedrinho) CLEMENTE: Tão chamando a gente de playboy pelas costas.

NENÊ: Eu preferia evitar a violência de lá prá cá e daqui prá lá.

(Cleri) SARDINHA: O verdadeiro punk é daqui, cidade.

JESUS: Não é porque trabalham com office-boys. O cara é boy mesmo.

URSO: Essas treta aí é foda. (Vítor) MALOKA: São Paulo é foda.  
(Cleri) TINA: O ABC é foda.

(Paula) ROSÂNGELA: A gente tem que tomar uma atitude.

(Ticão) ÍNDIO: Vamos ser o vínculo que vai unir o movimento.

(Débora) LILI: Os cara tão chamando a gente de "feias do ABC".

(Pedro) SEGUINTE: Eu vi umas feia do ABC, que, falando sério, eu também sou adepto pela união do movimento.

(Cibele) DENISE: As mina da cidade só dão uma de Punk no fim-de-semana.

(Kelly) TINA: Só porque moram um pouco mais longe, os do ABC pensam que só eles são periferia.

CLEMENTE: Vila Carolina, Freguesia do ó, Zona Leste, somos o quê?

TINA: Nós somos periferia do mesmo jeito. Só muda a geografia e mesmo assim é parecida. É a mesma bosta.

PÁDUA: Periferia o caralho. Periferia é o Jardim Silvina. Aquele neguinho é muito folgado.

FAROFA: O Demente?

MAKÁ: Esse é outro. Ele tá falando do Clemente.

PÁDUA: E naquela banda lá tem outro cara que é metido. Aquele burguesinho. Ele quer aparecer.

(Pedrinho) CLEMENTE: Os caras do ABC não são nem primitivos, são primários. Tô falando de alguns. Porque lá tem gente legal.

(Ticão) ÍNDIO: O movimento tem que ser unificado. Quero conhecer as bandas do ABC.

(Pádua) PÁDUA: Nem pensa em união. Não é o momento.

SARDINHA: Esse Pádula é muito espaçoso.

NENÊ: Não é Pádula, é Pádua.

CLEMENTE: É esse mesmo. Ele não vai com a minha cara. Não sei porque.

MEIRE: E por que você também não vai com a cara dele?

DENISE: Também não sei. E não quero nem saber.

(Paula) ROSÂNGELA: Mas já é hora de pará com isso e tentar

entender. Será que não entra na cabeça-de-tijolo de vocês.

MAKÁ: Vou namorar um cara do ABC.

FAROFA: Muito prazer, FAROFA.

(Renato) BARATA: Conheço caras da cidade e tem gente fina.

MEIRE: Nós temos que forçar a união, porque nós somos TODOS contra o Sistema. O movimento não é prá ser Punk contra Punk. Seja punk de São Paulo, do ABC, da Finlândia, da Polônia, de qualquer lugar, tudo é punk. E a união tem que ser mais que Cidade e ABC, tem de ser - porque é - INTERNACIONAL, prá acabar com a podridão do Sistema. Senão, quem vai apodrecer é a gente, nessas tretas infanto-juvenis.

DENISE (IRÔNICA): Meu! Que escola, heim! Onde que você estudou? (VOMITA)

TINA: Pô, a mina tá vomitando!

PÁDUA: Ali é tudo burguês. Os cara têm dinheiro prá ônibus.

SEGUINTE: Nós não somos burgueses. Nós também somos pobres e fodidos.

MALOKA: Eu vi a mina dando relê com o feio lá de São Paulo.

(Pádua) PÁDUA: Veja quem tá chegando!

(Paula) ROSÂNGELA: Falando de mim? Bem ou mal?

(Pádua) BINHO: Não tem homem aqui no ABC, não?

(Paula) ROSÂNGELA: Tem. Mas só que eu quero ficar com um homem de lá Todos os punks não têm o mesmo objetivo?

(Renato) BARATA: Você tá é impressionada.

(Paula) ROSÂNGELA: E mesmo porque eu nem sabia que ele era de São Paulo.

(Pedrinho) CLEMENTE (MENSAGEM PARA ÍNDIO): Você é muito ingênuo. Você tá caindo no conto da feia do ABC.

(Cleri) SARDINHA: Fique esperto. Você namora a mina, os cara vão te matá. (Pedro) SEGUINTE: Pô cara, tem nada a ver. Você tá lá e aqui ao mesmo tempo? (Ticão) ÍNDIO: Punk é Punk em todo lugar.

(Adriana) TINA: Mesmo assim eu acho que os cara do ABC tão te usando.

(Ticão) ÍNDIO: Eu não penso assim. O movimento tem que expandir. Tanto que eu tô levando fita pro pessoal do ABC.

(Cris) JESUS: É, o cara traz fita. A gente só curtia Stooges, Ramones, Sex Pistols, The Clash. O Índio traz informações. Stiff Little Fingers, Speed Twins, Dead Boys, Rezillos, Voids.

(Pádua) PÁDUA: Você quer unir com ele só prá fita?

LILI: Vamos mudar de assunto, vamos falar da formação da nossa banda, uma banda só de mina. Aí a gente vai mostrar prá eles, seja do ABC seja de São Paulo, que a gente faz um som igual ou melhor que qualquer um.

TINA: E aí, Maká, quando é que a gente vai formar uma banda das minas aqui na cidade?

MAKÁ: Tô sem grana prá comprá a bateria.

(Paula) ROSÂNGELA: Pro Índio não tem Zona Leste, Zona Sul, Osasco, ABC, interior, é tudo Punk. Ninguém é mais punk do que o Índio.

TODOS (EM UNÍSSONO): Eu sou!

DENISE: A verdade é que ninguém gosta do ABC e ninguém gosta de São Paulo.

NENÊ: O Índio não gosta da cidade. Ele vai morar aqui.

TINA: O que está acontecendo entre os dois é pessoal.

ÍNDIO: Não estou pensando no pessoal, estou pensando no movimento.

CLEMENTE: O ABC tá usando essa mina como isca. Prá através de você catar informação da gente.

RATINHO: Aí, cara, a gente se tromba.

DESMANCHAM A FORMAÇÃO  
E SAEM TODOS.

CENA 10 - A ARMADILHA

EM CENA OS COMPONENTES DAQUELE GRUPO ISOLADO QUE ESTAVA NO TEMPLO (CENA 5), DO QUAL ZORRO DEU INÍCIO À TRETA CHUTANDO AS JAQUETAS. ELES ARMAM UMA CILADA CONTRA O ABC. INVENTAM UM SHOW QUE NÃO EXISTIRÁ, SÓ PARA O PESSOAL DO ABC IR A SÃO PAULO, ONDE SERÃO PEGOS. PREPARAM O CARTAZ E FALAM DO ÁCIDO.

ZORRO: Qual a banda metida a ser mais punk lá do ABC?

DEMENTE: Tem duas. Os Troço, uma banda que faz jus ao nome, e Passeatas - a mais agitadora e politizada.

FAQUINHA (DESENHANDO O PANFLETO): Então vou pôr essa.

DEMENTE: Essa banda é tão agitadora que andou abrindo até prá show do Ângelo Máximo.

ZORRO: Quem?

DEMENTE: Não é do seu tempo. Era um careta da Jovem Guarda.

ZORRO: A gente põe uma banda do ABC para dar a impressão que tâmo prestigiando a união. Então, tudo pronto prá cilada amanhã?

FAQUINHA (TERMINANDO O CARTAZ): Pronto. Show no Brás, sábado dia 20. Bandas da cidade e do ABC. (LENDO) E bem grande: PELA UNIÃO DO MOVIMENTO.

ZORRO: E o ácido?

DEMENTE: Deixa comigo. Eu já fiz.

CENA 11 - ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, SANTO ANDRÉ.  
OS PUNKS COMEÇAM A SE REUNIR PARA  
IR AO SHOW. CHEGA O PRIMEIRO CAR-  
REGANDO UM INSTRUMENTO. PROCU-  
RA SEUS COMPANHEIROS, OLHA PARA O  
RELÓGIO (DA ESTAÇÃO) . OUTRO PUNK  
CHEGA. CONVERSAM. COMEÇA A CHEGAR  
PUNK DE TODOS OS LADOS. SE JUNTAM,  
SE CUMPRIMENTAM, CONVERSAM, TROCAM  
FANZINES, FITAS, INFORMAÇÕES. DIÁLO-  
GOS IMPROVISADOS. CHEGA O TREM. OS  
PUNKS INVADEM A ESTAÇÃO PULANDO AS  
CATRACAS, ENTRANDO SEM PAGAR.

CENA 12 - NO TREM

DENTRO DO VAGÃO, INDO PARA O SHOW,  
OS PUNKS ANIMADOS AGITAM. ALGUMAS  
PESSOAS COMUNS QUE ESTAVAM NO VA-  
GÃO, ASSUSTADAS, SAEM PARA OUTROS  
VAGÕES. UM PUNK LEMBRA DE UM HINO  
DE RUA. COMEÇA A CANTAR SOZINHO. OS  
OUTROS ENTRAM E CANTAM JUNTO.

TODOS:

"Foi no cinema que a gatinha aprendeu a rebolar Foi  
no cinema que a gatinha aprendeu a rebolar  
Roçando a bunda no malandro que estava a cochilar  
Roçando a bunda no malandro que estava a cochilar  
Que de repente acordou  
E logo enfiou  
O pau na bunda da gatinha que estava a rebolar O pau  
na bunda da gatinha que estava a rebolar E de repen-  
te se olhou  
E logo surgiu  
Um pingo branco no carpete que não era mingau Era  
suco de pau..."



CENA 13 - A CILADA

CHEGAM A ESTAÇÃO DE DESTINO: BRÁS. DESCEM DO TREM RAPIDAMENTE E SAEM DE CENA. AGORA O CLIMA É TENSO. EXPECTATIVA. O GRUPO CAMINHA UNIDO, PROTEGENDO-SE. UM COMPONENTE MAIS À FRENTE.

SURGE O GRUPO ADVERSÁRIO. TROCAM SOCOS E PONTAPÉS, INSULTOS. O GRUPO DO ABC SE DISPERSA E UM DELES LEVA ÁCIDO NA CARA ATIRADO PELO GRUPO INIMIGO. A CENA TERMINA COM O RA-PAZ AOS BERROS DE DOR AGONIZANDO NO CHÃO.

CENA 14 - A TRAMA DA VINGANÇA

NO ABC, COMENTAM O ACONTECIDO E PLANEJAM VINGANÇA. ALGUÉM LEMBRA QUE O BINHO (DO PASSEATAS) ESTUDA FÍSICA NA PUC E SABE UMA RECEITA DE BOMBA. BINHO ENSINA AO GRUPO. PLANEJAM JOGÁ-LA NO SALÃO CONSTRUÇÃO ONDE ESTARIA O GRUPO INIMIGO, DE SÃO PAULO.

(Pádua) PÁDUA: Não tem que ter perdão com os cara de São Paulo. Não, tem que arregaçar mesmo.

NENÊ: Que história é essa, os cara só quer saber de brigar!

FAROFA: Os cabeça-de-treta agora vão ver. É tudo cu.

(Pádua) PÁDUA: Cadê o Binho (GRITA PARA FORA DE CENA). Binho!

BINHO (ENTRANDO): Falô aí moçada!

(Pádua) PÁDUA: Você que estuda Física na PUC, e a receita daquela bomba?

COMEÇAM A MÚSICA DA RECEITA E DO PREPARO DA BOMBA ENQUANTO CANTAM E AGITAM, COM O MATERIAL À MÃO PREPARAM A BOMBA: CANO DE PVC-19CM. PÓLVORA FEITA À BASE DE CARVÃO, REBARBA DE METAL, PREGO ETC. MAIS PESADA NO MEIO; PAVIO EM SÉRIE. AMARRAÇÃO COM FITA CREPE ETC. ANIMAÇÃO.

### CENA 15 - A GRÁVIDA

EM FRENTE AO SALÃO CONSTRUÇÃO. DA DIREITA ENTRA UM PEQUENO GRUPO DO ABC, TENDO À FRENTE ROSÂNGELA E ÍNDIO. ROSÂNGELA ESTÁ GRÁVIDA DE MUITOS MESES. DO LADO ESQUERDO ENTRA UM PEQUENO GRUPO DE SÃO PAULO, COM DUAS MINAS. ROSÂNGELA AVISTA UMA DAS MINAS QUE DEVE TER APRONTADO ALGUMA PELAS COSTAS.

(Paula) ROSÂNGELA: Olha lá a vagabunda.

MINA SP: Vagabunda é você (TENTA AGREDIR A RÔ CHUTANDO-LHE A BARRIGA)!

AS DUAS SE ATRACAM. ÍNDIO ENTRA NA BRIGA, A MINA SP É JOGADA NO CHÃO E PISOTEADA SEM PIEDADE.

### CENA 16 - EM UM SALÃO CHAMADO CONSTRUÇÃO

GRUPO SE DIVERTE AO SOM DE CLÁSSICOS PUNKS. O NARRADOR É AGORA UM ANTROPÓLOGO. É SIMPATIZANTE DO MOVIMENTO E GOSTA DE PROVOCAR OS PUNKS USANDO ARGUMENTOS PERTINENTES, COMO SE VERÁ. AGORA, NA BOCA DE CENA, ELE FAZ UM RELATÓRIO AO PÚBLICO.

NARRADOR: Vocês com certeza perceberam, pela última treta, que não foi exatamente uma treta entre ABC e São Paulo mas uma treta pessoal. Mas sentiram, principalmente, a passagem de tempo, pela barriga de Rosângela, grávida de muitos meses. Deu para perceber, também, pelo comportamento do Índio, que o amor entre o casal só frutificou. Rosângela e Índio se casaram, ele mudou para o ABC e se integrou ao movimento local. No ABC o movimento crescia e já contava com várias bandas em função. E em nenhum momento foi esquecido o projeto de união entre ABC e São Paulo. Mas a realidade é que, no movimento, continuava havendo divergências, ainda que o número dos guardiães da discórdia fosse pequeno, em ambas as facções. O ano é 1981. Estamos agora no Salão Construção, na Vila.Mazzoni, Zona Norte de São Paulo. O Construção é um salão que reúne todas as gangues, mesclando roqueiros e punks numa harmonia difícil de ser vista em outros lugares. Numa das matinês domingueiras aconteceu um show histórico, com as bandas Restos de Nada, Cólera, Al-5 e Condutores de Cadáver. Para a função de hoje, sábado à noite, nenhuma banda se apresentará ao vivo. Mas todos se divertem ao som de fitas de clássicos punk.

O NARRADOR/ANTROPÓLOGO DIRIGE-SE A UM PEQUENO GRUPO - BINHO, CLEMENTE, ZORRO, ÍNDIO, ROSÂNGELA, MEIRE...- E ARGUMENTA:

NARRADOR: Mas vocês não concordam que a música punk é uma aberração, digo, em termos de vocês serem brasileiros e não ingleses?

ZORRO: Se for tirar de circulação todas as músicas que sofreram influência estrangeira, teríamos que começar com o samba, que vem da África.

BINHO (AO NARRADOR): Punk não é música. É som. O som da revolta da juventude pobre e marginalizada de todo o planeta.

NARRADOR: Chico Buarque, um compositor da MPB que vocês, com certeza, não toleram, ou, se muito, ignoram, disse: "Se o punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do punk no mundo inteiro".

MEIRE: Foda-se o Chico Buarque, que é um burguês.

CLEMENTE (EM ALTO BRADO): Nós estamos aqui para revolucionar a Música Popular Brasileira; para pintar de negro a Asa Branca, atrasar o Trem das Onze, estraçalhar as flores do Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer.

ROLAM CLÁSSICOS PUNKS. OS PUNKS AGITAM.

CENA 17 - A BOMBA

O SOM QUE ROLA É "HOMICIDE", DO 999. SALÃO CONSTRUÇÃO, MESMA NOITE, NA SEQUÊNCIA. EM UM NÍVEL MAIS ALTO, PÁDUA, JESUS E PEPEU ARMAM O ARREMESSO DA BOMBA.

JESUS: O pavio não tá curto?

PÁDUA (APONTANDO PARA OS DESORDEIROS DAS CENAS 6, 10 E 13 ): Ali, ó. Eles tão ali.

PEPEU: Não tem que arregaçar mesmo.

(Pádua) PÁDUA: Não tem que ter perdão com os cabeça-de-treta de São Paulo.

JESUS (ACENDENDO O FÓSFORO E O PAVIO): O fósforo.  
ALARME FALSO. VOZES AVISAM QUE A POLÍCIA ESTÁ ENTRANDO. TENSÃO.

VOZES: Ó os hóme! Ó os hóme!

PÁDUA SOLTA A BOMBA, QUE EXPLODE NA SUA MÃO. ÍNDIO TENTA AJUDÁ-LO. CAOS NO SALÃO. A POLÍCIA AINDA ESTAVA SUBINDO. O MÁXIMO EM TERROR. POLÍCIA. MÚSICA AUMENTA. ESCURO.

CENA 18 - O NARRADOR AVANÇA A HISTÓRIA

FOCO NO NARRADOR. ELE AGORA ESTÁ VESTIDO DE FRADE BENEDITINO (A CENA SEGUINTE É NO LARGO DE SÃO BENTO, SÃO PAULO)

NARRADOR (FRADE): Dizem os velhos sábios que quando perdemos um membro os outros se tornam mais vivos, mais ligados. Foi o que aconteceu ao Pádua ao perder a mão direita. Resolveu o problema com um gancho e firmou-se o mais punk entre os punks.

O movimento se fortalecia e dava mesmo a impressão de ter chegado a um consenso, um acordo, paz entre o ABC e São Paulo. Reflitamos sobre a questão territorial. O território. Como ambas as facções fossem em sua maioria periférica, o território mais Neutro, para ambas as partes, ficou sendo o Largo de São Bento junto à estação de metrô e ao secular Mosteiro e Igreja, de onde, em priscas eras, sendo o ponto mais alto e mais estratégico da cidade, se podia avistar ao longe, e vindo em sua direção para o ataque, vindo de Santos, os traiçoeiros índios Tamoios, aliados aos piratas franceses que queriam saquear nossos tesouros e violentar nossas mulheres, Mas isso foi há séculos. E agora estamos partindo para a reta final do Século 20. O ano é 1982. E o lugar mais apropriado para um QG que reúna todas as facções do movimento punk é aqui, o Largo de São Bento.

A igreja (MOSTRA A PRÓPRIA BATINA), o metrô, o viaduto, la-deiras, ruelas, becos e avenidas. É do mundo prá cá e daqui pro mundo. E a nós, padres, eles, os punks, não nos incomodam. Muito pelo contrário, não os vemos com olhos complacentes, entendemos sua alma, compreendemos seu papel.

E a mídia - e estou falando da "poderosa" -, como não podia deixar de acontecer, sedenta de modernidade, virá, daqui a pouco, atrás da tribo que está dando o que falar, em termos de tratamento-de-choque, na opinião pública. Porque, meus irmãos, o Punk em 1982 é o primeiro e único movimento a impactar a nação, (E SENDO PADRE, CITA EM LATIM) Ars longa, Vita brevis.

Porque aqui estão eles, punks de São Paulo, do ABC e de muitos outros logradouros. A festa é deles. E, por quê não, nossa também?

CENA 19 - SÃO BENTO

O NARRADOR/PADRE FUNDE-SE À CENA DO LARGO E SAI PARA MUDAR DE ROUPA. CENA NO LARGO SÃO BENTO: UM VELHO, UM CASAL CONVENCIONAL JOVEM, PUNKS ANIMADOS. SSO (SERVIÇO DE SEGURANÇA OPERACIONAL) ETC, EQUIPE DA TV GLOBO: ENTREVISTADOR, ASSISTENTE DE PRODUÇÃO, CAMERAMAN, CABOMAN. EN-TRAM PÁDUA (GARRAFA NA MÃO), ROSÂNGELA, CARA COM VIOLÃO, FAROFA.

(Pádua) PÁDUA: Cadê o feio do violão?

FAROFA: Os laranja tá demorando a chegar.

ROSÂNGELA (AO PÁDUA): Dá um bico aí. (PÁDUA PASSA A GARRAFA)

FAROFA (PRO CARA DO VIOLÃO): Cara, toca um som.

(Pádua) PÁDUA: Do Lixomania, aquele som. (CONTA) 1, 2, 3, 4.

CANTAM "O PUNK NÃO MORREU", DO LIXOMANIA, ENTRA O VELHO.

ROSÂNGELA (AO VELHO): O tio, vem cá.

VELHO: Mais respeito, menina.

PÁDUA (AO VELHO): Dá um dinheiro prá eu pegar vinho ali no bar.

VELHO (INDIGNADO): Eu vim prá dar milho pros pombinhos. FAROFA: Aqui não tem mais pombo, não. A gente matô e comeu todos. VELHO: Vou chamar a polícia. (SAI)

OS PUNKS CANTAM "O PUNK NÃO MORREU". ENTRA O CASAL CONVENCIONAL JOVEM.

PÁDUA (PRA MINA): Olha que coisinha! NAMORADO: Não tem respeito não? (Pádua) PÁDUA: Vai regular a bagaça?

CHEGA A EQUIPE DA TV GLOBO. OS PUNKS DE SÃO PAULO CORREM PARA ELA. OUTROS ATIÇAM.

(Pádua) PÁDUA: E aí, Clemente, vai sair na televisão?

ENTREVISTADOR: Vamos entrevistar o movimento punk. Vamos mostrar como eles são, de verdade. É verdade que eles mordem? Será verdade o que dizem: que eles atacam velhinhos indefesos? (FAZENDO SINAL PARA O ASSISTENTE DE PRODUÇÃO, O ENTREVISTADOR TIRA DINHEIRO DO BOLSO E DÁ PARA O ASSISTENTE). Vá comprar cerveja prá todo mundo. (AOS PUNKS). Vamos começar: O que é ser punk?

MAKÁ: Ser punk é aparecer no jornal e dar entrevista.

CLEMENTE: Punk é do caralho.

ENTREVISTADOR (AO CLEMENTE): Quem é você?

CLEMENTE: Meu nome é Clemente, sou baixista dos Inocentes.

FAROFA (GRITANDO): Boçal.

PEQUENO-JORNALEIRO: Extra! Extra! Acaba de sair mais um número do fanzine SP PUNK. O movimento se levanta contra as Injustiças Sociais. Extra! Extra! (A UM TRANSEUNTE CONVENCIONAL) Vai querer um, meu senhor?

TRANSEUNTE (PASSANDO UMA NOTA): Me dá um. É pra ajudar. Eu também tô por aqui com as injustiças sociais.

PEQUENO-JORNALEIRO (CONTINUANDO O PREGÃO): Extra! Extra Novo fanzine punk.

CORTE

CENA 20 - PIXAÇÃO

ENQUANTO AO FUNDO DESCE UMA PAREDE RECÉM-PINTADA DE BRANCO, AO CENTRO UM PUNK PÕE NO CHÃO UM RÁDIO PORTÁTIL. SOM PUNK ANIMA A CENA. DE TODOS OS LADOS ENTRAM PUNKS AGITANDO E MUNIDOS DE MATERIAL DE PIXAR PAREDE. A CENA EXPRESSARÁ A ARTE PUNK: O SÍMBOLO ANARQUISTA, MENSAGENS PUNK (ABAIXO O SISTEMA, PUNK' S NOT DEAD, PAU NO CU DO ERASMO E OUTRAS MENSAGENS); DESENHOS PUNK; CHAMADA PARA O SHOW DA PAZ NA PUC. (MAIS MENSAGENS: ABAIXO A REPRESSÃO, FODA-SE A POLÍCIA.) SIRENE DA POLÍCIA. OS PUNKS SE DISPERSAM. FICA A PAREDE PIXADA.

CENA 21 - OS NARRADORES SITUAM O MOMENTO HISTÓRICO

NA BOCA-DE-CENA 3 NARRADORES LOCALIZAM, PARA O PÚBLICO, A ÉPOCA A QUE CHEGOU A AÇÃO; ENFIA-SE ENTRE ELAS O PEQUENO-JORNALEIRO.

NARRADOR 1: Estamos em setembro de 1982. O movimento explodiu e ganhou a Opinião Pública.

NARRADOR 2: Para os meios de comunicação, a mídia, o punk é o assunto da hora. O punk passou a ocupar a lacuna, a vaga deixada desde o extermínio da Luta Armada no início da década passada.

NARRADOR 3: Mais de dez anos se passaram desde Marighella e Lamarca.

NARRADOR 1: E nos últimos tempos, a ditadura militar já sem força, NARRADOR 2 (ACRESCENTANDO): E com a abertura...

NARRADOR 1 (CONTINUANDO): começaram as manifestações populares, as greves, os saques e as inevitáveis badernas.



NARRADOR 3: Mas nenhuma manifestação causou tanto impacto como a explosão punk.

PEQUENO-JORNALEIRO (PEGANDO A PALAVRA): O visual, a garra proletária, a revolta contra as injustiças sociais...

NARRADOR 1: E contra o tédio da rotina imposta por um Sistema falido mas sempre escravocrata.

NARRADOR 2: Tudo isso foi um prato cheio para a mídia sedenta de assunto novo e palpitante, para poder distorcer, com energia vampirizada.

PEQUENO-JORNALEIRO: É. Eu vi o chefe de polícia, num sei se um tal de Erasmo ou um tal de Fleury, eu vi ele falando dos punks na televisão. (REPETE E SE POSSÍVEL IMITA O CHEFE DE POLÍCIA) "Os punks têm uma postura militar não-disciplinada. A mesma forma gestáltica do corpo. O punk é paramilitar."

NARRADOR 3 (ENTUSIASMADO, AO NARRADOR 2): Pô, não te falei? A gente tem que aprender é com as crianças.

NARRADOR 2: É, mas quem falou isso foi o Coronel Erasmo.

PEQUENO-JORNALEIRO: Ou o Fleury.

NARRADOR 1 (AVANÇANDO A AÇÃO): Mas a verdade é que neste sábado de setembro de 1982 um grande evento punk está para acontecer em São Paulo.

PEQUENO-JORNALEIRO: É na PUC. Punk na PUC.

NARRADOR 1: O Diretório Acadêmico daquela universidade acompanha com simpatia o movimento, acha que a postura e o comportamental punk têm muito que ensinar aos estudantes, e assim, mais uma vez, cederam o Salão Beta para o show.

NARRADOR 2: O Nenê, punk do ABC, e outros punks, do ABC e da cidade, que desde o começo vêm batalhando pela união do movimento, decidiram fazer este show que vocês vão participar, o SHOW DA PAZ.

PEQUENO-JORNALEIRO: Vão se apresentar três bandas: Úlster, Passeatas e Inocentes.

NARRADOR 2: Vai ter punk de tudo que é lugar: do ABC, de São Paulo, São Carlos, Campinas, periferia...

PEQUENO-JORNALEIRO: Até os carecas disseram que vão. Tudo pela paz.

NARRADOR 1: Um show pela união do movimento.

PEQUENO-JORNALEIRO: Desta vez ou vai ou racha.  
SAEM TODOS

### CENA 22 - SHOW DA PAZ

SALÃO BETA, NA PUC. SALÃO LOTADO;  
PRESENTES OS PERSONAGENS PUNK DA  
OPÉRA & MAIS ESTUDANTES, JORNALIS-  
TAS, TODOS SE MISTURAM NUMA ATMOS-  
FERA DE ENTUSIASMO, CORDIALIDADE E  
CURIOSIDADE. REPENTINAMENTE PÁRA  
O SOM DE FITA QUE ROLAVA E AO PALCO  
SOBE O APRESENTADOR DO SHOW. (PODE  
SER UM PUNK OU ESTUDANTE DA PUC.)

APRESENTADOR: E aí, pessoal? Boa noite. E esta será uma noite muito especial. É o SHOW DA PAZ, com o propósito de realizar a união do movimento punk. Só aqui neste salão tem hoje umas 600 pessoas. Pagantes! (MUDA O TOM) O movimento cresceu, apesar de alguns cabeça-de-treta, uns fariseus aí... (MUDA) Bom, mas deixa pra lá, que o som vai começar. Três bandas vão se apresentar: duas do ABC - Passeatas e Ulster e, de São Paulo, Inocentes. (GRITOS E APLAUSOS). Briguentos de São Paulo e do ABC, a PUC é território neutro e aqui somos todos punks, pela paz e união do movimento. (GRITOS E APLAUSOS) E abrindo o show, a banda punk-terrorista ULSTER. São simpatizantes do IRA, o exército revolucionário da Irlanda do Norte.

O ULSTER SE APRESENTA ENCAPUZADO  
E A BANDA TOCA UMA PASSAGEM DE "HE-  
RESIA" (ESTÁ NO CD "O COMEÇO DO FIM  
DO MUNDO"). VOLTA O APRESENTADOR AO  
PALCO

APRESENTADOR: Obrigado, Ulster, mas agora, antes da próxima banda, eu quero dizer que esta noite, este show só não está

100% da paz porque uns punk meia-tigela aí, ninguém sabe de onde vieram, estão começando a quebrar o banheiro masculino. Mas deixa eles. Porque vem aí a próxima banda, PASSEATAS!

A BANDA REPETE O SUCESSO DO PASSEATAS, DEPOIS DE CUMPRIMENTAR E DIZER ALGUMAS COISAS AO PÚBLICO, O PÁDUA, A BANDA TOCA "DIREITO DE PROTESTAR". ENQUANTO ISSO, NA MESMA PUC, MAS FORA DO SALAO BETA, TRÊS FIGURAS SINISTRAS ARMAM UMA.

CENA 23 - ERASMO, FLEURY E RUSSINHO PREPARAM A BOMBA NA PUC

CORONEL ERASMO, DELEGADO FLEURY E DELEGADO RUSSINHO ESTÃO EM UM LOCAL ESTRATÉGICO NA PUC PERTO DO SALÃO BETA ONDE ROLA O SHOW DA PAZ. OS TRÊS PREPARAM UM GOLPE BAIXO.

RUSSINHO: Coronel Erasmo, Coronel Erasmo, onde é que põe a bomba?

ERASMO: Fleury, você que é o cabeça da Repressão, escolhe o lugar.

FLEURY: É, pra que o efeito seja realmente moral, que tal, não lá dentro do salão, que seria muita bandeira, mas...

RUSSINHO (ADIANTANDO): Que tal ali naquele buraco perto da entrada? Não tem ninguém lá, agora. Estão todos no salão vendo a banda tocar.

ERASMO (APROVANDO): Êh, Russinho, o Esquadrão da Morte já era mas você continua na ativa.

FLEURY (TAMBÉM APROVANDO): Perfeito. Ali é um lugar que essa corja transita e, para todos os efeitos, vai ficar patente que foi uma gangue rival que soltou a bomba. O senhor não concorda, Coronel Erasmo?

ERASMO: Plenamente. Essa bomba vai acabar com a festa e com a alegria desses marginais. (COM ESCÁRNIO) Punk? (COSPE NO CHÃO) Gentalha.

FLEURY: Agora nós vamos enquadrar esses caras na Lei de Segurança Nacional.

CORTE

CENA 24 - CONTINUANDO O SHOW DA PAZ

O APRESENTADOR NO PALCO

APRESENTADOR: Pois é. LAMENTO informar que o SHOW DA PAZ não está saindo como os idealizadores esperavam. Além de umas tretas que já estão rolando por aí, aqueles 5 punks, idade média 16 anos, num excesso de entusiasmo destrutivo quebraram o banheiro masculino, arrancaram fios, torneira, privada, e tão lá tomando banho no aguaceiro.

CORTE

CENA 25 - ERASMO, FLEURY E RUSSINHO SOLTAM A BOMBA

RUSSINHO: O senhor não acha, Coronel Erasmo, que já tá mais que na hora de explodir a bomba?

FLEURY: O Russinho tem razão, Erasmo, se nos flagram aqui, estamos fritos. Você sabe que o pessoal da Abertura tá querendo nos ferrar.

ERASMO (ORDENANDO): Solta logo essa bomba, Russinho.

CORTE

CENA 26 - CONTINUA O SHOW DA PAZ

APRESENTADOR: Por causa do ato de alguns poucos, certamente nunca mais a PUC permitirá show punk no Salão Beta. Mas com paz ou sem paz o show tem que continuar e agora, com vocês, INOCENTES! Eles vão abrir o show com "Pânico em SP".

INOCENTES NO PALCO E MEIRE CANTA COM A BANDA. EXPLODE A BOMBA. TUMULTO. TRETAS. CHEGA A POLÍCIA E ENCERRA O SHOW.

CORTE

CENA 27 - IDÉIAS PARA UM FESTIVAL PUNK

DIA SEGUINTE AO SHOW DA PAZ. EM CENA, NENÊ, BIVAR (UM ESCRITOR DE OUTRA GERAÇÃO QUE SE IDENTIFICOU E ABRAÇOU A CAUSA DO MOVIMENTO), CALEGARI (DA BANDA INOCENTES, EMPREENDEDOR DE EVENTOS DO MOVIMENTO, EDITOR, COM MEIRE, SUA NAMORADA, DO FANZINE "SP PUNK"). MEIRE, DAS MAIS ATIVISTAS NO MOVIMENTO, COMO JÁ VIMOS EM OUTRAS CENAS, SE CORRESPONDE COM PUNK DE VÁRIOS PAISES (ATÉ DA POLÔNIA - MEIRE É BEM INFORMADA DE LECH WALESIA) E SEMPRE QUE TEM SHOW DOS INOCENTES, ELA FAZ VOCAL FERROZ; ROSANGELA, CONHECIDÍSSIMA DE VOCÊS, ÍNDIO, TAMBÉM. NO COMEÇO DA CENA NENÊ CONVERSA COM BIVAR. AOS POUCOS OS OUTROS CHEGAM. E A CONVERSA ACABA GERANDO UM FESTIVAL.

NENÊ: Eu não tô legal. Essa primeira tentativa, séria, de união, já frustrada.

BIVAR: Mas o saldo foi positivo, Nenê. Você, mais que todos, sente isso.

NENÊ: É. Eu também senti que alguns passos para a frente nós demos. Mas passos? Por que já logo não atalhar, no sentido da união?

BIVAR: Nenhum time ganha sempre. Eu ando tendo uma idéia. Um festival punk.

NENÊ: Como assim?

OS OUTROS VÃO CHEGANDO.

BIVAR: Se o cara vindo de fora e pensar que punk é só os que estão nas Grandes Galerias vai imaginar que a maioria é office-boy. E o que é office-boy? Comerciar, percebe? (PEQUENO SILÊNCIO) Daí o seguinte: eu tive pensando: o SESC não existe para dar lazer aos comerciar?

NENÊ: Tô seguindo teu raciocínio.

BIVAR: Pensei que os punks sendo a camada mais baixa da classe comerciária estou falando dos punks que trabalham no comércio - muitos ainda menor de idade - o SESC bem que pode dar um presente de fim de ano a eles, permitindo um Festival Punk no SESC Pompéia. Não estarão fazendo mais que a obrigação.

CALEGARI: Você conhece alguém da diretoria?

BIVAR: Não conheço ninguém. Mas sou conhecido desde os anos 60

FALTA TRECHO NESTA PÁGINA

toria mas é até melhor assim. A gente entra com a idéia, a cara e a coragem. (AO NENÊ) Nunca tive uma certeza tão grande, e acredite você, a partir do seu Show da Paz, que a união vai acontecer. (AO CALEGARI) Calegari, vamos eu, você e a Meire. Você, como guitarrista dos Inocentes e o Olhar Eletrônico já fez um vídeo sobre vocês, que ganhou prêmio de crítica e tudo, já é bom pra currículo; e você, Meire, que apesar do visual, é comerciária de carteira assinada e tudo, e como uma mulher punk, vai ajudar a conseguir. E a gente leva o Mingau, baixista dos Ratos de Porão, porque ele tem 15 anos e qualquer diretoria com um pouco de razão e sensibilidade há de se mover com um punk de 15 anos.

CALEGARI: Já achei o título para o festival: O COMEÇO DO FIM DO MUNDO.

BIVAR: Não sei se a diretoria do Sesc vai aceitar, mas vamos lá.

NENÊ: Um festival pra todas as bandas tocar.

ÍNDIO: Pode deixar que eu convoco uma pá de banda. Do ABC e da Cidade.

CALEGARI: E outra. Vamos mostrar que o movimento já tem mais de 30 bandas. Fora as que tão se formando. Todas no palco, já pensou?

ÍNDIO: 15 minutos pra cada uma, pra dar pra todas tocarem.

NENÊ: Vai ser do caralho. E pensando bem, nem faz muito tempo que tudo começou, e agora o movimento vai se mostrar por inteiro. (ENTUSIASMADÍSSIMO) Porra, eu não acredito!

BIVAR: O SESC Pompéia é o lugar. É terreno neutro. A Pompeia é o berço do rock mas parece que não tem muito punk lá. E o SESC Pompéia é o centro de lazer melhor montado em São Paulo, 1982. Foi uma antiga fábrica. E com certeza, nos anos 20 abrigou muito anarquista.

NENÊ: Outro brinde a Bakunin!

BIVAR: Aquilo ali tem espaço que não acaba mais. Tem uma galeria de mais de 100 metros, cheia de painéis de vidro, enormes, que podem ser usados.

MEIRE: Pra uma grande exposição punk. As cartas. A correspondência

FALTA TRECHO NESTA PÁGINA

que é lugar. Botões. Objetos, folhetos, desenhos punks, 100 metros de tudo sobre o movimento punk.

ROSÂNGELA: E fotos: Tem muito punk aí com a "Xereta" tirando foto.

BIVAR: A Rô deu uma idéia do cacete. A gente coleta os negativos, faz uma carta correta explicando em poucas palavras o mote do festival e leva na Fotótica e pede para ampliar, as fotos, bem grande, de 36 por 48 pra cima.

ÍNDIO: Mas isso fica uma nota!

BIVAR: A Fotótica faz de graça. É uma permuta. O logotipo Fotótica a gente põe discretamente num canto do painel. É justo.

MEIRE: Essa carta pode deixar pro pessoal do fanzine, que escreve direto, reto, curto e grosso.

NENE: E os vídeos? Tem muito vídeo aí, punk, que tem fama, e que muito punk não viu.

BIVAR: Diz que no SESC tem uma bela sala de vídeo.

ROSÂNGELA: Pode deixar que o Índio e o Calegari conseguem tudo que é vídeo, daqui e de fora. Vai ser um festival também de vídeo punk.

MEIRE (VOLTANDO ATRÁS): Mas depois do que os cabeça-de-treta aprontaram no show-da-paz ontem, eu acho que os civilizados têm que ficar com os civilizados e os selvagens com os selvagens.

ROSÂNGELA: Ah, não, eu me considero muito selvagem.

MEIRE: Eu tô falando do vandalismo e agressões babacas. Selvagem eu também sou, senão eu não seria punk! Não tem no movimento mina mais selvagem que eu.

ROSÂNGELA (DESAFIANDO): Eu.

ÍNDIO: Vamos parar com isso. Vamos pensar o festival.

ROSÂNGELA: Pode deixar que eu arregimento o ABC.

CALEGARI: E o Fabião do Olho Seco num lugar lá no festival pode armar a barraca da Punk Rock Discos.

BIVAR: E o QG para a entrega do material fica sendo as Grandes Galerias.

NENÊ: Mas já tá na hora da passeata da paz. Vâmo nessa, pessoal. A

FALTA TRECHO NESTA PÁGINA

### CENA 28 - NARRADOR

NARRADOR: E eles foram falar com a Diretoria Cultural do SESC, a Glaucia, o Fábio Malovoglia, o Estanislau, o projeto para o Festival Punk foi aprovado e O COMEÇO DO FIM DO MUNDO foi marcado para 2 dias, um fim de semana em Novembro. Os punks tinham dois meses de trabalho intenso mas sobretudo MUITO ESTIMULANTE, pela frente. (PAUSA. OLHANDO EM DIREÇÃO À PLATEIA) Mas espere! Que é que vem vindo ali? Uma passeata? Ah, sim, é a passeata punk pela paz e união do movimento.



SAI.

CENA 29 - PASSEATA DA PAZ

NA PLATEIA, DE AMBOS OS LADOS SURGEM PUNKS & TODO O ELENCO DA ÓPERA PASSANDO PELO PÚBLICO EM PAZ. UNS CUMPRIMENTAM GENTE DO PÚBLICO, OUTROS SIMPLEMENTE PASSAM TRANQUILAMENTE RUMO AO PALCO. UNS DISTRIBUEM FANZINES, OUTROS CONVERSAM ENTRE SI.

SARDINHA (NA PASSEATA, CONTANDO A OUTROS PUNKS): Hoje, quando fui calçar o sapato, senti que tinha uma coisa mexendo dentro. Sacudi o sapato e caíram três camundonguinhos.

OUTRO PUNK: Você matou?

SARDINHA: Não. Peguei outro sapato velho e pus a ninhada dentro.

A PASSEATA, DO OUTRO LADO DA PLATEIA.

PÁDUA: E o filho-da-puta que arrumar treta, vai se fudê, mora.

REGIANE: Todos são punks, certo. Mas tem que pegar os cabeça-de-treta e mostrá pra todo mundo: esse, esse e esse são os responsáveis pela desunião no movimento.

NENE: Se dessa vez o movimento não se unir, não me chamo Nenê.

CENA 30 - COMEÇO DO FIM DO MUNDO, O FESTIVAL

NO PALCO, NO FUNDO DO PASSEIO DO SESC-FÁBRICA POMPÉIA, TENDO AO FUNDO UM DESENHO PUNK COM O TÍTULO DO FESTIVAL E OS NOMES DAS BANDAS QUE SE APRESENTAM - DOSE BRUTAL, M19, NEURÓTICOS, INOCENTES, PSYKOZE, FOGO CRUZADO JUÍZO FINAL, DESERTORES, COLERA, NEGLIGENTES, EXTERMÍ-

NIO, SUBURBANOS, PASSEATAS, LIXOMANIA, OLHO SECO, DECADÊNCIA SOCIAL, ESTADO DE COMA, RATOS DE PORÃO, HINO MORTAL, ULSTER.

NA PLATEIA. CÉU ABERTO, CHAO DE PARALELEFÍ PETO, UMA MULTIDÃO DE PUNKS AGITAM.

A BANDA DA OPERA EXECUTARÁ UM "MEDLEY" (PUPURRI) DE MÚSICAS DE ALGUMAS DAS BANDAS QUE SE APRESENTARAM NO FESTIVAL.

O PUPURRI PODERÁ SER DIVIDIDO EM PARTES, ENTRE AS QUAIS, ALGUNS PUNKS, DAS BANDAS OU NAO, DARAO ALGUNS RECADOS E PASSARÃO MENSAGENS E NOTÍCIAS DO FESTIVAL PONDO O PÚBLICO TAMBÉM A PAR DO QUE ESTÁ ROLANDO NOS BASTIDORES.

COMEÇA COM FÁBIO, UM DOS DIRETORES DO SESC-POMPÉIA:

DIRETOR: O Sesc-Fábrica da Pompéia tem orgulho de ceder seu espaço para este que é o primeiro grande festival punk do Brasil e, quem sabe, do planeta. (APLAUSOS E GRITOS) Esperamos que todos correspondam, que não causem baderna (GRITOS), pra que outros festivais possam ser realizados no futuro.

PUNK APRESENTADOR: Este festival é para a união do movimento. Aqui hoje tem punk de tudo que é lugar. E abrindo o festival, o Dose Brutal com "FACES DA MORTE".

TRECHO DE "FACES DA MORTE". PARA DAR DINÂMICA, O APRESENTADOR PULA, PASSA PARA OS NEUROTICOS

A BANDA, COM UM VOCALISTA DIFERENTE, TOCA "CARECA".

APRESENTADOR: Tá começando a rolar umas treta aí, mas é coisa de gangue, nada que prejudique o festival. E com os Inocentes, "Salvem El Salvador".

A BANDA E GENTE NO PALCO TOCAM "SALVEM EL SALVADOR"

APRESENTADOR: Fogo Cruzado com "Ratos de Esgoto".

A BANDA TOCA FOGO CRUZADO, EMENDA, ANUNCIANDO NA PASSAGEM, "DO JUÍZO FINAL, "LIBERDADE" E CORRE O PUPURRI ATÉ QUE CORTA. PARA O VOCALISTA DOS NEGLIGENTES, SEGUINTE.

SEGUINTE (VOCALISTA DOS NEGLIGENTES): Aí, essa é uma banda nova com uma semana de ensaio. Negligentes, mostramos o fato desumado dessa vida: Herói. (CANTA: "Como pode ser um herói, se o próprio mundo ele destrói... Heró-ó-ói, heró-ó-ói...")

APRESENTADOR: Vai terminando o primeiro dia do festival. Segundo contagem, mais de 4000 punks estão aqui. A vizinhança, apavorada, chamou a polícia, por causa de muitas tretas que tão rolando lá fora. A mídia em peso está aqui e tem gente do Fantástico procurando sensacionalismo pra mostrar no programa de domingo. Cuidado! O público convencional que compareceu por curiosidade está arrepiado. Nunca viu nada igual. (GRITA) Panquê! (TODOS GRITAM).

OUTRO PUNK, NO MICROFONE: Olha aí, soubemos que a direção do SESC, preocupada com tretas e badernas que estão rolando paralelamente, não sabe se haverá o 2 dia do festival. Será uma vergonha para o movimento se isso acontecer.

A BANDA TOCA UMA MÚSICA. CORTE; DIA SEGUINTE.

APRESENTADOR: Hoje é o segundo dia do Festival O Começo do Fim do Mundo. E abrindo, Extermínio com "Holocausto".

TOCA UM REFRÃO DE HOLOCAUSTO.  
SOBE A PASSEATAS.

PÁDUA (FALA AO PÚBLICO):

TOCA UMA MÚSICA DO PASSEATAS "DI-REITO DE PROTESTAR".

(GRITOS E APLAUSOS), Olho Seco (GRITOS, APLAUSOS), Decadência Social (Gritos, Aplausos), ESTADO DE COMA, RATOS DE PORÃO, HINO MORTAL e ULSTER: (ANUNCIANDO A PRÓXIMA MÚSICA) Com o olho Seco, "Haverá Future?"

FABIÃO (OLHO SECO): Haverá futuro para a pobreza desse país? Você passa nas ruas e só vê pobreza. Sempre com as mãos estendidas. Sempre a palma voltada pro alto pedindo esmola. Haverá futuro presse pessoal? (COMEÇA "HAVERÁ FUTURO")

A BANDA EMENDA PUPURRI COM MÚSICAS DO DECADENCIA SOCIAL, ESTADO DE COMA. ENTRA O APRESENTADOR E NARRA OS ACONTECIMENTOS.

APRESENTADOR: E o festival vai chegando ao fim. Até agora dezenas de punks foram levados ao 7o Distrito Policial, para serem fichados, enquanto menores foram encaminhados ao juizado de menores. Dezenas entre os 4 mil punks aqui presente. E por falar em menores, a banda agora a se apresentar tem a idade média 16 anos. Ratos de Porão com "Novo Vietna".

A BANDA EXECUTA "NOVO VIETNA" E ENCERRA O PUPURRI COMO ACHAR MELHOR. TODOS AGITANDO.

#### CENA 31 - 16 ANOS DEPOIS, 1998

ESTA CENA SERÁ SIMULTANEAMENTE LIGADA AO ANTERIOR. TIPO ASSIM: O PALCO, DEPOIS DA CENA DA PASSEATA, ALÉM DO ELENCO, ESTARÁ REPLETO COM MAIS PUNKS E PARTE DO PÚBLICO CONVENCIONAL QUE, DA PLATEIA, SEGUIU A PASSEATA. É UMA CELEBRAÇÃO PUNK. DEPOIS DO ÚLTIMO NÚMERO APRESENTADO NA CFNA ANTERIO ALI MESMO NO PALCO DA BANDA ACONTECE UMA MUDANÇA DE TEMPO: ALGUÉM RETIRA O CARTAZ DE "O COMEÇO DO FIM DO MUNDO" E EM SEU LUGAR COLOCADO OUTRO, QUE ASSIM PASSA A OCUPAR O ESPAÇO: 1998 e EXISTE ALGUÉM MAIS PUNK DO QUE EU ? JÁ QUE O PESSOAL DA PLATÉIA QUE SUBIU AO PALCO ESTARÁ ANIMADO PARA AGITAR E FICARIA SEM ABER O QUE FAZER SE A AÇÃO PARASSE, VÁRIOS PUNKS E PARTICIPANTES DA PEÇA TOMA-RAO O MICROFONE PARA O NECESSÁRIO EPÍLOGO

O EPILOGO SERÁ ENTRECORTADO POR VINHETAS SONORAS DA BANDA COMENTANDO. ORA SÓ A GUI TARRA, ORA SÓ A BATERIA, O BAIXO... OU, DE REPENTE, TODOS JUNTO.

E MESMO QUE O QIR SE FALAR FOR PERDIDO NO ZUNIDO E NA ZOEIRA DO PALCO, NÃO TERÁ IMPORTÂNCIA : O IMPORTANTE É A ATMOSFERA DE INTEGRAÇÃO.

APRESENTADOR (ENQUANTO OUTROS RETIRAM O CARTAZ DO FESTIVAL): O festival terminou com saldo altamente positivo para o movimento e com repercussão até internacional.

PEQUENO-JORNALEIRO (TOMANDO A PALAVRA E O MICROFONE): Saiu uma página inteira no Washington Post e até em jornal no Japão! Sem contar os milhares de fanzines punk nos quatro cantos do mundo. Em tudo que é lugar saiu que o movimento punk no Brasil é o mais unido do mundo! É mole? Eu, quando crescer, vou deixar de ser pequeno-jornaleiro pra ser um grande jornalista. Mas sempre punk.

INTERFERÊNCIA DA GUITARRA NUMA FRASE SURPREENDENTE E DESPERTANTE.

APRESENTADOR (UM NARRADOR NÃO-PUNK, FORMAL): E o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu no Jornal do Brasil: "Se tudo está errado por aí, e nós estamos convencidos disso, uma postura punk para nos salvar do abismo tem razão de ser. A receita é ingênua mas faz sentido."

INTERFERENCIA DA BATERIA E VOZES PUNK EM UNÍSSONO:  
PUNKS: Pau no cu do Drummond.

APRESENTADOR (DRUMMOND): "Os garotos dizem as coisas com franqueza selvagem. A arte deles explica-se pelas circunstâncias." PUNKS: Pau no cu do Drummond.

O BAIXO, SOLO, EXCITA. NISSO ACABA DE SER AFIXADO O NOVO CARTAZ COM OS DIZERES: 1998 EXISTE ALGUÉM MAIS PUNK DO QUE EU? INTERFERÊNCIA SONORA DE TODA A BANDA.

PÁDUA: E assim se passaram 16 anos. Estamos em 1998. Aconteceram mortes, muitos foram mutilados. O que se aprendeu com isso? O prejuízo que o movimento teve com o assassinato de pessoas como Nenê e outros. (SE QUISE, DESENVOLVER O TEMA) Mas se uns morreram, outros apareceram e o movimento cresceu, apesar dos cabeça-de-treta.

CHARUTO: Os punks estão em todos os lugares. Hoje tem punk em qualquer cidade do interior e no Brasil inteiro.

BARATA: As propostas, a conscientização, a participação ativa em movimentos que luteia para um futuro com justiça social.

RENATO: Os punks estão com outros na Ação Direta. Parte está ligada ao MST, aos Zapatistas...

PAULA: Emiliano Zapata disse: "Os homens são mais honestos na guerra que na paz". É por isso que o punk é o mais honesto: está sempre na guerra pela paz no movimento.

PEDRINHO: Embora a maioria não tenha meios de continuar os estudos, os punks estão sempre chamados a ir debater nas universidades.

DUNGA: Continua havendo, sim, muita desavença, mas, de fato, já se pode sentir fortemente a união.

ÍNDIO: Se a mensagem inicial do punk foi "Não há futuro", hoje, 21 anos depois do surgimento do movimento, a mensagem, e isso está mais que nunca claro, é: "Existe futuro no punk". Porque o punk optou pelo direito de escolher o seu próprio destino.

DEBORA: Existem muitos movimentos de validade semelhante à do movimento punk, disso sabemos, mas o punk abraçou a sua causa e é esse o seu caminho, a vida escolhida.

PÁDUA: Punk não é vagabundo, punk trabalha, e um exemplo do empenho punk e a vitória dessa porra de ópera, este espetáculo que foi montado aqui no ABC e com a participação de São Paulo e região.

PAULA: Estamos trabalhando nessa porra há um ano. Uns saíram, muitos ficaram . eu tô desde o começo -, novos entraram,

alguns voltaram e tá tudo aqui, hoje.

DANIELA: Cada um do seu jeito, todos deram sua contribuição.

NESSAS PALAS TODAS A BANDA JÁ INTERFERIU MUITAS VEZES.

PENÉLOPE: Quanto à situação da mulher-punk, mudou muito desde o começo do movimento pra hoje. A mina-punk hoje tá mais corajosa que nunca. E mais do que nunca ela não tá mais levando desaforo pra casa.

PÁDUA: Seja de onde for, para um punk nunca existirá ninguém mais punk do que ele. E haverá sempre uma diferença entre ABC e São Paulo. E agora, o resumo da ópera, com o tema "EXISTE ALGUÉM MAIS PUNK DO QUE EU?".

(A BANDA TOCA. TODOS AGITAM)

FIM

# ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

## Musical reunirá punks de todas as gerações

Paulo de Souza



*Punks de Santo André se reúnem para ultimar os preparativos do espetáculo*

**SANTO ANDRÉ.** — Duas décadas se passaram e os punks continuam espelhando com fidelidade a faceta rebelde da região do ABC. Como o cotidiano das sete cidades eles são urbanos, radicais e agressivos. Mas igualmente buscam a integração, o diálogo e soluções comuns para sobreviver. Neste ano uma grande evento deve reunir todas as gerações do movimento punk na região resgatando sua história e traçando seu futuro: a Ópera Punk.

Ambicioso como todo gesto punk pretende ser, o musical terá o escritor e dramaturgo Antonio Bivar, autor de *O que é Punk?*, como roteirista. O músico e sonoplasta profissional Redson Lopes, da banda *Cólera* na ativa há 19 anos, será o responsável pela direção musical. No mais, punks ou simpatizantes do movimento em toda a região estão convidados a providenciar uma vasta pesquisa de costumes, músicas, fatos e depoimentos para composição do espetáculo, que tem o apoio da Prefeitura de Santo André.

As reuniões do grupo de criação começaram a acontecer ontem, no Anfiteatro do Teatro Municipal da Prefeitura de Santo André, no Paço Municipal, e são abertas ao público. A bailarina Daniela da Silva Santos, 19 anos, por exemplo, se dispôs a vir da Zona Leste

de São Paulo para trabalhar na coreografia da Ópera Punk.

Para Antônio de Pádua, 38 anos, punk de carteirinha da região e o "pai da ideia da Ópera", o espetáculo deve estar pronto para ir ao palco em novembro e terá condições até de realizar uma turnê pelo Estado. "A ópera é um desdobramento do evento realizado em parceria com a Prefeitura no ano passado, o 20 Anos de Movimento Punk, para nós seguir em frente é fundamental para esclarecermos à comunidade quem somos, o que pensamos e queremos", define Pádua.

Segundo ele, na primeira fase do projeto, o grupo se dividirá e trabalhará em esquema de oficinas, para formar os atores, atrizes e técnicos que atuarão no palco, iluminação, áudio e efeitos especiais. "A grande diferença desse projeto é que viemos de guarda baixa buscando a integração com outros segmentos da comunidade como o movimento negro, a comunidade do rock e do hip-hop para troca de idéias e busca de parcerias", disse Pádua.

Quem tiver interesse em participar do projeto Ópera Punk pode ligar para a Secretaria de Cultura da Prefeitura de Santo André, telefones 411-0711 e 411-0632, com Sueli. Ela fornecerá datas das próximas reuniões e contatos com a direção do evento.

ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO - 18/12/1998



## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO - 18/12/1998

# Ópera punk relembra os anos de ouro do movimento

*Grupo encena espetáculo com 30 pessoas no Teatro Municipal de Santo André, amanhã e domingo*

JOTABÊ MEDEIROS

**D**e volta aos bons tempos da música do The Clash, Sex Pistols, Noise Noise Noise, Ramones, Ratos de Porão, Olho Seco e Inocentes. O punk rock está revendo a sua história.

O punk, quem diria, hoje tem apoio estatal e está subindo a um velho palco burguês para fazer a sua *West Side Story* muito particular. Com ensaio aberto hoje à meia-noite, estréia amanhã no Municipal de Santo André – com apoio do Departamento Municipal de Cultura – às 21 horas, a ópera punk *Existe Alguém mais Punk do Que Eu?*, de Antonio Bivar, com direção de Edu Silva.



## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO - 18/12/1998

Santo André e o ABC são o cenário mais do que justo para uma epopéia dessa natureza, já que foi lá que o punk rock surgiu, no fim dos anos 70. Os protagonistas são um grupo punk temporão de 30 garotos entre 16 e 30 anos.

"Não são atores, claro, acham teatro coisa de burguês, mas mostram uma garra e desinibição espantosas", diz Antonio Bivar, que foi protagonista de dois momentos-chave na história do punk. A desinibição mostra-se mais efetiva nas cenas de pancadaria, quando se enfrentam os grupos rivais de São Paulo e do ABC – o grande epicentro dramático da história recente do punk.

Ao som do grupo Projeto Nazi, o grupo remonta os anos iniciais do punk no ABC, entre 1979 e 1982 – época que Bivar realizou o evento *O Começo do Fim do Mundo*, no Sesc, reunindo as mais expressivas bandas da época.

**Anarquia** – Bivar afirma que a montagem tem sido algo anárquica, bem ao espírito punk, mas tem observado algumas qualidades no seu jovem elenco. "As vezes alguém vem dizer-me: não vou poder ir no dia da estréia, tudo bem?", ele lembra, divertido. Daí porque talvez não haja uma temporada mais extensa do espetáculo.

O escritor, poeta e diretor Antonio Bivar conhece o espírito da coisa. Ele escreveu, para a coleção *Primeiros Passos*, da Brasiliense, *O Que É Punk*, nos anos 80.

Como o próprio lema punk pede, não há figurinos, não há grandes arroubos de cenários, nada disso. O grupo dança e canta e faz algumas coreografias preparadas por eles mesmos, nas diversas oficinas que fazem diariamente – sempre depois que dão uma passadinha pela padaria nas imediações e tomam algumas doses de um certo vinho de quinta categoria.

A iluminação é de Mário Bortolotto, diretor do grupo Cemitério de Automóveis, que recebeu recentemente indicações para os prêmios Shell (com *Medusa de Rayban*) de melhor autor e de melhor ator com o espetáculo *Santidade*, de José Vicente, dirigido por Fauzi Arap.

O diretor do espetáculo, Edu Silva, foi produtor de espetáculos como *Avoar e Um Dia de Pice e Nic*, que receberam prêmios APCA e Mambembe e indicações para a Apetesp e o Prêmio Coca-Cola. Seu assistente, Eduardo Salles Ulian, já tinha trabalhado com o diretor em *Pândega Paulistana*, que recebeu prêmio do projeto Mapa Cultural Paulista como Melhor Espetáculo (o Mapa Cultural é realizado pela Secretaria de Estado da Cultura).

O cartunista Angeli, que imortalizou o punk paulista com seu personagem Bob Cuspe, dá uma força à produção fazendo o cartaz do espetáculo.

No elenco, estão nomes como Barata, Sacha, Dunga, Ticão, Charuto, Legião, Pezão, Vira-lata, Penélope, Maloka e outros. Os truculentos Carrecas do ABC estão fora dessa. A "articulação dos punks" ficou por conta de Antonio de Pádua Nobre Veras, vocalista da primeira banda punk do ABC, a Passeatas, que atuou entre 1979 e 1982.

### SERVICO

**Existe Alguém mais Punk do que Eu?** Do dramaturgo e escritor Antonio Bivar. Com Pedrinho, Batata, Dunga, entre outros. Hoje, à meia-noite, ensaio aberto. Amanhã, às 21 horas; domingo, às 20 horas. A entrada será gratuita para todas as apresentações. **Teatro Municipal de Santo André.** Praça 4.º Centenário, s/n.º., telefone 411-0789. **Apoio: Rota 99 FM, Rádio Vitrola FM, Metal CD's**

---

## Ópera Punk agora segue para São Paulo

A Ópera Punk apresentada neste final de semana no Teatro Municipal de Santo André, agora deverá ser apresentada em São Paulo neste mês de janeiro.

O espetáculo, que teve casa cheia em suas três apresentações, deverá subir agora ao palco da Universidade de São Paulo e no da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. As datas ainda não estão definidas, mas já existem vários contatos entre os representantes das universidades e os membros da peça, escrita por Antonio Bivar e que contou com a direção de Edu Silva. Há ainda a possibilidade de o elenco mostrar seu trabalho na Fundarte. (ELC)

---

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO - 18/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 18/12/1998

### Ensaio da ópera punk 18-12-98

**H**oje tem sessão maldita no Teatro Municipal de Santo André. No programa da Oh, ensaio de ópera. Mas ópera punk, batizada de *Existe alguém + punk do que eu?*, com dramaturgia de Antonio Bivar, direção musical de Antonio de Pádua e direção cênica de Edu Silva. Aberto ao público, o evento estréia oficialmente amanhã, às 21h, e volta a ser encenado às 20h de domingo. A intenção, segundo Silva, é contar um pouco da história do movimento iniciado em 1976, na Inglaterra. Não demorou muito e a rebeldia se espalhou pelo mundo, reunindo jovens que sofriam com o subemprego – ou, pior, com a falta de emprego – e que não se conformavam com os surtos de estrelismo e arrogância dos grandes nomes do rock internacional. No Estado, o movimento punk encontrou eco no Grande ABC e em São Paulo. A trilha, com a participação da banda Projeto Nave e de Pádua como vocalista, inclui músicas de grupos como Garotos Podres, Ulster, Passeatas e Carniça. –RD

**ÓPERA PUNK.** O movimento punk do final dos anos 70 e início da década de 80 é revivido nesta montagem. O espetáculo *Existe Alguém + Punk do que Eu?* tem roteiro e direção de Antonio Bivar e concepção musical de Redson, do grupo Cólera. No palco, cerca de quarenta atores egressos do próprio movimento recontam fatos da época, como a rivalidade entre punks do ABC e de São Paulo, com apoio sonoro de uma banda de rock. A programação se completa com palestras e uma exposição sobre o tema. **Teatro Municipal de Santo André** (478 lugares). Praça Quarto Centenário, s/nº (Paço Municipal), centro, Santo André, ☎ 411-0789. Sexta (18), 0h (ensaio aberto); sábado (19), 21h; domingo (20), 20h. *Grátis.*

VEJA SP, 16 DE DEZEMBRO, 1998 135

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

REVISTA VEJA - 16/12/1998

### ESPECIAL

■ **Existe Alguém mais Punk do que Eu?** - Ópera de Antonio Bivar que retrata o movimento punk na cidade, apresentando a forma como este grupo se expressa e gostaria de ser visto. 6ª, à meia-noite, ensaio aberto. Sáb., às 21h; dom., às 20h. Grátis. **Teatro Municipal de Santo André** (Pça 4º. centenário, s/nº. ☎ 411-0789). Apoio: Rota 99 FM, Rádio Vitrola FM, Metal CD's. 18-12-98

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

FOLHA DE S.PAULO - 19/12/1998

# Opera de punks quer anarquizar teatro

*“Existe Alguém + Punk do Que Eu” teve colaboração do dramaturgo Antônio Bivar, de Angeli e Redson*

### Aconteceu em 82

#### O festival

“O Começo do Fim do Mundo” foi o grande marco do punk em São Paulo. Reuniu 19 bandas no Sesc Pompéia, entre elas Inocentes, Cólera, Olho Seco, M-19, Fogo Cruzado, Ratos do Porão e Lixomania. O festival acabou tendo repercussão internacional, do “Washington Post” a jornais japonesas.

#### O disco

O selo Punk Rock, criado pela loja do mesmo nome, nas Grandes Galerias, lança a coletânea “Grito Suburbano”. Com 12 faixas, o disco reúne Inocentes, Cólera e Olho Seco e verdadeiros hinos punks, como “Garotos Suburbanos”, “Medo de Morrer” e “Pânico em SP”.

#### A noite

Os shows aconteciam em clubes da periferia da cidade como “Deixa Falar”, o “Zimbábue” e o “Teatro Luso-brasileiro” (Bom Retiro). Além disso, casas noturnas como Napalm e Madame Satã reuniam os punks.



Cena do ensaio da ópera “Existe Alguém + Punk do Que Eu?” no Teatro Municipal de Santo André



Banda punk toca no festival "O Começo do Fim do Mundo", que aconteceu no Sesc Pompéia, em SP, em 82

## Bivar contribuiu para o ápice

da Reportagem Local

O ano de 1982, em São Paulo, ficou marcado como o momento de ápice para um grupo de jovens, inspirado pelos garotos ingleses, que tocava (mal) músicas de três acordes, vestia-se de preto, com tachas e coturnos (e, às vezes, suásticas nazistas) e tinha cabelos espetados e coloridos.

Um dos principais motivos dessa explosão foi o festival "O Começo do Fim do Mundo", no Sesc Pompéia, reunindo os grupos (rivais), da capital e do ABC.

Por trás desse festival, estava o dramaturgo Antônio Bivar, autor da polêmica "Cordélia Brasil", encenada em 1968 com Norma Bengell no elenco, amigo e parceiro de Rita Lee e aficionado pelo grupo literário de Bloomsbury, da escri-

tora britânica Virginia Woolf, entre outras atividades.

Bivar é também autor de um dos livros da coleção "Primeiros Passos", uma das coqueluches da década de 80. O seu "O Que É Punk" está esgotado atualmente e não há cópias nem na editora Brasiliense.

Frequentador das Grandes Galerias, no centro, e de casas noturnas como Madame Satã e Napalm, Bivar fazia ainda contato com Jello Biafra, o norte-americano vocalista da banda Dead Kennedys, segunda geração do punk.

Ele mandava para o programa de rádio de Biafra demos brasileiras e até músicas de Carmem Miranda.

Depois do fechamento do Napalm, Bivar se afastou do punk. E passou oito anos escrevendo quatro peças de teatro contando toda a história do Brasil.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

FOLHA DE S.PAULO - 19/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 19/12/1998

# Afinal, o punk não morreu?

Estréia hoje no Municipal de Santo

André a ópera *Existe alguém + punk do que eu?*

**E**stréia hoje, às 21h, no Teatro Municipal de Santo André, a ópera *Existe alguém + punk do que eu?*. Com dramaturgia desenvolvida pelo escritor Antonio Bivar, direção musical de Antonio de Pádua e direção cênica de Edu Silva Filho, o espetáculo narra os principais momentos do movimento que, em meados da década de 70, conquistou milhares de jovens descontentes de todos os países. No domingo, às 20h, no mesmo local, a ópera punk volta a ser encenada. As apresentações têm entrada franca e os convites devem ser retirados na bilheteria do teatro com uma hora de antecedência.

No palco, além dos figurantes, o público verá a performance da banda Projeto Nave e Pádua como vocalista – é dele, também, com apoio do Departamento de

Cultura de Santo André, toda a coordenação do espetáculo. Assim, no palco do teatro, Projeto Nave e Pádua executarão a trilha sonora, inspirada em clássicos do gênero – mundiais e regionais. No domingo, após a encenação, será realizado um debate sobre o movimento e, na segunda-feira (dia 21), às 19h, está prevista uma reunião na Sala de Convivência do teatro com todos os envolvidos para que a iniciativa seja avaliada e, se necessário, modificada. Segundo Silva, existe a intenção de montar a ópera em Diadema, São Bernardo e em dois locais de São Paulo – no Sesc Pompéia e na Puc (Pontifícia Universidade Católica).

Concebida para durar uma hora e dez minutos, a ópera começou a ser organizada no início de junho deste ano, quando Pá-

dua convocou os interessados para uma série de reuniões. Depois, os simpatizantes da idéia foram divididos em grupos de trabalho, cada qual com uma tarefa específica. No fim do mesmo mês, Bivar visitou a cidade e colheu informações para a produção do texto e roteirização do espetáculo. “O movimento punk teve uma participação fundamental na transformação da mentalidade da juventude naquele momento. Atualmente, os rappers assumiram esse papel”, afirma Bivar. Pádua, ex-vocalista da banda Passeatas, uma das mais atuantes do Grande ABC à época, entende que, apesar de as formas de atuação terem se modificado com o passar dos anos, a essência do movimento ainda é uma forte referência para os

**Na região, movimento punk esteve ligado ao operariado**



adolescentes da região.

O músico lembra que, hoje, muitas das pessoas que assumiram a essência do movimento punk no passado ainda mantêm posições políticas bastante próximas desse ideário. Ele cita, por exemplo, a existência de professores afinados com os ideais libertários dos punks. "É por essa razão que a ópera não deve ser vista como um acontecimento fechado. Pelo contrário, queremos que todas as pessoas participem e opinem. *Existe alguém + punk do que eu?*, de maneira alguma, será um espetáculo violento", afirma.

O próprio nome da ópera é uma referência à rivalidade que sempre existiu entre os grupos do Grande ABC e da cidade de São Paulo, conhecida no meio como *a city*. Na região, prevalecia uma tendência atrelada ao movimento operário e, em São Paulo, a preocupação maior dizia respeito à estética musical e visual do movimento. O espetáculo, dessa for-

ma, servirá como um bom ponto de partida para que essas diferenças sejam discutidas em favor de ações de interesse social. Além da ópera, o saguão do Teatro Municipal também sedia uma exposição de fotografias.

Apesar das divergências, punks do Grande ABC e de São Paulo protestavam contra a falta de perspectivas do jovem na sociedade e contra a opulência dos grandes nomes do rock internacional. O descontentamento poderá ser conferido nas letras e na música das bandas que contaram essa história ao longo do período que vai de 1977 a 1982. Entre outras, Garotos Podres, Ulster, Gatas de Bueiro, Hino Mortal, Passeatas e Carniça. □

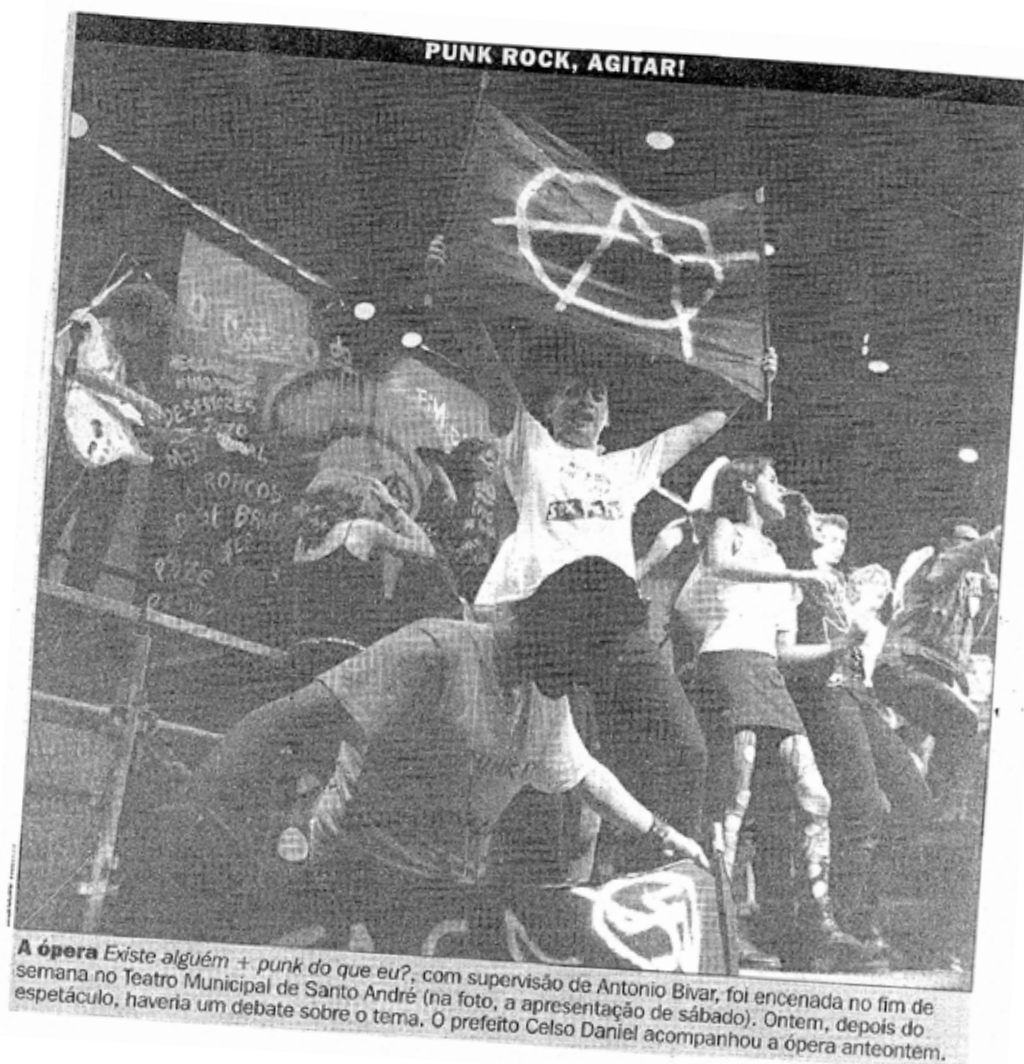
**Existe alguém + punk do que eu?** - Estréia hoje, às 21h. No Teatro Municipal de Santo André - Paço Municipal, s/nº. Tel.: 411-0789. Entrada franca, mas os ingressos devem ser retirados na bilheteria do teatro com uma hora de antecedência.

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 19/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 19/12/1998



# Ópera punk termina hoje com debate

Montagem traz o vocalista Pádua e a banda Projeto Nave

**Ricardo Ditchun**  
Da Redação

**E**stá prevista para hoje, às 20h, no Teatro Municipal de Santo André, a segunda apresentação da ópera *Existe alguém + punk do que eu?* – a estréia estava marcada para ontem, às 21h, no mesmo local. O espetáculo, cuja dramaturgia foi desenvolvida pelo escritor Antonio Bivar, tem direção musical de Antonio de Pádua e direção cênica de Edu Silva Filho. Pádua, aliás, foi o coordenador de todo o projeto e também sobe ao palco como vocalista. A trilha sonora, inspirada em clássicos do gênero, fica por conta da banda Projeto Nave, de Santo André.

Após a encenação, concebida para durar uma hora e dez minutos, será realizado um debate com a participação de todas as pessoas envolvidas no projeto e o público. A entrada é franca, mas os interessados devem retirar os ingressos a partir das 19h de hoje, na própria bilheteria do teatro.

Bivar, autor de um título clássico sobre o tema, *O que é punk?* (Brasiliense, Coleção Primeiros Passos), desenvolveu um roteiro capaz de contar a história do movimento punk desde seu surgimento (tido como oficial), em

1976, em Londres, com a formação da banda Sex Pistols, até as repercussões nacionais, particularmente no Grande ABC e em São Paulo. Entre estas duas regiões, surgiu uma espécie de litúrgico conceitual. Por aqui, os punks manifestavam-se de forma radicalmente atrelada à luta operária. Em São Paulo, por outro lado, as preocupações eram mais estéticas, relacionadas ao visual e à representação musical do inconformismo.

Em comum, no entanto, os dois grandes grupos paulistas tinham pelo menos duas fortes

fontes de insatisfação – que também chegavam como ecos do exterior: a falta de perspectivas do jovem diante de uma sociedade de burocrata e a opulência demonstrada pelos grandes nomes do rock internacional. Entre as músicas da

ópera não faltarão composições de bandas como Garotos Podes, Ulster, Gatas de Bueiro, Hino Mortal, Passeatas e Carniça. Após Santo André, os organizadores pretendem levar a ópera para Diadema, São Bernardo e São Paulo. □

## Trilha sonora da montagem traz clássicos do gênero

**Existe alguém + punk do que eu?** – Hoje, às 20h. No Teatro Municipal de Santo André – Paço Municipal, s/nº. Tel.: 411-0789. Entrada franca, mas os ingressos devem ser retirados na bilheteria do teatro com uma hora de antecedência.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 20/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 18/12/1998

### Opera Punk no Municipal de Santo André

O Teatro Municipal de Santo André será palco, em dezembro, da ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu?". Realizada através de um trabalho conjunto entre o Departamento de Cultura da Prefeitura de Santo André e o grupo Motim Punk, a idéia da montagem da ópera ocorreu após o sucesso do evento "20 anos do Movimento Punk no Brasil", realizado no final de 1997.

A preparação do musical teve início em março, num trabalho de convencimento dos integrantes do movimento punk. A partir de junho, os envolvidos no projeto começaram a preparar o texto e as músicas, que mostram um pouco da história do movimento punk no período de 1977 a 1982. Participam da produção, o dramaturgo e escritor Antonio Bivar, responsável pelos textos; Edu Silva, diretor artístico; Redson (do Grupo Cólera), diretor musical e Antonio Pádua, responsável pela articulação dos grupos. Também estão envolvidos na produção o cartunista Angeli, que cuidará da concepção gráfica, e o diretor Mário Bortolotto, responsável pela iluminação cênica.



18 dezembro

sexta - 0h  
**SESSÃO MALDITA**  
Ensaio aberto da Ópera.

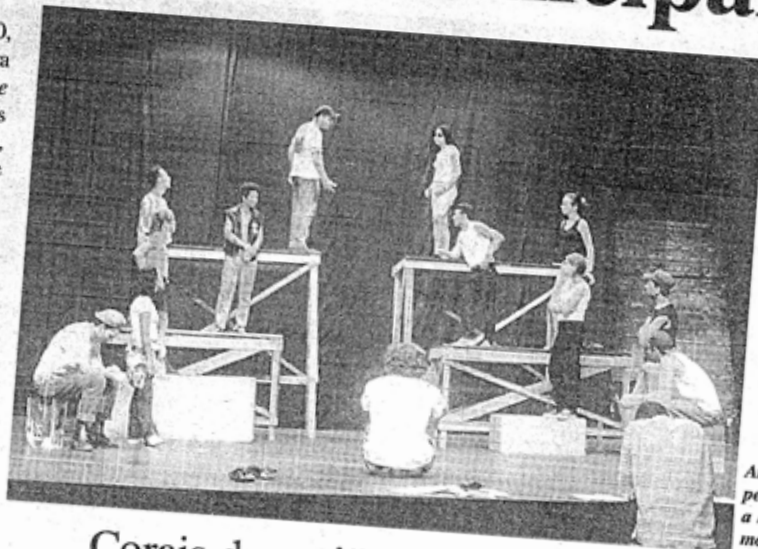
19 e 20 dezembro

sábado e domingo - 21h  
**ESTRÉIA**  
Estréia da Ópera Punk Existe  
Alguém + Punk do Que Eu? No  
Teatro Municipal de Santo André.

# Ópera punk em cartaz no Teatro Municipal

Mattha Alves

Fica em cartaz até o dia 20, no Teatro Municipal, a ópera *Existe Alguém + Punk do que Eu?*. O espetáculo, com textos e músicas escritas por punks, conta com a apresentação de bandas tocando ao vivo, interligados com textos que contam a história do surgimento do movimento punk, entre 1977 e 1982. Participam da produção, o dramaturgo e escritor Antônio Bivar, responsável pelos textos; Edu Silva, diretor artístico; Redson, do grupo Cólera, é o diretor musical e Antônio Pádua, responsável pela articulação dos grupos. Também está na produção o cartunista Angulei, que cuida da concepção gráfica do espetáculo. O Teatro Municipal fica na praça IV Centenário, s/n. O espetáculo apresenta uma sessão maldita no dia 18, à meia-noite, no dia 19, às 21h, e no dia 20, às 20h. A entrada é gratuita em todas as apresentações.



Atores ensaiam peça que aborda a história do movimento punk

## Corais da região cantam no ABC Plaza

O ABC Plaza Shopping promove neste mês uma série de apresentações de corais da região, com repertórios variados, na praça de alimentação. Hoje (18), às 18h30, o Coral do Riacho canta músicas natalinas e temas populares. Amanhã (19), às 18h30, o Coral da Igreja Assembléia de

Deus de Mauá exibe músicas sacras e natalinas. No dia 21, às 19h30, o Coral de Santo André apresenta temas natalinos e populares e no dia 22, no mesmo horário, é a vez do Coral da 1ª Igreja Batista de Santo André, que cantará músicas sacras, populares e temas de filmes. Para encerrar

as festividades, o Coral da Igreja Matriz de Santo André se apresenta no dia 23, às 18h30 com a regência do maestro João Leite de Almeida, cantando músicas de estilo sacro clássico com órgão, trompete, clarinete, percussão e violino. O ABC Plaza Shopping fica na avenida Industrial, 600.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

SANTO ANDRÉ REPÓRTER - 18/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 02/12/1998

### ÓPERA PUNK NA CIDADE

Já estão definidas as datas das apresentações da ópera punk "Existe alguém mais Punk do que eu?", que estréia em dezembro no Teatro Municipal de Santo André, com direção de Antônio Bivar.

Realizada através de um trabalho conjunto entre o Departamento de Cultura da Prefeitura de Santo André e o grupo Motim Punk, a idéia da montagem da ópera ocorreu após o sucesso do evento "20 anos do movimento punk", realizado no final de 1997.

A preparação do musical teve início em março, num trabalho de convencimento dos integrantes do movimento punk. A partir de junho, os envolvidos no projeto começaram o texto e as músicas. Um mês depois iniciaram-se os laboratórios, quando os próprios punks davam sugestões para os textos e músicas, que compõem o roteiro e mostram um pouco da história do movimento no período de 1977 a 1982.

Haverá um "sessão maldita" no dia 18, à meia noite, que consistirá num ensaio geral aberto. A ópera será apresentada também no dia 19, às 21h, e no dia 20, às 20h. Mais informações: 411-0728 ou 411-0738.



Estilo exótico dos punks.

## Santo André terá Opera Punk em dezembro

O Teatro Municipal de Santo André será palco, em dezembro, da ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu?". Realizada através de um trabalho conjunto entre o Departamento de Cultura da Prefeitura de Santo André e o grupo Motim Punk, a idéia da montagem da ópera ocorreu após o sucesso do evento "20 anos do Movimento Punk no Brasil", realizado no final de 1997.

A preparação do musical teve início em março, num trabalho de convencimento dos integrantes do movimento punk. A partir de junho, os envolvidos no projeto começaram a preparar o texto e as músicas, que mostram um pouco da história do movimento punk no período de 1977 a 1982. Participam da produção, o dramaturgo e escritor Antonio Bivar, responsável pelos textos; Edu Silva, diretor artístico; Redson (do Grupo Cólera), diretor musical e Antonio Pádua, responsável pela articulação dos grupos. Também estão envolvidos na produção o cartunista Angeli, que cuidará da concepção gráfica, e o diretor Mário Bortolotto, responsável pela iluminação cênica.

**13 dezembro**

domingo - 14h às 18h

### PUNKMÓVEL

Um veículo, como um trio elétrico, percorrerá a cidade com bandas tocando músicas do espetáculo e clássicos do punk.

**14 dezembro**

segunda

### EXPOSIÇÃO PUNK

Exposição sobre o movimento punk no Museu Santo André.

**16, 17 e 18 dezembro**

quarta a sexta - 20h

### DEBATES

Discussões internas do movimento, debate sobre tendências do movimento e lançamento da publicação Cadernos da Sarjeta. No Auditório Municipal de Santo André.

**18 dezembro**

sexta - 0h

### SESSÃO MALDITA

Ensaio aberto da Ópera.

**19 e 20 dezembro**

sábado - 21h / domingo - 20h

### ESTRÉIA

Estréia da Ópera Punk Existe Alguém + Punk do Que Eu? No Teatro Municipal de Santo André.



PASSEATA SOU DA PAZ, REALIZADA EM NOVEMBRO DE 1997, COM A PARTICIPAÇÃO DE GRUPO PUNK E DA UMES (UNIÃO MUNICIPAL DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DE SANTO ANDRÉ). A PASSEATA FEZ PARTE DO EVENTO 20 ANOS DO MOVIMENTO PUNK NO BRASIL, PROMOVIDO PELO DEPARTAMENTO DE CULTURA E PELA ASSESSORIA DA JUVENTUDE DA PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 07/11/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 18/10/1998



O dramaturgo Antonio Bivar escreveu o texto da ópera

### Vagas para atores

O Departamento de Cultura de Santo André está em busca de atores para a ópera punk *Existe alguém + punk do que eu?*, que estreia em dezembro. A produção selecionará três homens e três mulheres, que se revezarão em vários papéis, entre eles o de narrador do espetáculo.

*Existe alguém...* tem texto do dramaturgo Antonio Bivar e direção cênica do diretor teatral Edu Silva Filho, de São Bernardo. Idealizada por Antonio Pádua Nobre, a ópera quer reunir diversas gerações do movimento punk do Grande ABC.

Os papéis principais do espetáculo ficarão com aqueles que têm afinidade com o pensamento punk. No entanto, nada impede que simpatizantes também participem da montagem e conheçam de perto as propostas políticas do grupo.

Os atores interessados em trabalhar na ópera têm até o fim deste mês para procurar a produção do evento, no Cine-Teatro Carlos Gomes (rua Senador Fláquer, 470), em Santo André. Os ensaios acontecem todas as quartas, às 19h, sábados e domingos, às 9h. Informações pelos telefones 411-0711 e 411-0632.



## Cultura seleciona atores para Ópera Punk

O Departamento de Cultura está selecionando atores para a ópera punk *Existe Alguém + Punk do que Eu?*, que deve estreiar no dia 12 de dezembro numa sessão "maldita" à meia-noite no Teatro Municipal de Santo André. Projeto inédito no Brasil, a produção vem sendo trabalhada pelos próprios integrantes do movimento, que também cuidam da elaboração dos textos e das músicas, além da concepção dos figurinos e dos cenários.

*Existe Alguém + Punk do que Eu?* conta com a coordenação do dramaturgo e escritor Antonio Bivar. Seis atores serão selecionados para a ópera – três homens e três mulheres – para a interpretação e revezamento dos seguintes personagens: narrador, velhinha, quatro policiais, hippie, casal de repressores e figuração. Os interessados devem entrar em contato o mais rápido possível com a equipe do Departamento de Cultura, pelos telefones 411-0728 e 411-0738.

## Espectáculos nos teatros da cidade

O destaque da programação do Teatro Municipal nessa semana é o espetáculo *Vertigem*, com a Cia. de Dança 7, com direção de Paulo Goulart Filho. São duas apresentações: dia 17, às 21h, e dia 18, às 20h. Os ingressos custam R\$ 10,00. O Teatro Municipal fica na Praça IV Centenário, s/n, Centro. Mais informações: 411-0786 ou 411-0789.

No Teatro Conchita de Moraes, a opção é a peça *Folias Fellinianas*, de Reinaldo Maia, com direção de Marco Antônio Rodrigues. Dia 17, às 21h, e dia 18, às 20h. A entrada é franca. O endereço do Teatro Conchita de Moraes é Praça Rui Barbosa, 12, B. Santa Terezinha. Informações: 446-2164.

## Programação nas EMIAS

No dia 15, às 15h30, a EMIA Aron Feldman (tel 716-2744) promove o espetáculo *A Lenda do Vale da Lua*, de João das Neves, com direção de Antônio Córrea Neto. No dia 17, a mesma EMIA terá a programação especial Tarde Livre na EMIA, das 14h às 16h30, com oficinas artísticas.

Na EMIA Chácara Pignatari (tel 4997-2155), no dia 16, às 15h, é a vez da peça *Histórias de Andarilhos*, com o Grupo Teatral do Guri. No dia 17, às 15h, haverá o espetáculo *Pastelão do Amor*, com Circo & Cia., e no dia 18, das 9h às 17h, a EMIA Chácara Pignatari promove uma oficina de trampolim acrobático.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 13/10/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

JORNAL O GLOBO - 13/09/1998

# Opera-punk com estrutura de 'Romeu e Julieta'

Amor entre integrantes de gangues rivais de SP é o fio condutor de musical que retrata a explosão do movimento no Brasil

**T**odo domingo de manhã Antonio Bivar cumpre o mesmo itinerário: pega o trem na Estação da Luz rumo à cidade de Santo André, no ABC paulista. Chegando lá, o dramaturgo segue até o Paço Municipal, onde coordena, desde junho, os ensaios do que define como a primeira ópera-punk nacional. Tendo como pano de fundo a história real de um amor proibido, o espetáculo "Existe alguém mais punk do que eu?" quer retratar no palco a explosão do movimento punk no país, algo que mexeu com os ideais e o comportamento dos jovens nos anos 80.

A ópera-punk é uma espécie de versão verde-e-amarela de "West Side story", o musical de Leonard Bernstein que abocanhou dez Oscars ao levar a história de Romeu e Julieta para o meio das brigas de gangues em Nova York. O casal protagonista de "Existe alguém mais punk do que eu?" — título tirado de uma frase de Iggy Pop, um dos pais do movimento — é formado por Rosângela, que pertencera a uma gangue do ABC, e Índio, membro de um grupo adversário da capital. Quando o caso de amor aconteceu, os dois tiveram mais sorte que Romeus e Julietas de Verona e Hollywood: não morreram e até conseguiram se casar, embora hoje estejam separados.



Segundo Pádua, as diferenças entre os dois grupos retratados em "Quem é mais punk do que eu?" eram bem marcadas: quem vinha do ABC geralmente era ou tinha sido metalúrgico e, por isso mesmo, acabava sendo mais politizado, já que os anos 80 foram marcados por greves e manifestações políticas na região.

**Trilha sonora inclui clássicos do punk-rock e do hardcore**

Já o grupo paulistano, mais elitizado e com poder aquisitivo maior, tinha maior acesso à informação e consumia discos, revistas e fanzines importados.

— Eles vestiam jaquetas e botas de couro e a gente saía daqui de macacão e botas de peão — lembra Pádua. — Se alguém de um dos dois grupos resolvia ajudar um rival, acabava rechaçado pelos companheiros. O Índio rompeu com tudo ao perceber que isso atrapalharia o movimento e o romance dele com a Rô, uma morena que na hora da pancadaria batia até em marmanjo. Isso acabou reforçando a união.

Para Bivar, a diferença entre os grupos parece um pouco mais amena.

— Um dos principais argumentos de Pádua é que, pelo fato de o ABC ser uma região industrial, e



CENA DO filme "West Side story": submundo em história similar à de Bivar

porque foi uma época de desemprego que deu origem ao Partido dos Trabalhadores, os punks dali teriam características diferentes dos da capital, que eram chamados de *playboys* — diz ele. — No meu livro, eu não vejo essa diferença deste modo, e sim como uma rixa juvenil.

Ainda em fase de laboratório e formatação, a ópera tem o apoio da Secretaria de Cultura de Santo André e reúne um elenco de cerca

de 30 pessoas, sob a direção de Eduardo Silva. Redson Lopes, vocalista da banda Cólera, assina a direção musical. A trilha sonora incluirá clássicos do punk-rock e do hardcore — de Dead Kennedys a The Clash — além de músicas criadas para o espetáculo. Um dos objetivos da ópera é unir os punks. Para Bivar, o movimento existe até hoje, embora tenha se enfraquecido ao ser absorvido pela cultura de massa. ■

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

JORNAL O GLOBO - 13/09/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

JORNAL O GLOBO - 13/09/1998

### Autor voltou ao Brasil quando os grupos estavam surgindo

Com estréia prevista para dezembro, no Teatro Municipal de Santo André, o espetáculo começou a ser gerado ano passado, num seminário promovido pela Prefeitura da cidade e que lembrava os 20 anos do movimento punk nacional. Um grupo de participantes do evento, que hoje faz parte do elenco do musical, convidou Bivar para escrever a história. A escolha não foi aleatória: autor do livro "O que é punk?" (Editora Brasiliense) e organizador do festival punk "O começo do fim do mundo" — que aconteceu em 1982, em São Paulo — o dramaturgo tinha todas as credenciais para abordar o tema.

— Fui convidado para fazer a dramaturgia porque temos um bom relacionamento desde 82, quando meu livro foi lançado. Discutimos as idéias juntos, como num workshop — diz Bivar. — Meu interesse no projeto aconteceu com a alma, pela identificação. Fui exilado e vivi a experiência hippie na Inglaterra. Quando voltei ao Brasil, na década de 80, o movimento punk estava sendo feito com garra.

### Ex-metalúrgico é o verdadeiro idealizador do espetáculo

O amor proibido de Rosângela e Índio conduzirá a trama, mas servirá muito menos como ingrediente romântico do que como gancho para reforçar a forte rivalidade entre os grupos na época.

— De 1977 a 1982, o movimento punk surgiu forte em São Paulo e, desde o começo, havia rivalidade entre os punks do grande ABC e os da capital — explica Bivar. — A idéia é passar o espírito dessa disputa e mostrar que o namoro



BIVAR (À DIREITA), com um dos atores do musical: história real inspira a peça

entre Rosângela e Índio foi uma tentativa de unir o movimento.

Bivar aponta Antônio de Pádua, de 38 anos, ex-metalúrgico do ABC e vocalista da extinta banda punk Passeatas, como o verdadeiro idealizador da ópera. Pádua, que será ao mesmo tempo ator e personagem da trama, foi uma das figuras mais atuantes da cena punk paulista e perdeu uma das mãos devido à explosão de uma bomba caseira durante um

confronto de gangues. Ele conta que desde dezembro do ano passado vem registrando suas lembranças no papel.

— Desde que assisti à ópera-rock "Tommy", do The Who, um pensamento não me saiu da cabeça: por que não fazer uma ópera-punk? — diz ele, que em 1983 decidiu se afastar do movimento por causa das mortes provocadas pelos confrontos entre gangues.

## O punk rock do Brasil

Santo André poderá ser palco da primeira ópera punk de que se tem notícia no Brasil, e provavelmente no mundo. Pessoas comprometidas com este movimento estético, político e cultural – como o dramaturgo Antonio Bivar – estão se mobilizando para a realização do evento. O **Diário** vem noticiando os preparativos, e logo mais devemos ter novidades.



O movimento punk no Brasil teve seu auge longe da mídia. Foi no começo dos anos 80, quando as melhores bandas estavam na ativa e produzindo, aos trancos e barrancos, discos importantes para a história de nossa música pop. Recomendo, aos que queiram se aprofundar no tema, dois discos do Cólera: *Tente mudar o amanhã* e *Pela paz em todo o mundo*. Não sei se estão em catálogo ainda, mas certamente podem ser encontrados em sebos e nas lojas do Centro de São Paulo. Também não sei se saíram em CD.

Por outro lado, é certeza absoluta que saiu em CD o *Sub*, um disco clássico do gênero (de 1983), com Ratos de Porão (com Jão nos vocais, ainda sem João Gordio), Cólera, Psykóze e Fogo Cruzado.

Em termos técnicos é um horror, mas tem canções interessantes, como *Quanto vale a liberdade*, *Histeria* e *Zero Zero*, do Cólera; *Não podemos falar*, dos Ratos, ainda muito longe do crossover que o tornaria mais popular quase dez anos depois, mas já hardcore; e *Terceira guerra mundial* e a genial *Buracos suburbanos*, do Psykóze.

Claro, não dá para esquecer o *Grito suburbano*, um disco de estúdio gravado em 1982 e que, há uns sete anos, ganhou nova edição em vinil. O disco traz o maior clássico do punk rock nacional, em minha opinião: *Gatos do subúrbio*, dos Inocentes. Vale observar que o grupo ainda não tinha Clemente nos vocais. Estes ficaram a cargo de um certo Maurício, que desempenhava essa função até com mais brilho do que seu sucessor.

A maioria das bandas não sabia tocar nada quando começou. As que aprenderam, abandonaram o punk rock mais básico: os Inocentes passaram a fazer pop rock (às vezes muito bom), os Ratos optaram por se aproximar do heavy metal – e Redson, líder do Cólera, um dia chegou a tocar numa banda cover do The Cult.

Quanto aos criotunks de Brasília e do Rio Grande do Sul (Aborto Elétrico/Legião Urbana, Plebe Rude, Replantes etc.), nunca passaram de punks de boutique, mas seu gosto pelo som que vinha de Londres (especialmente o The Clash e os Sex Pistols, bandas que colocaram o punk rock no mainstream) ajudou a moldar uma obra pop de importância, e de maior permanência do que aquela que os punks brasileiros legaram, sempre (e de modo digno) à margem da grande mídia.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 10/07/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 02/07/1998

### Papo Cabeça

A banda de punk rock Subvidentes tem presença confirmada no Projeto Existe alguém + punk do que eu?, promovido pela Prefeitura de Santo André, com estréia prevista para novembro. Em fase de gravação do segundo álbum, o baterista Daniel Miranda falou ao Diário sobre o movimento punk no Brasil:

**Diário - Passados 20 anos de seu surgimento, como anda o movimento punk?**

**Daniel -** Quando ele começou, não tinha uma cara política, como hoje, era mais es-crachado.

**Diário - Nas décadas de 70 e 80, o lema do movimento era destruir. E hoje?**

**Daniel -** Eu vou falar por mim. Hoje, é destruir para reconstruir. Eu procuro fazer um mundo melhor à minha volta. Assim, vou estar destruindo o sistema.

**Diário - O movimento punk no Brasil é organizado?**

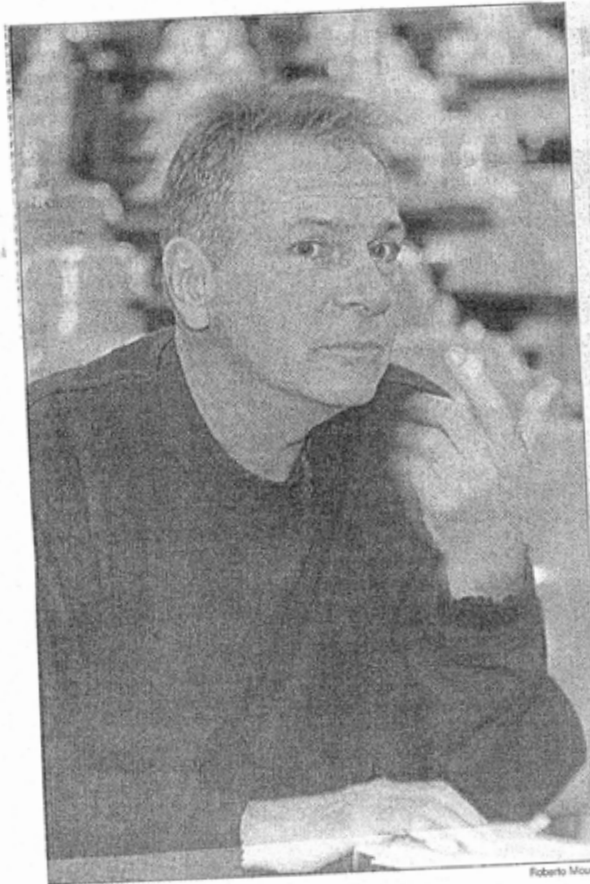
**Daniel -** O movimento está mais organizado e mantém contato com os punks do Brasil inteiro. Existe, também, um comitê de solidariedade com o movimento zapatista mexicano. O Subvidentes é solidário aos zapatistas.

**Diário - Os rappers assumiram a postura contestatória dos punks?**

**Daniel -** Eu não acho que a postura dos rappers seja revolucionária. Eles têm boas letras e músicas, mas a maioria das bandas assume uma postura comercial. — GM

# Especialista escreverá texto da ópera punk

Dramaturgo Antonio Bivar, autor de *O Que É Punk?*, também fará o roteiro da montagem, que tem estréia prevista para dezembro, em Sto. André



Roberto Mourão

RESTOU?

Bivar quer discutir os desdobramentos do movimento punk

RICARDO DI LICHUN  
Da Redação

O dramaturgo e escritor Antonio Bivar visitou Santo André anteontem para iniciar sua participação no projeto *Existe Alguém + Punk do que Eu?*, uma ópera punk com estréia prevista para dezembro. Bivar será responsável pela produção do texto e roteirização do espetáculo, que deve ter a participação de bandas tocando ao vivo.

Sob coordenação geral do músico Antonio de Pádua, ex-vocalista da banda Passeatas, a ópera é apenas uma parte da programação em torno do tema. A exemplo do que ocorreu em novembro do ano passado, quando o movimento completou seu 20º aniversário, não faltarão debates, depoimentos, exposições e shows.

Bivar afirmou que está bastante motivado com o projeto: "A idéia é original e está bem organizada. É uma forma de discutir os desdobramentos do movimento que, no Grande ABC, foi bastante intenso. Só espero que o espetáculo possa circular para fora da região, chegando a São Paulo e outras cidades do Brasil". Autor de *O Que É Punk?* (1982), livro da coleção *Primeiros Passos* que se transformou em referência clássica sobre o tema, Bivar conta que sua participação na ópera vai se limitar a fornecer informações

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 23/06/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 23/06/1998

históricas sobre o movimento.

Aos 59 anos, o escritor afirma que a manifestação do punk, ao longo do período 1977-1982, foi uma revolta autêntica. Atualmente, Bivar entende que os rappers assumiram essa função. "Acho que o movimento punk teve uma participação fundamental para a transformação da mentalidade da juventude naquele período. A importância do projeto reside nesse ponto", diz.

De acordo com Pádua, 38 anos, apesar de as formas de atuação terem se modificado com o passar dos anos, a essência do movimento punk ainda é uma forte referência para os adolescentes da região: "Hoje, temos integrantes com um grau de

conscientização bem maior. Existem professores e uma série de outros profissionais que ainda mantêm os ideais punks, e o projeto servirá para trazer tudo isso à tona. É por isso, também, que o evento está aberto a participação de qualquer pessoa interessada."

O nome da ópera, *Existe Alguém + Punk do que Eu?*, é uma referência à rivalidade que existia entre os punks do Grande ABC e de São Paulo. A ópera e os eventos paralelos, portanto, vão abrir espaço para que essas diferenças sejam discutidas a partir de aspectos como as roupas que eram usadas pelos dois grupos e suas expectativas em relação ao futuro.

Segundo Altair Moreira, dire-

tor de Cultura de Santo André, a participação da Prefeitura se limita a fornecer a estrutura necessária para que o evento seja organizado, além de estimular a iniciativa. "A ópera e os eventos que giram em torno dela são consequência da passeata 20 Anos Pela Paz, realizada em Santo André em novembro de 1997. Depois, vieram a exposição, os debates e os shows. A programação deste ano significa um avanço em relação ao ano passado. Nosso interesse é abrir uma oportunidade para que a população de Santo André descubra de que forma o ideal do movimento foi assimilado pela sociedade e quais foram suas contribuições."



# Ópera punk só deve estrear em dezembro

VIVIAN WHITEMAN  
Da Redação

Acontece amanhã às 15h, no Auditório do Teatro Municipal de Santo André, mais uma reunião dos grupos envolvidos na montagem da ópera punk *Existe Alguém + Punk do que Eu?*, a primeira com a participação do dramaturgo e escritor Antonio Bivar, responsável pelo texto da produção.

No encontro realizado domingo passado, integrantes de bandas punk da região, sob a coordenação do músico Redson, do grupo Cólera, iniciaram os trabalhos de divisão de pesquisa para a montagem da ópera.

Está sendo realizado um processo de resgate de discos em vinil, fotografias, registros de shows e localização de músicos que participaram da fase embrionária do movimento punk no Brasil. Nesse período, definido pelos

organizadores entre 1977 e 1982, será ambientada a ação da ópera.

Redson também iniciou a seleção dos músicos que estarão no elenco, embora o repertório ainda não tenha sido definido, por estar diretamente ligado ao resultado da pesquisa da história da cena na região.

A previsão é de que, até o fim de agosto, o texto e as músicas que vão compor *Existe Alguém + Punk do Que Eu?* já estejam finalizados. A partir de então, serão iniciados os ensaios. O espetáculo deve estrear na primeira semana de dezembro num evento que terá ainda palestras e mostras, entre outras manifestações artísticas relacionadas ao punk.

● **EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUÊ EU?** - Reunião aberta a interessados em participar da montagem de uma ópera punk. Domingo, às 15h. No Auditório do Teatro Municipal de Santo André - Paço Municipal, s/nº. Informações pelos telefones 411-0711 ou 411-0632, com Sueli.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 20/06/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 04/06/1998

### V **Cultura monta ópera punk** *O dramaturgo Antonio Bivar ajudará no texto, que estreará em novembro em Santo André*

A Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (SCEL) promoverá em novembro a ópera punk *Existe Alguém + Punk do que Eu?*, que deve estrear em Santo André e possivelmente irá circular por outras cidades de São Paulo. O evento é o desdobramento da programação *20 Anos do Movimento Punk*, realizada em 1997 pela SCEL e a Assessoria da Juventude da Prefeitura de Santo André.

*Existe Alguém + Punk do que Eu?* será um musical, com texto e canções escritos pelos

próprios integrantes do movimento e contará com a participação de bandas tocando ao vivo. O projeto terá coordenação do dramaturgo e escritor Antônio Bivar e do músico Redson, do grupo Cólera.

A proposta do projeto é a criação conjunta, para que todas as opiniões sejam ouvidas e discutidas. Os punks também terão a oportunidade de mostrar o seu talento como atores, cenógrafos e figurinistas. Quem quiser participar, deve entrar em contato com

Sueli, do Departamento de Cultura (411-0711/0632).

A primeira reunião entre os interessados será nesse domingo (7/6), das 15h às 18h, no Auditório Municipal (Praça IV Centenário, s/nº, Centro).

Paralelamente ao espetáculo, cujos ensaios comecem em agosto, acontecerão palestras que discutirão temas do interesse do movimento (machismo, racismo, anarquia), exposições, encontros de fanzines e outras atividades (HN).

24-6-98 V

#### Ópera Punk

O grupo de punks que participa da montagem da ópera *Existe Alguém + Punk do que Eu?* se reunirá novamente no próximo domingo (28), às 14h, no Auditório Municipal de Santo André (Praça IV Centenário, s/n, Centro). Devem marcar presença no encontro, o dramaturgo Antônio Bivar e o músico Redson, do grupo Cólera. Quem quiser participar da reunião, deve entrar em contato com Sueli, pelo telefone 411-0711.

# Ópera punk termina em festa

Municipal andreense lotado acompanhou anteontem o segundo dia da montagem

**Sueil Osorio**  
Da Redação

■ Pancadaria, protestos, repressão policial (mas tudo isso só no palco) e muita música marcaram a última encenação da ópera *Existe alguém + punk do que eu?*, anteontem, no Teatro Municipal de Santo André.

Com texto e dramaturgia de Antônio Bivar, autor de várias peças e livros, entre eles *O que é punk?*, e direção artística de Edu Silva Filho, ator e diretor teatral, o espetáculo teve a participação de cerca de 40 jovens, punks e simpatizantes, que se reuniram pelo período de oito meses para elaborar o texto, as músicas e ensaiar o espetáculo. Bivar foi um dos idealizadores do festival punk *O começo do fim do mundo*, realizado em 1982 no Sesc Pompéia. A articulação dos punks ficou a cargo de Antônio de Pádua, vocalista de uma das primeiras bandas punks da região, a Passeatas.

A ópera buscou retratar o cotidiano dos punks no período de 1977 a 1982, mostrando as suas influências, as gangues, os conflitos entre os punks do Grande ABC (que se manifestavam de forma atrelada à luta operária) e os de São Paulo (com preocupa-

ções mais estéticas) e sua representação musical do inconformismo.

Na apresentação de anteontem, o teatro estava cheio e vibrante, com uma platéia formada em sua maioria por jovens de alguma forma ligados ao movimento punk, exibindo seus cabelos arrepiados e suas roupas características. Nem as falhas técnicas do som – por vezes a música esteve muito alta, e não se ouviu o que os atores falavam – desanimaram a platéia, que interagiu com o elenco no fim do espetáculo, subindo para dançar no palco com muita animação.

**Debate** – Após a apresentação, as pessoas envolvidas no projeto e o público participaram de um debate, que foi basicamente um balanço da produção.

O diretor Edu Silva Filho disse que, apesar dos confrontos durante os ensaios e de muitos não serem atores, todos tiveram muito brio. “Eu não sou punk, mas vim fazer um trabalho com os punks. E o importante é que todos foram até o fim”, disse.

“O objetivo era fazer com que os punks repensassem tudo o que aconteceu ao longo desses anos”, encerrou Pádua. □



Cena da ópera *Existe alguém + punk do que eu?*, anteontem

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 22/12/1998

## ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 18/12/1998

### Opera Punk no Municipal de Santo André

O Teatro Municipal de Santo André será palco, em dezembro, da ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu?". Realizada através de um trabalho conjunto entre o Departamento de Cultura da Prefeitura de Santo André e o grupo Motim Punk, a ideia da montagem da ópera ocorreu após o sucesso do evento "20 anos do Movimento Punk no Brasil", realizado no final de 1997.

A preparação do musical teve início em março, num trabalho de convencimento dos integrantes do movimento punk. A partir de junho, os envolvidos no projeto começaram a preparar o texto e as músicas, que mostram um pouco da história do movimento punk no período de 1977 a 1982. Participam da produção, o dramaturgo e escritor Antonio Bivar, responsável pelos textos; Edu Silva, diretor artístico; Redson (do Grupo Cólera), diretor musical e Antonio Pádua, responsável pela articulação dos grupos. Também estão envolvidos na produção o cartunista Angeli, que cuidará da concepção gráfica, e o diretor Mário Bertolotto, responsável pela iluminação cênica.



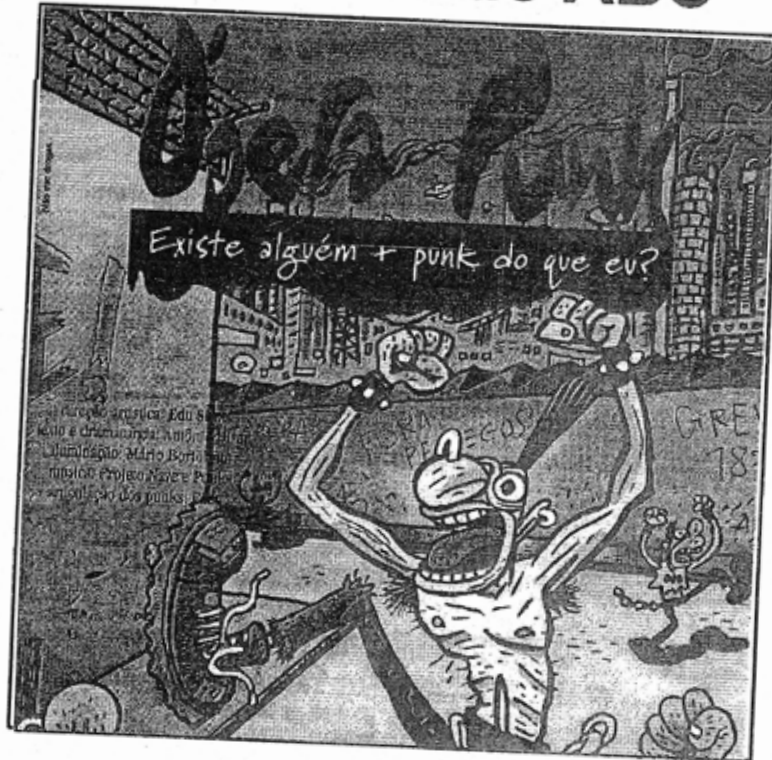
18 dezembro

sexta - 0h  
**SESSÃO MALDITA**  
Ensaio aberto da Ópera.

19 e 20 dezembro

sábado e domingo - 21h  
**ESTRÉIA**  
Estréia da Ópera Punk Existe  
Alguém + Punk do Que Eu? No  
Teatro Municipal de Santo André.

## Opera Punk do ABC



Estréia na próxima sexta, dia 18, à meia-noite, a peça "Existe alguém mais punk do que eu?", uma ópera punk que conta a história dos 20 anos do movimento no ABC.

Com textos de Antonio Bivar e direção de Edu Silva, a peça conta com a participação de integrantes do movi-

mento punk da região.

A produção é da prefeitura de Santo André. Apresentação somente neste final de semana, dias 18 (meia-noite), 19 (21h) e 20 (20h), no Teatro Municipal de Santo André. Praça IV Centenário. Paço Municipal. Centro. Entrada franca.

**ARQUIVO: ÓPERA PUNK NA MÍDIA**

DIÁRIO DO GRANDE ABC - 12/1998

# FICHA TÉCNICA

# DA ÓPERA PUNK

## **Secretário de Cultura**

Celso Frateschi

## **Diretor de Cultura**

Altair José Moreira

## **Coordenação geral**

Marco Moretto Neto e

Vânia Cristina Ribeiro

## **Coordenação de Produção**

Eliana Moraes de Araújo

## **Produção Executiva**

Suely Teixeira Chaves

## **Sonoplastia**

Celso Zappa

## **Cenotécnica**

Edson Magalhães

## **Música**

Projeto Nave e Punks

## **Colaboradores**

Redson, Índio, Macarrão, Ariel, Tina, Bispo, Téo, Josy, Lila, Margarete, Tica, Inaraí, Kiss, Danone, Daniela Silva, Nei.

## **Elenco**

Pedrinho, Barata, Dunga, Sacha, Paula, Renato, Momokevi, Cleri, Cibele, Vitor, Daniela Silva, Cristian, Ticão, Schmidt, Charuto, Legião, Gil, Maloka, Ulisses, Hilton, Pezão, Adriano, Pedro, Daniela, Vira-lata, Marcos Paulo, Flávio, Renato, Penélope, Pádua, Sebão, Débora, Karin.

## **Agradecimentos**

Gerência de Teatros e Auditórios, Gerência de Bibliotecas, Gerência da Preservação da Memória, Assessoria da Juventude, Assessoria de Comunicação, Departamento de Apoio Administrativo, Departamento de Limpeza e Conservação Viária, Departamento de Manutenção e Equipamentos Urbanos, Guarda Municipal e Polícia Militar.

## **Apoio Cultural**

Rota 99 FM

Rádio Vitrola FM

Metal CD's



INGRESSO DA ÓPERA PUNK.

### Realização

Grupo Motim Punk

Prefeitura de Santo André

Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer

### Direção Artística – Edu Silva Filho

Ator e diretor teatral, produziu, junta-

mente com Chico Cabrera, os espetáculos

“Um dia de Pic e Nic” e, posteriormente

“Avoar”, pelos quais receberam os prêmios

APCA e Mambembe além de indicações

da APETESP e Prêmio Coca-Cola. Dirigiu

espetáculos como “Pândega Paulistana”,

premiado como Melhor Espetáculo no

Mapa Cultural Regional, em 98 e “Atrás

do Morro Existe um Sonho”, entre outros,

os quais lhe conferiram vários prêmios em

festivais de teatro.

### Texto e Dramaturgia – Antônio Bivar

Autor de várias peças e livros entre eles “O

que é Punk”, foi também um dos idealiza-

dores do festival punk “O começo do fim do

mundo”, em 82, no Sesc Pompeia. Escre-

veu também para vários jornais, revistas, programas de rádio e televisão. Recebeu os prêmios de "Melhor Autor" – Molière, Governo do Estado APCA – por suas duas primeiras peças "Cordélia Brasil" e "Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã", em 1965. O seu romance "Chicabum", premiado pela Secretaria de Estado da Cultura, foi indicado para o Prêmio Mobiloil de Literatura Latinoamericana, na Colômbia, em 1997. Suas peças "Alzira Power" e "Cordão Brasil" foram encenadas na Argentina, Espanha, Portugal e Inglaterra. "As Raposas do Café", escrita em parceria com Celso Luiz Paulini e encenada pelo Grupo TAPA, em 90, recebeu todos os prêmios do ano: do Molière ao APCA.

#### **Iluminação – Mário Bortolotto**

Ator, diretor, sonoplasta e iluminador. Dirige atualmente o grupo de teatro "Cemitério de Automóveis", em SP. Em 97, foi indicado para o Prêmio Shell de "Melhor Autor" com o espetáculo "Medusa de Rayban" e Melhor Ator com o espetáculo "Santidade", de José Vicente com o diretor Fauzi Arap. Em seu último trabalho "Postcards de Atacama", Bortolotto atua, assina texto, direção, sonoplastia e iluminação. Concebe a sonoplastia e a iluminação de todos os seus espetáculos.

#### **Ilustração – Arnaldo Angeli Filho**

Chargista e cartunista desde 1970, tem seus trabalhos publicados na Folha de São

Paulo, na qual, em tiras diárias, desenvolveu os personagens Bob Cuspe e Rê Bordo-sa. Em 80 iniciou a publicação de "Chiclete com Banana", revista de contracultura e underground. Autor de vários livros entre eles "FHC, Biografia não Autorizada". Recebeu vários prêmios, inclusive o de "Melhor Chargista" e "Melhor Desenhista Nacional". Tem participado como convidado em vários salões da Itália e da França.

#### **Assistente de Direção e Cenografia – Eduardo Salles Ulian**

Ator, assistente de direção e cenógrafo. Trabalhou como assistente de direção nos espetáculos "Queda para o Alto", com Geraldo Salles" e "Nada Além de 2 Mil Réis", com F. E. Kokocht e Possidônio Araújo e, recentemente, "Pândega Paulistana", com Edu Silva Filho, ganhador do Mapa Cultural Regional como "Melhor Espetáculo". Atualmente desenvolve um trabalho de pesquisa com a Cia. Atos e Fatos sobre o método de criação coletiva e linguagem pós-moderna com o espetáculo "Arché".

#### **Articulação dos Punks – Antônio de Pádua Nobre Veras**

Vocalista da primeira banda punk do ABC, Passeatas, durante os três anos de sua atuação, de 79 a 87, difundiu a filosofia do "Faça você mesmo" se apresentando na PUC e participando do festival "O começo do fim do mundo", no SESC Pompeia. Em 84, saiu das fileiras do Movimento Punk e



inicia uma experiência teatral com o grupo Pé-de-Boi, ministrando oficina de teatro promovida pelo MEC. Em 97, foi coordenador do projeto “20 anos do Movimento Punk” promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer da Prefeitura de Santo André.

# FOLDER DA ÓPERA PUNK

## O Projeto, o processo...

Quando um grupo de Punks procura o poder público para realizar um evento comemorando os “20 Anos do Movimento Punk” ou uma “Ópera Punk” a primeira reação é de estranhamento, desconfiança e preconceito. Em Santo André, conseguimos ultrapassar esta etapa e descobrimos um grupo que preserva a sua história, seus ideais e propostas. Juntos discutimos e implementamos as atividades que compuseram estes eventos. Foi um processo de aprendizado mútuo. Várias reuniões foram realizadas e entre desencontros e discussões descobrimos formas de trabalhar como parceiros e o caos inicial começou a tomar forma. Os Punks aprenderam a conviver com uma estrutura, muitas vezes burocrática, e nós, poder

público, já não nos assustamos mais com a forma anárquica com que as propostas, informações e materiais chegavam. Um trabalho difícil, mas gratificante. A cada dia descobríamos a importância e as influências do Movimento Punk, principalmente em nossa região que, por suas características, serviu de berço fértil e cenário propício ao florescimento deste movimento. Não tivemos a pretensão de retratar o Movimento Punk integralmente, mas acreditamos que a amostra que apresentamos não reflete a visão do poder público ou de uma sociedade preconceituosa, mas a forma legítima como este grupo se expressa e gostaria de ser visto. Esperamos ter contribuído para que a cidade possa descobrir a própria cidade.

Departamento de Cultura

## Existe Alguém + Punk do que Eu?

Quando se fala em Movimento Punk no Brasil, parece que a história começa em 1982, quando se realizou o evento “O Começo do Fim do Mundo”. Ir às raízes, ver como tudo começou, retratar o cotidiano Punk no período de 1977 a 1982, as influências, as gangues, os conflitos, a repressão, a manipulação da mídia, o estranhamento da sociedade a este novo grupo jovem que começava a surgir e outros fatores que contribuíram para que o movimento Punk, originalmente inglês, adquirisse feições tupiniquins, através de uma postura anárquica, em cenas curtas e frases

diretas, compõem o universo da "Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do que Eu?".

São cerca de 40 jovens atuando, punks e simpatizantes, que se reúnem a cerca de oito meses para elaborar o texto, as músicas e ensaiar o espetáculo.

Um banda toca ao vivo clássicos punks e músicas compostas especialmente para o evento, algumas pessoas desempenham personagens comuns que narram e situam a história, os punks desempenham o seu próprio papel.

De um lado os punks do ABC, que tiveram em sua origem uma proximidade com as greves, sindicatos e movimento operário, desenvolvendo-se portanto com características mais rudes, ativas e politizadas. No contraponto, os punks de São Paulo, com mais acesso às informações vindas do exterior (através das lojas das "Grandes Galerias", correspondência internacional...) mantém-se mais atualizados e próximos ao que acontecia no resto do mundo.

As diferenças geram conflitos, mas havia um grupo que buscava a união. Mesmo assim, alguns punks se julgavam mais punks do que outros. Afinal, Existe Alguém + Punk do que Eu?

## **Programação**

### **18/12**

19h - Abertura da exposição

"Descobrimos a Cidade"

Local: Sala de Convivência da Biblioteca Municipal

Meia-noite - Sessão maldita:

Ensaio geral da "Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do que Eu?"

Local: Teatro Municipal de Santo André

### **19/12**

21h - Estreia da "Ópera Punk: Existe alguém + Punk do que Eu?"

Local: Teatro Municipal de Santo André

### **20/12**

20h - "Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do que Eu?" Local: Teatro Municipal de Santo André

21h30 - Debate sobre a Ópera

# BIBLIOGRAFIA

*Revista MORTAL nº 3 – Estranhos Atratores 2016.*

*Constantino Castellani – Jairo Costa – Estranhos Atratores 2019.*

*Mate-me por favor – Uma história sem censura do punk – Legs McNeil e Gillian McCain.*

*Punks, o começo do fim do mundo – Revista Penthouse – 1983.*

*Roteiro Ópera Punk – Antônio Bivar – 1998.*

*Vídeo Ópera Punk – 1999 – Roteiro, direção e edição – Jeferson De.*

*<https://www.latinousa.org/2016/03/25/mysterians-migrant-kids-inspired-punk-rock/>*

*<https://whiplash.net/materias/biografias/038374-sexpistols.html>*

*<http://alinguadefora.blogspot.com/2014/02/de-shakespeare-ramones.html>*

*<https://www.fanzinebrasil.com.br/2019/10/16-curiosidades-sobre-o-punk-rock.html>*

*[https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/4567\\_25+ANOS+DO+SESC+POMPEIA](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/4567_25+ANOS+DO+SESC+POMPEIA)*

*<https://revistacontinente.com.br/edicoes/175/antonio-bivar--na-epoca-do-pe-na-estrada>*

## **ÓPERA PUNK EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?**

[https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/4567\\_25+ANOS+DO+SESC+POMPEIA](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/4567_25+ANOS+DO+SESC+POMPEIA)

<https://www.ahistoriadodisco.com.br/2016/11/20/festival-punk-o-comeco-do-fim-do-mundo-1982/>

<https://www.youtube.com/watch?v=VrpyqtpAE0c>

[http://obviousmag.org/sol\\_de\\_inverno/2017/o-punk-no-brasil-e-sua-relacao-com-a-ditadura-militar.html](http://obviousmag.org/sol_de_inverno/2017/o-punk-no-brasil-e-sua-relacao-com-a-ditadura-militar.html)

<http://www.metodista.br/portaldejornalismo/a-historia-da-geracao-punk-rock-no-grande-abc/>

<https://www.treblezine.com/24712-10-essential-punk-rock-operas/>

<https://www.omelete.com.br/musica/historia-do-rock-no-cinema-parte-11-operas-rock>

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-da-opera/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera\\_rock](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pera_rock)

<https://jornal.usp.br/atualidades/operas-rock-carregam-protestos-e-sentidos-fortes-em-sua-historia/>

<https://www.omelete.com.br/musica/historia-do-rock-no-cinema-parte-11-operas-rock>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89squilo>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3focles>

<https://arteref.com/teatro/teatro-grego/>

<https://www.todamateria.com.br/tragedia-grega/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hair\(musical\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hair(musical))

<https://www.leiagora.com.br/entrete/2507/opera-rock-conheca-alguns-discos-que-contam-historias>

<https://jornal.usp.br/atualidades/operas-rock-carregam-protestos-e-sentidos-fortes-em-sua-historia/>

<https://www.youtube.com/watch?v=03crXcCGK0w>

 **creative  
commons**





P R E F E I T U R A   D E  
**SANTO ANDRÉ**

REALIZAÇÃO - PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ

PAULO SERRA - PREFEITO MUNICIPAL

LUIZ ZACARIAS - VICE-PREFEITO

SIMONE ZÁRATE - SECRETÁRIA DE CULTURA

AZÊ DINIZ - SECRETÁRIA ADJUNTA DE CULTURA

MARCO MORETTO NETO - DIRETOR DE PLANEJAMENTO E PROJETOS ESPECIAIS

# ÓPERA PUNK

EXISTE ALGUÉM + PUNK DO QUE EU?

JAIRO COSTA &  
IZABEL BUENO

